


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PRISCILLA ALYNE SUMAIO

SINALIZANDO COM OS TERENA: um estudo do uso
da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos



ARARAQUARA – S.P.
2014

PRISCILLA ALYNE SUMAIO

SINALIZANDO COM OS TERENA: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti

Bolsa: FAPESP

ARARAQUARA – S.P.
2014

SINALIZANDO COM OS TERENA: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Conselho, Departamento, Programa de Pós Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estudos do Léxico

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cristina Martins Fargetti

Bolsa: FAPESP

Data da defesa: 27 / 02 / 2014

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

Membro Titular: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – FCLAR

Membro Titular: Profa. Dra. Christiane Cunha de Oliveira

Universidade Federal de Goiás– UFG
Faculdade de Letras

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho àqueles que me ensinam tanto: o povo terena e, em especial, os surdos terena.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de toda a vida, dono da sabedoria, por sua infinita graça.

Aos meus pais e meus irmãos, por todo seu apoio e amor incondicional.

À minha orientadora, por seu trabalho árduo e seu incentivo. Muito obrigada.

À FAPESP, que possibilitou a realização dessa pesquisa, financiando-a.

Ao povo terena, por me permitir fazer esse trabalho e aprender tantas coisas novas.

Ao meu namorado, Diego, por seu amor e carinho, por tudo que compartilhamos.

À Denise Silva, por me apresentar ao povo terena e me ajudar de diversas maneiras.

A todos os meus professores, em especial Angélica Terezinha Carmo Rodrigues e Christiane Cunha de Oliveira, integrantes da minha banca de qualificação e banca de defesa, pelas valiosas sugestões.

A todos os amigos e amigas que me ajudaram a ir em frente, acreditando em mim. Agradeço a Flávia de Freitas Berto por seus conselhos sobre meu trabalho e seu companheirismo. A Cristiane Nogueira Pereira por sempre me incentivar a progredir em meus estudos da língua de sinais brasileira e dos sinais terena. Ao Pr. Joinville Albernaz e sua esposa, irmã Regina Elizabeth de Almeida Albernaz, por suas orações e seu apoio. A Camila Serrador pela amizade e alegria de sempre.

RESUMO

O povo terena habita os estados de Mato-Grosso do Sul e São Paulo. Essa etnia conta com 28.845 pessoas (dados do IBGE, 2010), que estão divididas em 17 terras. Constataram-se terena surdos primeiramente na Comunidade Indígena de Cachoeirinha, de 9.507 habitantes e, em segunda viagem a campo, também em aldeias vizinhas, próximas ao município de Miranda-MS. A língua oral terena é amplamente falada, e também foi observado o uso de sinais pelos surdos terena, o que deu origem a esta pesquisa. O projeto envolveu o estudo da(s) língua(s) utilizadas por surdos terena de diferentes faixas etárias, sendo a maioria jovens. É notável que parte dessas pessoas não conheça a língua brasileira de sinais (LIBRAS). Alguns nunca frequentaram a escola ou tiveram contato com surdos usuários de LIBRAS. De maneira geral, os familiares dos surdos são ouvintes e falantes de português e terena, e os mais próximos conhecem os sinais terena. Alguns jovens estudam na cidade e estão avançando no uso e conhecimento da LIBRAS, porém estes mesmos jovens utilizam outros sinais na aldeia, com seus familiares ouvintes, amigos e outros surdos, que não sabem LIBRAS. Em última viagem a campo, em 2012, foram coletados sinais terena por meio de fotografia e vídeo, que foram analisados. Avaliou-se então a estrutura, a morfologia no uso desses sinais, e se chegam realmente a constituir uma língua. Entretanto, nesse momento, os aspectos linguísticos não puderam ser mais aprofundados, pois ainda está coletada uma quantidade reduzida de dados, que deverá ser aumentada para a pesquisa do doutorado. Observei também a cultura, educação, cosmovisão terena e surda, as relações dos surdos com seus familiares, professores, intérpretes, amigos e sociedade ouvinte.

Palavras-chave: línguas de sinais; sinais terena; LIBRAS; povo terena.

ABSTRACT

The terena people inhabiting the states of Mato Grosso do Sul and São Paulo. This ethnic group has 28,845 people (IBGE data, 2010) which are divided into 17 indigenous communities. Deaf Terena were discovered first at the indigenous village Cachoeirinha, of 9,507 inhabitants and, on second field trip, also in the neighboring villages, near the city of Miranda-MS. The Terena oral language is widely spoken, and the use of signs by deaf Terena was also observed, which gave rise to this research. The project involves the study of languages used by deaf Terena of different age groups, the majority being young. It is notable that some of these people do not know the Brazilian Sign Language (LIBRAS, from Língua Brasileira de Sinais). Some of them have never attended school or had contact with deaf users of LIBRAS. Generally, family members of the deaf are listeners and speakers of Portuguese and Terena, and the closest know the Terena signs. Some young people are studying in the city and are progressing in the use and knowledge of LIBRAS, but these same young people use other signs in the village with their listeners relatives, friends and other deaf people, who do not know LIBRAS. In last field trip in 2012, Terena signs were collected through photography and video, and were analyzed. It is necessary evaluate now the structure, morphology in the use of these signs and, if they really constitute a language. However, at that moment the linguistic aspects can not be more profound because a small amount of data was collected , and should be increased to the PhD research. I also observed the culture, education, Terena and deaf worldview, the relations of the deaf with their families, teachers, interpreters, friends and hearing society.

Keywords: sign languages; Terena signs; LIBRAS; Terena people.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	As línguas de sinais do leste europeu, de Albert Bickford	39
Tabela 2	Países africanos que possuem línguas de sinais	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Objetivos	15
2 APRESENTAÇÃO DO POVO, DA LÍNGUA, DOS SURDOS TERENA	17
2.1 Sobre a História do Povo Terena	17
2.2 Índios Surdos – Surdos Terena	21
2.3 Breve História da educação dos surdos e dos indígenas no Brasil – A relação entre índios, surdos e índios surdos	23
2.4 Em busca da língua terena de sinais	24
2.5 Linguística e as línguas de sinais	26
2.6 Os índios surdos no Brasil e no mundo	29
2.7 A relação entre o conhecimento dos índios surdos e sua educação	31
3 DISCUSSÃO SOBRE SURDEZ E LÍNGUAS DE SINAIS NO MUNDO E NO BRASIL	32
3.1 Sobre Surdez	32
3.2 Sobre surdos, línguas e a relação da aquisição da linguagem e cognição	35
3.3 A língua de sinais, a cultura e a identidade do surdo	37
3.4 Sobre gestos, sinais caseiros e sinais	41
3.5 Etiologia da Surdez	42
3.6 Línguas de sinais no mundo	44
3.7 Impressões sobre a língua de sinais Ka'apor	48
3.8 Análise dos sinais Ka'apor	50
4 DISCUSSÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA	61
4.1 Métodos: coleta e descrição dos dados	61
4.1.1 Métodos	65
4.2 Discussão de Teorias	69
5 DISCUSSÃO DOS DADOS TERENA	73
5.1 Análise de dados	73
5.2 Os sinais terena	73

5.3 Pronomes e Expressões Não-Manuais nos sinais terena	98
6 CARACTERÍSTICAS DOS SINAIS TERENA	100
6.1 Línguas naturais	100
6.2 Aspectos descritivos dos sinais	101
6.3 Evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais	102
6.3.1 Flexibilidade e Versatilidade	102
6.3.2 Arbitrariedade	102
6.3.3 Padrão	103
6.4 Contra-evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais	104
6.5 Sobre o uso dos termos ‘fonema’ e ‘fonologia’ em estudos de línguas de sinais	104
6.6 Sobre os parâmetros morfológicos e como os enxergamos neste trabalho	105
6.7 Morfologia das línguas de sinais	107
7 CONCLUSÕES FINAIS	111
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
ANEXOS	117

1 Introdução

O presente estudo se propõe abordar sinais, utilizados em uma comunidade indígena. O estudo de uma língua e/ou cultura indígena brasileira mostra-se como de extrema importância num contexto como o atual, em que a preservação e a valorização de uma língua podem significar a sobrevivência e afirmação cultural de um povo, além de permitir a discussão e o entendimento do funcionamento das línguas em geral, contribuindo com o diálogo com teorias.

O que dá a este trabalho uma identidade própria, dentre outras razões, é o fato de envolver dois grupos: surdos terena e ouvintes terena, cada uma com suas especificidades e elementos próprios, a começar pela diversidade das histórias de contato de cada sociedade com a chamada “sociedade majoritária”.

Coloca Shirley Vilhalva:

Podemos citar as Línguas de Sinais indígenas, praticadas pelos índios surdos existentes em diversas comunidades indígenas do país, onde cada uma delas traz consigo características culturais e linguísticas variadas, o que faz com que haja o interesse em registrá-las, assim como são registradas outras línguas brasileiras de diferentes comunidades, com suas especificidades culturais, étnicas, regionais etc. (VILHALVA, 2012, p. 15)

O registro dos sinais terena, portanto, se mostrou necessário e urgente, tendo em vista quão poucas informações há sobre eles e sobre línguas de sinais indígenas de maneira geral em nosso país. Para realizar esse registro baseada em fundamentação teórica, busquei informações não só sobre línguas de sinais, surdos e surdos terena, mas também sobre o povo terena e sua história.

A língua terena, família Aruak, é falada pelo povo homônimo que habita em várias comunidades indígenas nos estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. O estado de Mato Grosso do Sul abriga a segunda maior população indígena do país, com 65.984 pessoas, divididas em diferentes etnias. Segundo o último censo demográfico (2010) do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a etnia terena é a quinta com maior número de indígenas, por localização do domicílio, contando com 28.845 pessoas, divididas em 17 terras: Água Limpa, Limão Verde, Taunay/Ipegue, Aldeinha, Araribá, Buritizinho, Dourados, Ikatu, Kadiwéu, Lalima, Nioaque, Pilade Rebuá, Umutina, Nossa Senhora de Fátima, Terena Gleba Iriri, Cachoeirinha e Buriti.

Meu foco, a princípio, foi a comunidade indígena de Cachoeirinha, próxima ao município de Miranda, estado do Mato Grosso do Sul, onde a língua indígena é amplamente falada e onde se encontram grupos de pessoas surdas cujo tipo de língua me interessa. Apesar das discussões em torno das línguas de sinais, uma língua indígena de sinais é fato raro no país. Dificilmente tem divulgação na mídia, o que seria interessante para garantir ainda mais os direitos desses grupos minoritários.

Pude perceber, visitando a aldeia de Cachoeirinha, com a devida autorização da comissão de educação e do cacique, e sob a supervisão da pesquisadora Denise Silva – que trabalha com a língua oral terena há vários anos - e de minha orientadora que: existem várias pessoas surdas na comunidade - apesar de não se saber se a razão é genética ou de outro tipo - bem como em Babaçu, Argola e outras. Esses jovens foram receptivos à minha proposta, se comunicando comigo. Todos os que conheci inicialmente falavam a língua brasileira de sinais, apesar de apenas um deles falar com bastante fluência.

Conheci as famílias com filhos surdos¹, com quem conversei. O estudo dessas pessoas, das línguas que utilizam, gera uma sensação de integração em toda a comunidade. Não que os surdos sejam excluídos propositalmente, muito pelo contrário: toda a comunidade, os professores, e principalmente, as famílias desejam se aproximar e conhecer, de fato, quem são esses que falam outra língua, que possuem outra cosmovisão. Outras famílias, porém, com outros membros surdos, ainda seriam contatadas numa próxima visita à aldeia e consultadas sobre o desejo de participar do projeto, para uma maior coleta de dados e melhor análise da situação, até mesmo do ponto de vista demográfico, na medida do possível.

Alguns surdos são oralizados e fazem um pouco de leitura labial da língua portuguesa. Fazem isso também, mas com dificuldade, com a língua terena. Ainda assim, a bibliografia consultada e minha experiência como intérprete para surdos permitiram perceber que, de fato, a língua mais natural para o surdo é a de sinais. Desta forma, dar assistência à comunidade com oficinas sobre línguas de sinais, que foi um pedido formal feito a mim por parte dos professores, também se mostra parte importante do projeto, pois visa à integração, de fato, dos surdos à comunidade e inclui a observação de como isso se dá por meio da língua apropriada e do combate aos preconceitos.

¹ O termo “deficiente auditivo” é geralmente utilizado na literatura dentro do contexto médico, e, para muitos, representa um distanciamento entre surdos e ouvintes, destacando o que falta no surdo. Os surdos, inclusive os surdos terena, gostam de ser chamados de surdos (cf Gesser, 2009), por isso optamos por nomeá-los assim nesse trabalho.

Uma oficina com conceitos básicos sobre características de línguas visuais, o surdo e a surdez foi ministrada por mim na Escola Estadual “Cacique Timóteo” – que é uma escola da aldeia Cachoeirinha. Ao final foram ensinados tópicos básicos da língua brasileira de sinais como o alfabeto manual, os números, os cumprimentos e os dias da semana. Os professores receberam essa oficina com ansiedade e muito entusiasmo.

Percebi que a comunidade necessita e deseja muito ter professores e intérpretes autóctones, capacitados para atender a esses surdos terena da melhor maneira possível, interpretando as aulas e respeitando sua cultura surda e também indígena.

Como já dito, o trabalho envolve grupos distintos, destacando elementos da visão de mundo dos surdos e da visão de mundo dos ouvintes terena, que caminham juntas nesse caso. Espero, de maneira geral, poder colaborar para que ocorram mudanças positivas na comunidade em relação à língua e à cultura dos surdos.

Conversando com a direção e a coordenação da escola onde os jovens surdos estudam na cidade de Miranda, foi possível perceber que, apesar de a escola ser a referência em educação especial local, os alunos sofrem, sim, com o preconceito e a falta de conhecimento da sociedade envolvente.

Situação diversa dessa de preconceito e falta de conhecimento por parte de alguns dos que convivem com os surdos e ainda, surdos indígenas, parece haver entre os ka'apor, em que existe uma língua de sinais própria. Nesse grupo indígena, há algumas décadas, houve uma epidemia de boubá neonatal que resultou em surdez nos bebês. Estas crianças e seus familiares, portanto, criaram, sem influência externa alguma, uma língua de sinais própria. Esta é utilizada por toda a comunidade, tanto por ouvintes quanto por falantes, sendo toda a sociedade bilíngüe. De acordo com Jim Kakumasu (2005), pesquisador que registrou a existência dessa língua, ela diferencia-se da Língua de Sinais dos Índios da Planície Norte-Americana por ser intra-tribal e não inter-tribal.

Além da língua Kaapor de sinais, não há notícias de outras línguas indígenas de sinais no país. Entretanto, um grupo de pessoas terena surdas, localizado na comunidade de Cachoeirinha-MS, desperta a atenção da comunidade e de linguistas, pois os surdos estão se comunicando com sinais diferentes dos sinais da LIBRAS², então questiona-se se isso seria uma língua terena de sinais, criada por eles.

² A LIBRAS é uma sigla que designa “língua brasileira de sinais”, e foi criada por pesquisadores ouvintes. A sigla LSB designa “língua de sinais brasileira”, segue os padrões internacionais de siglas para línguas de sinais e foi criada pela comunidade surda. Optei pelo uso da sigla “LIBRAS” nesse trabalho devida a maior familiaridade

Este tipo de trabalho se justifica, portanto, por seu caráter inédito e relevante, por ser necessário verificar se esta língua indígena de sinais está realmente sendo utilizada e, se está, de que maneira, por estas pessoas. Ao lado da clara importância científica/acadêmica, apresenta importância social, por contribuir com a melhoria da condição de vida do surdo.

O estudo de universais lingüísticos - padrões que determinam certas características em línguas diferentes, em todo o mundo - está crescendo e muitas descobertas interessantes estão surgindo. Conhecemos autores que defendem o “universal lingüístico” de que verbo é verbo e nome é nome em todas as línguas. Entretanto, a realidade não é exatamente essa, há exemplos de línguas em que isso é muito mais fluido. Como exemplo consideramos a LIBRAS e outras LS: o mesmo sinal para ‘comer’ é usado para ‘comida’, o sinal para ‘beber’ também significa ‘bebida’, ‘correr’ para ‘corrida’ e assim por diante e isso não resulta em confusão, pois podemos compreender o significado do sinal devido a uma breve repetição do movimento do sinal que refere-se a nome e/ou também pelo contexto. O estudo de línguas de sinais (em especial, talvez, as ainda pouco descritas) pode ajudar a rever e quebrar universais como esse.

Sabemos que “mudar a história de comunidades para melhor pode parecer uma postura onipotente, porém é um fato que, após os primeiros estudos sobre línguas de sinais, as comunidades surdas passaram a ser mais respeitadas e sua língua valorizada.” (FERREIRA, 2010, p.13)

Não desejo estabelecer uma postura onipotente, mas se for confirmado que os sinais terena são parte constituinte de uma língua, então isso pode gerar maior respeito por e valorização desses sinais, dessa manifestação lingüística e pode melhorar a vida da comunidade surda terena; portanto, o fato da existência de uma língua pode ser considerado um objetivo de pesquisa, com consequências, no âmbito social, do trabalho científico.

É importante explicitar como os dados dessa pesquisa surgiram. Eles não foram coletados em sentenças completas em sinais terena. Foram dados que surgiram em diálogos em LIBRAS. Portanto, não tenho por hora pistas morfossintáticas dos sinais terena para fazer uma melhor categorização gramatical. Procurei fazer uma categorização semântica dos sinais pela falta de opção. Os critérios variam de língua para língua, mas não havia como aplicar esse conhecimento nesse momento. Os melhores critérios para classificação de nomes e verbos são os morfossintáticos (SCHACHTER, 1985). Os dados, porém, não ocorreram em situação normal de uso dos sinais terena, foram de maneira geral apenas citados. Há suspeitas de que exista uma língua de sinais terena. Entretanto, talvez os surdos que aparentemente só

que os brasileiros, em especial os que não trabalham com lingüística, tem com esse nome, tendo em vista seu uso constante na mídia e inclusive, pelo Ministério da Educação (MEC).

usam sinais terena hoje tenham tido contato com a língua de sinais brasileira há muitos anos atrás e não exista a ciência de que seus sinais atuais venham desses sinais aprendidos antigamente. Existem surdos que não tiveram escolaridade e se expressam de uma outra forma que aparentemente não é a língua de sinais brasileira. Entretanto, um estudo morfossintático mais aprofundado irá esclarecer melhor essas questões. Possuindo então conhecimento lexical de apenas alguns itens, espero obter mais dados posteriormente que confirmem a hipótese de que existe ou existia uma língua terena de sinais.

Nesta primeira seção do trabalho apresento o que ele aborda, ou seja, os sinais terena e a relação dos surdos terena com esses sinais e com a língua de sinais brasileira. Coloco também a justificativa para essa pesquisa e quais são seus objetivos.

Na segunda seção há informações sobre a história do povo terena, sobre sua origem e sua situação atual. Também falo sobre surdos e índios surdos, principalmente os surdos terena. Também é colocada a relação entre linguística e as línguas de sinais.

Na seção três discuto pontos de vista sobre a surdez, sobre a relação da aquisição da linguagem e cognição, as línguas de sinais do mundo e as do Brasil e comento sobre a relação entre língua, cultura e identidade do surdo e como isso influencia em minha visão na coleta e análise de dados. Pontuo também sobre o que vem a ser gestos, sinais caseiros e sinais e comento sobre a etiologia da surdez.

Na quarta seção coloco meus métodos de coleta e descrição dos dados. Descrevo como levantei os inquéritos de fala espontânea, gravados em formato de vídeo sendo os sinais terena fotografados posteriormente. Cito também os autores cujos trabalhos trouxeram contribuição para essa investigação, como Fargetti, Vilhalva, Giroletti, Neves, Givón e Schachter dentre outros.

A análise dos dados coletados encontra-se na quinta seção, com exemplos dos tipos de classe de palavra, com descrição linguística dos sinais e explicitando qual é a sua relação com a cultura local, com imagens que retratam o sinal e a trajetória de seu movimento. Comento também sobre a influência da LIBRAS no sinais terena.

Na sexta seção coloco características dos sinais terena, características das línguas naturais e evidências e contra-evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais.

Na sétima e última parte, estão as conclusões finais do trabalho. Nos trabalhos de campo realizados em 2011 e 2012 coletei dados relevantes para a investigação. Inicialmente, tive mais conhecimento sobre a realidade social e educacional dos informantes e

posteriormente mais dados linguísticos, que foram filmados, fotografados e analisados de acordo com teorias funcionalistas e teorias de pesquisadores de línguas de sinais nacionais, como a língua ka'apor de sinais (Kakumasu) e a LIBRAS (Ferreira, Karnopp, Quadros, Gesser). Algumas características foram analisadas, mas são necessários mais dados para se chegar a maiores conclusões sobre os sinais terena constituírem uma língua de fato ou não. Essas maiores coletas serão realizadas no doutorado.

1.1 Objetivos

Ciente de que há uma situação de contato (aldeias muito próximas à área urbana), que a LIBRAS, língua oficial brasileira é uma variedade de prestígio que se opõe a variedades estigmatizadas - como as utilizadas por indígenas - inclusive por eles mesmos, não desejo assumir de antemão que a LIBRAS influencia diretamente os sinais terena, entretanto, devo admitir que essa influência é possível pelos fatores citados.

Os objetivos do trabalho, portanto, eram confirmar se existiam, de fato, sinais próprios dos terena, filmar o uso desses sinais e posteriormente, fotografá-los de forma sistematizada para a pesquisa, analisar qual é a relação desses sinais com a LIBRAS, ou, no caso de se tratar apenas de uma variedade da LIBRAS, quais são as diferenças na língua utilizada dessa região em comparação com a LIBRAS utilizada no sudeste.

Pretendi, também, além de avaliar sua relação com a língua brasileira de sinais, fazer uma análise da influência da cultura terena sobre o surgimento e uso desses sinais terena.

O estudo também tencionou lançar luz sobre as difíceis questões que os povos indígenas precisam enfrentar, hoje, com a expansão da educação escolar indígena, mas que ainda encontra barreiras, por muitas famílias imaginarem que a melhor educação, ou a única maneira de aprender a se defender do “branco”, é aprender tudo o que ele sabe, ou seja, aprender na escola dele, na cidade, e não na escola da aldeia. Era relevante, portanto, avaliar não só o contexto linguístico, mas também o contexto cultural, antropológico, educacional e psicológico dessas pessoas.

Levantei essas, dentre outras questões: era necessário saber se os surdos terena estão, de fato, criando e utilizando sinais nativos. Se sim, como surgiram? Por influência da LIBRAS? Os pais conhecem um pouco sobre línguas de sinais? Os surdos terena sofrem preconceito? Na comunidade ou na cidade?

Podemos colocar que os objetivos desta investigação, em resumo, foram:

1. Observar, registrar e analisar os sinais usados pelos surdos terena e como elementos do seu léxico, sua cultura e sua identidade, buscando reconhecer se trata-se de uma língua e
2. Propor melhoria da educação e qualidade de vida em geral do índio surdo baseada na valorização desses sinais

2 Apresentação do povo, da língua, dos surdos terena

2.1 Sobre a História do Povo Terena

Sobre a sua origem, é importante destacar que “o povo terena, juntamente com os Laiana e os Kinikinau, faz parte da história de grupos indígenas que vivem em várias regiões e países da América.” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 11)

De acordo com os antropólogos Azanha e Ladeira,

O Mato Grosso do Sul abriga uma das maiores populações indígenas do país. Os Terena, por contarem com uma população bastante numerosa e manterem um contato intenso com a população regional, são o povo indígena cuja presença no estado se revela de forma mais explícita, seja através das mulheres vendedoras nas ruas de Campo Grande ou das legiões de cortadores de cana-de-açúcar que periodicamente se deslocam às destilarias para a changa, o trabalho temporário nas fazendas e usinas de açúcar e álcool. Essa intensa participação no cotidiano sul-matogrossense favorece a atribuição aos Terena de estereótipos tais como “aculturados” e “índios urbanos”. Tais declarações servem para mascarar a resistência de um povo que, através dos séculos, luta para manter viva sua cultura, sabendo positivar situações adversas ligadas ao antigo contato, além de mudanças na paisagem, ecológica e social, que o poder colonial e, em seguida, o Estado brasileiro os (sic!) reservou. (AZANHA; LADEIRA, 2004, ISA)

Sabemos que “a tradição oral revela os momentos mais significativos da história dos povos indígenas. A língua falada pelos Terena é a mais importante fonte que se tem para se conhecer parte da história mais recente e também do passado mais distante.” (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 11)

As autoras estão se referindo à língua oral terena. Entretanto, acreditamos que os sinais, e possível língua de sinais dos terena, também possuem essa característica, ou seja, são capazes de fornecer informações valiosas acerca da história dos surdos terena, dos processos pelos quais passaram e pelos quais ainda estão passando ou passarão, no desenvolvimento de seus conhecimentos, sua cultura, suas identidades como indivíduos e também como surdos e indígenas. As antropólogas também colocam que

Podemos conhecer o passado dos Terena pelos produtos da cultura material, como objetos de cerâmica, de tecelagem, instrumentos musicais, que revelam muito dos hábitos e costumes antigos e que atualmente nem sempre existem mais. Pode-se também recorrer aos textos escritos, desenhos, pinturas, fotografias feitos por brancos que estabeleceram contatos em diversos momentos com os Terena. (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p.11)

Além de revelarem histórias do passado desse povo, devemos perceber que os sinais terena, assim como os sinais da LIBRAS e de qualquer outra língua de sinais, possuem uma grande carga de iconicidade. Por isso, conhecer a cultura material terena e seus elementos, como colares de sementes, potes de cerâmica, cocares, pintura corporal nos permitiu questionar acerca de sinais para falar³ desses importantes símbolos culturais. Conhecemos os sinais para esses objetos, que são diferentes da LIBRAS e não parecem ter sofrido influência dessa língua. Os sinais terena também não parecem sofrer de alguma maneira influência da língua oral terena, visto que os surdos terena com os quais trabalhamos nunca passaram por tratamento com fonoaudiólogos específicos com treinamento para oralização nem de português e nem de terena. Na coleta de dados com eles e com suas famílias, também tomei conhecimento de que eles oralizam poucas palavras do português, como pude também presenciar em estada na aldeia, como “água”, “leite”, “nenê”, “mãe” e alguns palavrões. Com exceção de um deles, Nilton, que oraliza muito bem a língua portuguesa, os outros surdos terena não o fazem, e nem demonstram interesse ou necessidade de fazê-lo. Alguns deles (Elcio, Everton, Maria Elisa, Hudson, Nilton, Jucilene e Regiane) como já dito, frequentam ou já frequentaram a escola na cidade e, portanto, conhecem muito do léxico da língua portuguesa devido ao processo de cópia, de escrita e de leitura, mas o processo de oralização dessa língua não se faz presente. A maioria desses surdos percebe que existe uma grande diferença entre a língua oral terena e a portuguesa, e tenho informações que mostram que essa descoberta, a princípio, pode causar espanto. A mãe de Hudson conta da surpresa dele quando percebeu que seus pais estavam falando numa língua diferente de seus outros conhecidos, afirmando que eles estavam “falando errado” e então ela explicou a ele que a língua dos avós, a língua falada na aldeia era diferente. O interesse pela língua terena existe, mas não por sua oralização, entretanto cheguei a presenciar raras vezes os informantes oralizando algo dessa língua, como “Ye Hakapú” (expressão que indica ordem para “fazer algo depressa”). Como se percebe, então, a língua oral terena não parece ter influenciado nos sinais usados pelos surdos desse povo.

O nome Aruák vem de povos que habitavam principalmente as Guianas, região próxima ao norte do Brasil e algumas ilhas da América central, na região das Antilhas. Quando os Europeus começaram a dominar a região, os Aruák dividiam e disputavam o mesmo espaço com outro povo indígena, os Karib. E foi com estes

³ O verbo “falar” é comum nos trabalhos da área de línguas de sinais, apesar de a língua não ser oral, e, portanto não falada.

dois povos que os europeus tiveram seus primeiros contatos. Tal como aconteceu com o nome Karib, que passou a designar aquela região, o Caribe, também o nome Aruák veio a ser usado pelos europeus para identificar um conjunto de línguas encontradas no interior do continente sul-americano.(BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p.12)

No livro “A História do Povo Terena”, também se pode conhecer as quatro áreas em que vivem atualmente os povos Aruak no Brasil, sendo que

a quarta e última área é a que corresponde aos grupos que vivem na região mais meridional da família Aruák no Brasil. É o povo Terena, que habita na região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai, no estado do Mato Grosso do Sul. Na década de 30 um grupo de Terena foi transferido para o estado de São Paulo, numa área onde vivem os Kaingang e Nhandeva (Guarani), na região de Bauru. Em consequência desta migração, há meio século que a língua Terena também é falada nesta região.(BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p.18)

Todos os grupos indígenas da família Aruak citados pelas autoras, como os Moxo, os Choné e os Guaná e os Terena,

tem diferenças entre si, mas possuem uma mesma língua de origem. Além desta proximidade que indica uma origem comum, estes grupos têm semelhanças na forma de sua organização social. Todos esses grupos possuem ou possuíram formas de organização internas características, sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica. (BITTENCOURT;LADEIRA, 2000, p.18)

Pode-se sentir a presença dessas formas de organização característica nas aldeias de Cachoeirinha, Babaçu, Morrinho e Argola, nas quais trabalhamos. Conheço pessoas e famílias que trabalham com agricultura, tirando dela o seu sustento bem como mulheres que trabalham com cerâmica, que atualmente é feita apenas para uso comercial; mas não tive contato com pessoas que conhecem as técnicas de tecelagem, embora pudesse notar que vários homens são obrigados a aceitar o trabalho na changa, ou seja, como cortadores de cana, com péssimas condições de trabalho, para ter como manter o sustento da família. Isso é colocado pelas autoras também e, passada mais de uma década, a situação não aparenta ter mudado. Vi também muitas famílias que gostariam de continuar com a tradição da agricultura, mas que estão impossibilitadas disso, por falta de terras e devido a pestes que acabam com as plantações. As escolas indígenas dentro das aldeias parecem oferecer a esperança de dias melhores, com mais educação e capacitação para todos, resultando em mais condições para se conseguir bons empregos e melhores condições de vida. Entretanto, ainda faltam

oportunidades e condições de trabalho para os terena, tanto dentro das áreas indígenas quanto fora delas, onde o preconceito ainda pode ser um grande fator impeditivo.

Bittencourt e Ladeira falam do direito dos diversos povos indígenas no Brasil, que são diferentes, de defenderem essa diferença, mantendo sua língua e seus costumes tradicionais, o que é garantido pela Constituição Brasileira de 1988:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, Art. 231)

O direito a preservação e estudo das línguas indígenas nas escolas também é lembrado na Constituição, no artigo 210, parágrafo 2º: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.”

Penso que os sinais terena, utilizados pelos surdos terena desde sua infância, caso se mostrem como uma língua de sinais, de fato, podem ser entendidos como uma língua materna terena – no caso, especificamente dos surdos terena. Essa constatação pode gerar, portanto, uma série de mudanças e renovações no ensino desses surdos terena nas aldeias, que na prática poderia ser a capacitação de surdos terena e de professores terena ouvintes ou ainda outros ouvintes interessados em LIBRAS, sinais terena e as línguas orais utilizadas na comunidade para que trabalhem com esses surdos, além de maior capacitação para todos os professores que trabalharem com eles, salas de recursos nas escolas indígenas, materiais pedagógicos adaptados e apropriados para essa situação, dentre outras mudanças necessárias e desejadas pela comunidade.

Pode-se observar que os terena tiveram três grandes momentos em sua história, que se destacam (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000,p. 25): o primeiro foi a saída do Êxiva (no século XVI), conhecido pelos não-indígenas como Chaco Paraguaio, transpondo o rio Paraguai e chegando à região do atual estado de Mato-Grosso do Sul. Esse é o chamado “Período dos Tempos Antigos”. Em seguida veio a Guerra do Paraguai (1846-1870) e com ela muitas mudanças para os terena. Esse período é denominado “Tempos da Servidão”. O terceiro momento corresponde à delimitação de terras constituindo as reservas terena (em 1905), com a chegada da comissão construtora das linhas telegráficas chefiadas por Rondon, e que continua até os tempos atuais (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000,p. 26). Percebe-se que as lutas dos terena continuam, para garantir seu direito às terras e ao usufruto delas, seu direito ao uso de suas línguas, direito à educação, cultura, trabalho, saúde, qualidade de vida.

Bittencourt e Ladeira relatam como a Guerra do Paraguai afetou profundamente a história do povo terena. Esse povo, que sempre se dedicou à agricultura, forneceu alimentos para os combatentes nessa guerra, além de enfrentar bravamente o exército paraguaio (idem, p. 56). Porém, quando os combatentes terena retornaram, muitas terras de posse dos índios haviam sido tomadas e vendidas em leilão; essas terras eram dos índios considerados como não mais “selvagens”, os que viviam sem conflitos com os chamados “civilizados” (ibidem, p. 76).

Esta era uma nova situação da história da propriedade da terra no Brasil e afetou muito a vida dos grupos indígenas. Pela primeira vez o governo do Império estabelecia em lei a diferença entre “índio bravo – índio manso”. O “índio bravo” era selvagem porque defendia através das armas a sua terra, e nesse caso o governo reconhecia sua posse. Agora, o “índio manso” não brigava mais, então podia ser expropriado de sua terra. E esta era a condição do povo Terena. (BITTENCOURT; LADEIRA, 2000, p. 76)

Até hoje pode-se ver as conseqüências dessa tomada da maior parte de suas terras na vida dos terena. Muitos homens terena foram obrigados após esse período a trabalhar forçadamente em fazendas das regiões de Miranda, sob falsa acusação de roubo, como punição. Trabalharam por anos em uma condição semelhante à de escravidão, sob ameaças constantes de morte e torturas.

Pode-se perceber que a história do povo terena tem marcas de lutas, sofrimentos e conquistas.

2.2 Índios Surdos – Surdos Terena

Minha primeira experiência mais concreta, ou seja, inserida numa comunidade indígena, ocorreu no ano de 2009. Em meu primeiro ano na universidade, juntamente com um grupo de colegas, pesquisei sobre produção textual e produção textual com surdos. Minha orientadora, que pesquisa a língua juruna há mais de 20 anos, sempre citava a beleza da cultura e da língua desse povo, o que despertou em mim a vontade de conhecê-los e aprender com eles. No segundo ano de minha graduação, então, comecei a trabalhar com numerais, matemática e educação escolar indígena dos yudjá (autodenominação). Fui para o Xingu, para a aldeia Tubatuba, em julho desse mesmo ano, com minha orientadora, a Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti. A grandeza desse lugar e desse povo causou um profundo impacto em mim e me despertou a buscar cada vez mais conhecimento das culturas indígenas. Posteriormente,

pude fazer mais duas coletas de dados, uma com uma informante, Yawadá, que mora em Brasília, mas veio até Araraquara trabalhar com minha orientadora, comigo e outros pesquisadores do mesmo projeto e outra vez em Piracicaba, com professores juruna que vieram trabalhar conosco. Trabalhei com o povo Yudjá por 3 anos, até concluir minha graduação, e essa pesquisa de IC resultou em uma monografia.

No início de 2010, tive a oportunidade de conhecer o povo terena. Passava então as férias na casa de um tio que mora em Aquidauana e que trabalha com muitos terena das aldeias dessa região. Ele convidou a mim e a minha família para conhecermos algumas aldeias e, sempre com a autorização dos respectivos caciques, fizemos isso. Em dois dias de visitas, pude conhecer 8 aldeias. Fiquei igualmente encantada por esse povo, sua cultura material, a beleza natural de suas terras. Mas não imaginava que um dia iria trabalhar com eles. Aprendi Língua de Sinais Brasileira e trabalhei como sua intérprete por aproximadamente três anos, até o primeiro ano da graduação (2008). Depois, não pude mais continuar com esse trabalho, que sempre apreciei. O que não esperava é que no final de 2010, uma colega do doutorado, pesquisadora da língua oral terena, procuraria alguém que conhecesse LIBRAS e tivesse conhecimento e/ou desejo de trabalhar com povos indígenas para trabalhar com os surdos terena. Não nos conhecíamos ainda, então nossa orientadora nos apresentou. Conversamos sobre o assunto, sobre esse desejo de Ondina, mãe de três filhos surdos (Maria Elisa, Everton e Elcio, conhecidos como Tainara, Bebeto e Dully, respectivamente) de Cachoeirinha e também de outras pessoas da região. Em 2011 – julho – pude ir para o Mato Grosso do Sul, com o apoio da CAPES e Abralín/IPHAN para conhecer a comunidade, os surdos e assim, organizar meu projeto de mestrado. Fiquei em torno de 15 dias hospedada próxima a Aldeia de Cachoeirinha.

Ficou bastante claro para mim nessa viagem que, apesar da lei 10.436, de 24 de abril de 2002 que reconhece a LIBRAS como língua oficial do país e do decreto 5.626/2005 - os quais colocam em pauta a comunidade surda e seus direitos - muito falta ainda para o efetivo conhecimento e reconhecimento dessa língua e dessa comunidade (surda). Dos surdos indígenas também pouquíssimo ainda se sabe.

Quando fiz essa primeira viagem, suspeitávamos da existência de uma língua terena de sinais, de acordo com relatos de Ondina (e outras pessoas) e também por conhecermos casos de outras línguas de sinais que surgem espontaneamente quando há contato entre surdos, como por exemplo, no caso dos ka'apor.

Coloquei-me à disposição, então, para conhecer melhor a história e cultura do povo terena, os surdos terena e seus sinais, fazendo um estudo lexicológico também visando à melhoria da educação para os surdos indígenas, buscando sempre a valorização das cosmovisões tanto surda quanto indígena e seus direitos.

Desse modo, me dediquei a conhecer melhor os surdos terena, suas famílias, seus amigos, professores, intérpretes, todo seu contexto e registrar seus sinais, buscando entender como esses se ligam a sua realidade/cultura e influenciam na construção de sua identidade.

Assim, buscamos registrar os sinais, entender sua origem e seu uso, e procuramos perceber a conexão entre eles, se existe uma estrutura, uma gramática, ou seja, se podemos considerar que existe uma língua terena de sinais.

Comecei meu trabalho na aldeia de Cachoeirinha, do município de Miranda-MS, onde mora Ondina, mãe de três filhos surdos e, à medida que o trabalho avançava, pude conhecer surdos nas aldeias Babaçu, Morrinho e de Argola (uma senhora), bem como outros de Cachoeirinha e assim, hoje trabalho com informantes dessas aldeias também, onde todos falam terena e português, exceto em Babaçu, onde apenas se fala português atualmente.

2.3 Breve história da educação dos surdos e dos indígenas no Brasil – A relação entre índios, surdos e índios surdos

Sabe-se que os surdos durante muito tempo foram perseguidos ao longo de sua história, considerados na Idade Média incapazes de aprender, de receber educação formal, doentes mentais e até mesmo endemoniados pela Igreja e pela sociedade, que considerava que estavam presos espiritualmente e por isso não podiam “falar”. Os surdos muitas vezes viviam isolados em suas casas, proibidos de sair e ter vida social, ou colocados em internatos para surdos em que tinham suas mãos amarradas e castigadas quando tentavam se comunicar por meio de gestos e outros sinais com outros surdos. Eram obrigados a treinar a leitura labial e a oralização com seus professores, mas o fato de estarem juntos no mesmo local só colaborou ainda mais para o crescimento e fortalecimento da língua de sinais, que eles utilizavam à noite, escondidos, à luz de velas, fazendo valer de qualquer forma seus direitos linguísticos e sociais. Em 1400, há notícias de padres com uma visão diferente, que buscavam conceder aos surdos uma educação formal diferenciada, voltada só para eles. Alguns educadores, como o monge beneditino Pedro Ponce de Leon (1520-1584) na Espanha e o abade Charles Michel

de L'Épée (1712-1789) na França (GOLDFELD, 1997) começaram a aprender as línguas de sinais dos surdos e começaram a mudar sua metodologia, ensinando não só com as línguas orais, mas também com as de sinais que aos poucos iam aprendendo. Com o passar do tempo, mais escolas para surdos foram surgindo, e com os professores de surdos, metodologias como o oralismo, o uso da datilografia, os sinais, a escrita da língua oral e a comunicação total, ou seja, o uso de todas essas metodologias com os alunos. Hoje em dia, no Brasil, são utilizados o bilinguismo, o oralismo e a comunicação total, segundo Márcia Goldfeld (idem).

Em relação aos índios do Brasil, calcula-se que existiam de 3 a 5 milhões quando da chegada dos portugueses. Esse número, como se sabe, foi reduzido drasticamente devido a pestes, doenças diversas, dizimação pelos colonizadores, além de guerras entre eles.

Muitos grupos indígenas foram proibidos de usar suas línguas, de realizar seus ritos, de ter sua própria religião. Foram obrigados a aprender português e obrigados a agir como os europeus e trabalhar para eles.

Os índios, assim como os surdos no Brasil e tantos outros países do mundo, sabem o que é não poder se expressar em sua língua materna ou sua língua mais natural, não poder escrever com ela e viver sua cultura livremente, sem ser punido ou julgado por isso.

O índio surdo conhece essas duas realidades. E sabe também que vive em um meio de diversidade linguística (multilíngue). Em um meio em que se fala a língua portuguesa, a língua terena, a língua espanhola e/ou inglesa na escola, a LIBRAS e também os sinais terena, o surdo terena luta e resiste, com perseverança, em seus direitos linguísticos, sociais e cognitivos. Ele não deseja se esconder, passar por ouvinte, como muitos já precisaram fazer, mas deseja ser aceito e respeitado em sua totalidade, e para a realização desse objetivo a comunidade deseja contribuir.

Este trabalho pretende buscar o conhecimento dos sinais terena, situado na linha de Estudos do Léxico e contribuir para o desenvolvimento de novas teorias linguísticas, bem como contribuir com a comunidade surda e pesquisadores que desejam conhecer as línguas de sinais do Brasil, de diferentes lugares, ainda pouquíssimo registradas.

2.4 Em busca da língua terena de sinais

Como já citado, em 2010 recebi a notícia da existência de índios terena surdos nas aldeias do município de Miranda, no Mato Grosso do Sul. Organizei-me então, em 2011, com tudo que seria necessário, para ir ao encontro deles e organizar meu projeto de mestrado.

Nessa ocasião, parti sozinha. Não pude levar um especialista em cinematografia e fotografia, e também não sabia o que esperar, o que poderia encontrar de evidências linguísticas e culturais.

Fui muito bem recebida pela comunidade. Logo no início fui convidada para uma reunião com a comissão de professores de Cachoeirinha, para que pudesse me apresentar, explicar o meu trabalho e conhecê-los. Eles apreciaram a proposta e solicitaram uma oficina sobre surdos e línguas de sinais, que eu já havia preparado previamente, avisada por colegas e também pela experiência com o povo juruna, que sempre espera por oficinas de formação em sua escola (embora eu não tenha trabalhado sobre línguas de sinais com eles).

O momento da oficina, logo nos meus primeiros dias de trabalho de campo, me permitiu conhecer melhor os professores, os alunos, os surdos e as famílias e os amigos dos surdos na comunidade. Foi uma excelente oportunidade para troca de ideias, de conhecimento e reflexão. Em determinado momento da oficina, os professores me pediram licença para discutir entre eles na língua terena. Eu havia acabado de explicar que os surdos gostam de ser chamados de surdos, não de “surdos-mudos”, porque não são mudos, ou de “mudinhos”, “bobos” ou outros nomes que não são convenientes e muitas vezes ofensivos, mas que a sociedade muitas vezes não entende dessa maneira (GESSER, 2009). Eles chegaram à conclusão de que não deveriam mais utilizar a palavra que antes utilizavam para se referir ao surdo, mas outra. Falaram-me também do grande desejo de conversar com os surdos, de fazer com que se sintam mais integrados, o que não conseguem realizar a não ser por meio de um abraço, um sorriso, gestos e apontamentos. Fica claro, então, que não só desejam cursos de LIBRAS mas que também deles precisam, e também dos sinais terena, os professores, familiares e todos os interessados na realidade linguística e cultural dos surdos na comunidade.

Nessa primeira viagem conheci seis surdos terena: Elcio, Everton, Maria Elisa, Nilton, Jennifer e Hudson. Visitava as casas da família explicando minha intenção de organizar o projeto de mestrado e coletando dados. O fato de a comunidade ser bilíngue certamente viabiliza mais o trabalho, pois podia me comunicar com as famílias em português, além de usar LIBRAS com todos esses surdos que a utilizam, exceto por Jennifer, na época com 5 anos, que ainda não aprendeu essa língua.

Todos esses surdos, exceto por Jennifer, estavam e ainda estão na escola, todos na cidade de Miranda (Elcio agora está na escola pública em Campo Grande e Jennifer em escola estadual indígena na aldeia).

Nesses dias me comunicava apenas em LIBRAS com eles, sendo que dois deles (Everton e Tainara) pouquíssimo falavam comigo, demonstrando bastante timidez, geralmente apenas sorrindo e fazendo alguns apontamentos e gestos. Entretanto, pude presenciar um momento de comunicação intensa e expressiva entre Tainara e uma prima sua, com sinais que eu não conhecia, diferentes dos sinais da LIBRAS. Pelos relatos de Ondina também, pude perceber que havia muito ainda a ser descoberto.

Em agosto de 2012, juntamente com Evandro de Oliveira Silva, cinegrafista, estive nas aldeias Cachoeirinha, Babaçu, Argola e Morrinho e também em Campo Grande, no estado do Mato Grosso do Sul, para realizar coleta de dados, para que grande parte dos objetivos fosse alcançada.

Uso e usarei aqui o termo ‘surdo terena’, seguindo o modelo de denominação de outros pesquisadores, e também com a aprovação da comunidade indígena em geral e dos próprios surdos.

Muitas vezes, pode acontecer de o surdo não ter consciência de sua condição, ou levar bastante tempo para adquirir esse conhecimento. Pude observar que os surdos terena já passaram pela fase de saber que são surdos (exceto por um informante, mais novo), e, com perseverança e confiança, procuram fazer valer sua presença na comunidade, seu saber diferente, sua visão, seus direitos, enfrentando qualquer preconceito que possa surgir.

Procurei sempre deixar claro nas oficinas que ofereci, e também nas conversas com as famílias, que a LIBRAS, bem como outras línguas de sinais são línguas, com estrutura, padronizadas, com gramática, com arbitrariedade e tudo mais que as línguas de sinais também possuem. Colocamos que as LS são tão importantes quanto as línguas orais e seu uso deve ser incentivado e valorizado pela comunidade.

Convivendo com língua de sinais, com a comunidade surda, descobri uma nova visão de mundo, uma outra realidade. É um grande desafio para ouvintes como eu adentrarem pouco a pouco nesse universo visual, mas é também fascinante contemplar essas diferenças com admiração e poder compartilhar dos ricos conhecimentos dessa comunidade.

2.5 Linguística e as línguas de sinais

Considerando que a linguística é o estudo da linguagem em seu todo, sendo que, por ser algo abstrato, focamos o estudo das línguas, que são a manifestação linguística de maneira

mais concreta e sistematizada (MUSSALIN; BENTES, 2011) e seus atributos variados, visando entender o seu funcionamento como um todo, podemos concluir que o estudo das línguas de sinais pode contribuir grandemente para esse objetivo. Além disso, o estudo de línguas de sinais pode colaborar, como também no caso de línguas orais, línguas orais minoritárias, para o avanço da educação, validação de direitos sociais, melhorias na vida entre a sociedade majoritária.

Quadros e Karnopp (2004) relembram características das línguas naturais: flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação, padrão de organização dos elementos e dependência estrutural.

A LIBRAS possui todas essas características (GESSER, 2009) e não só por ser uma língua em pleno crescimento e ultimamente com mais divulgação devido a leis recentes que a envolvem inclusive demandando diversas mudanças na educação no país, ela também chama a atenção por ser uma modalidade diferente de língua, com a qual podemos aprender diferentes especificidades. Exemplos disso podem ser, por exemplo, os verbos que se modificam com a presença da negação (negativos), ex.: ‘não quero’ versus ‘quero’, ‘não posso’ versus ‘posso’, ‘não tenho’ versus ‘tenho’, ‘não sei’ versus ‘sei’ e alguns substantivos (nomes) que, somados a pronomes possessivos, se modificam, ex.: ‘meu nome’, ‘seu nome’, ‘meu sinal’, ‘seu sinal’. Também em verbos como ‘ajudar’, ‘dar’, ‘receber’, existem mudanças morfológicas ou talvez poderíamos dizer fonológicas, ou seja, que mudam a estrutura interna do sinal de acordo com o pronome pessoal (o interlocutor), ex.: ‘eu te ajudo’ que é diferente de ‘você me ajuda’ e ‘eu te dou’ que é diferente de ‘você me dá’.

Temos grandes expectativas também em relação a esses elementos dentro das línguas de sinais indígenas. Esperamos que os estudos dessas línguas possam contribuir ainda mais não só para os Estudos Surdos, mas para a ciência em geral.

O Summer Institute of Linguistics pontua que há registro da existência de mais de 121 Línguas de Sinais no mundo (conforme citaremos adiante) mas, a exemplo do que vemos no Brasil, podemos imaginar que haja muito mais, e que portanto, temos muitos dados ainda a serem descobertos, elementos a serem desvendados.

No Brasil, ainda temos poucos cursos de ensino superior em LIBRAS. Temos somente nas universidades UFPA (primeira turma), UFSC, e UFG. Há projetos para cursos de graduação em breve em algumas instituições além de alguns cursos de pós-graduação, mas muitos mais precisam ainda ser oferecidos considerando o tamanho do país, a sua população e a população de surdos local. Esses cursos, porém, tem possibilitado a formação de surdos na graduação e

pós-graduação (como na UFSC e na UNB) e estimulado as produções científicas na área, além do incentivo à criação de mais escolas bilíngues, para crianças surdas. Entretanto, ainda são necessárias mais produções literárias sobre LIBRAS e outras línguas de sinais do país. Como cita a pesquisadora Shirley Vilhalva, apesar de o país contar com diversos grupos indígenas “que falam 170 línguas orais, há apenas uma Língua de Sinais registrada – a LSK (Língua de Sinais Ka’apor) – cuja existência é mencionada apenas em dicionários ou mesmo em sites” (VILHALVA, 2012, p. 29). Contudo, tive acesso a um material em vídeo desses sinais ka’apor, os quais discutirei brevemente a seguir.

É fundamental para o surdo e em especial para a criança surda (em fase de aquisição da linguagem) conviver com outros surdos e conhecer a língua de sinais o mais cedo possível, para o seu desenvolvimento social, educacional e até porque a falta da língua pode prejudicar sua cognição, assim como acontece no caso de ouvintes com as línguas orais. Por isso me preocupo com a situação de Jennifer, que é criança, e ainda não adquiriu nenhuma língua. Ela apenas oraliza poucas palavras do português, mas não oraliza nem faz leitura labial do português, do terena, nem sabe LIBRAS (só poucos sinais) e também não conhece os sinais terena. Visitei Jennifer e sua família junto com Tainara e Graciele (prima de Tainara, também surda), elas lhe deram seu sinal (nome próprio em LS) e as incentivei a visitar Jennifer, mantendo sempre contato, ensinando a ela a LIBRAS e os sinais terena. Sua família é toda de ouvintes, que não sabem LIBRAS nem sinais terena. Quanto aos outros informantes, creio que tiveram mais contato com outros surdos e, se não com outros surdos, com pessoas da família que entendiam e ajudavam a estabelecer seus sinais.

Convivendo com os terena surdos e suas famílias, em especial suas mães, conheci alguns de seus sinais. Esses sinais seriam chamados, talvez, de sinais caseiros ou sinais emergentes. Entretanto, neste trabalho usarei apenas o termo “sinal” e/ou “sinal terena”, exceto quando se tratar, de fato, de um sinal caseiro, ou seja, de um sinal particular de um surdo e sua família, que não seja conhecido ou utilizado pelos outros surdos terena com quem trabalhamos.

Por um lado os sinais são, de fato, ‘desenvolvidos, construídos’ em casa, pelos surdos, juntamente com seus familiares ouvintes e/ou outros surdos, o que faz deles sinais caseiros. Esses sinais também emergiram em algum momento, provenientes de situações diversas em que era necessário estabelecer comunicação, e provavelmente em um tempo não tão distante, o que faz deles, talvez, sinais emergentes.

Entretanto, no caso dos sinais terena, acredito que eles possam e devam ser chamados assim, apenas de sinais ou sinais terena, porque ao que tudo indica, os sinais que coletei já não estão mais na fase inicial de serem construídos, desenvolvidos em casa e não estão emergindo agora mas já foram estabelecidos, fixados, padronizados por seus usuários, os surdos terena e pessoas próximas. Portanto, acredito que será mais apropriado chamar-lhes “sinais”, evitando, também, qualquer sentido pejorativo/preconceituoso que os adjetivos ‘emergente’ ou ‘caseiro’ podem carregar. Mesmo porque, apesar de os termos “sinal caseiro” e/ou “sinal emergente” explicitarem, sim, parte do que seus referentes significam, parece que não atingem a totalidade do significado desses referentes, que vem a ser, de fato, sinais.

Nas quatro aldeias que citei, além de Campo Grande, para onde alguns surdos se mudaram, conheci surdos que fazem uso desses sinais terena e, na maioria das vezes, os mesmos sinais, iguais, que usam entre si e com os quais alcançam entendimento, estabelecendo comunicação entre eles, apesar de as aldeias serem distantes, e as casas em Cachoeirinha também.

Diante disso, desse aparente padrão de uso, dessa organização, teríamos motivos para acreditar que se trata de uma língua? Como exatamente é possível determinar o que é uma língua e o que não é? Será, talvez, necessário esperar mais alguns anos observando e analisando o uso desses sinais para determinar isso? Como será a aquisição da linguagem se nascerem mais crianças terena surdas?

A língua, segundo a visão funcionalista, tem como primeira função servir para estabelecer comunicação com um par (NEVES, 2004). Vemos a motivação para a criação dos sinais terena baseada nessa necessidade constante de expressar idéias, se fazer entender e entender o outro, observando os surdos e os ouvintes terena.

Para entender melhor como esse sistema se constitui, buscamos referências em trabalhos semelhantes, realizados no Brasil e em outros países. O trabalho de Vilhalva nos mostra vários indícios de línguas de sinais (terena e guarani) no Mato Grosso do Sul, bem como a pesquisa da educadora Giroletti, com surdos Kaingang.

2.6. Os índios surdos no Brasil e no mundo

Trataremos aqui das informações atuais sobre índios surdos no país, incluindo o povo terena, em outros países, e da necessidade de mais informações sobre esses temas.

Iniciamos já enfatizando que são necessárias muito mais informações sobre surdos indígenas no país e a(s) língua(s) que utilizam. cremos que há muito ainda a ser descoberto e os pesquisadores, fundações de apoio à pesquisa e governo devem investir nesses temas, tanto pelo viés antropológico, linguístico, educacional, legislativo, de saúde e outros.

Temos o artigo de Kakumasu, de 2004, mas escrito originalmente em 1968, que descreve algumas características como sintaxe e criação dos sinais e explica detalhadamente vários sinais da LSKB.

Encontramos também informações do instituto socioambiental sobre esses surdos indígenas em seu site:

(...) os Ka'apor são linguisticamente peculiares na Amazônia por terem uma linguagem padrão de sinais, usada para a comunicação com os surdos, que até a metade dos anos noventa compunham cerca de 2% da totalidade de sua população. A incidência de surdez deveu-se evidentemente à boubá neonatal e endêmica, que foi erradicada. (BALÉE, 2008)

Em 2012, fizemos a leitura do artigo “O fim do isolamento dos índios surdos” da revista Nova Escola, edição 208/2007, tratando da descoberta de índios surdos e seus sinais em Santa Catarina. O artigo nos levou a conhecer a dissertação da pesquisadora Giroletti (2008), que, como professora e intérprete da LIBRAS para alunos kaingang surdos na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, pode pesquisar seus sinais, sua cultura, a influência de sua cosmovisão na criação de seus sinais e em sua educação. A pesquisa é da área de educação, mas nos traz importantíssimas referências linguísticas sobre os SKA (sinais Kaingang da aldeia, como nomeado por Giroletti e pelos surdos Kaingang), que poderiam, como a própria pesquisadora sugere, ser estudados mais detalhadamente, trazendo ainda mais contribuições à área.

No mesmo ano, enquanto fazíamos trabalho de campo, conhecemos o livro “Índios Surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul” (2012) de Shirley Vilhalva. Essa obra, que surgiu a partir da dissertação de mestrado da pesquisadora, traz informações sobre os surdos terena e principalmente sobre os surdos guarani, bem como exemplos de seus sinais.

2.7. A relação entre o conhecimento dos índios surdos e sua educação

Vilhalva observa que o ministério da educação ainda “não desenvolveu nada específico para o índio surdo, pensando em outra língua usada que não fosse a Libras” (VILHALVA, 2012, p. 79). Este presente trabalho aponta que há outras línguas de sinais sendo utilizadas no Brasil e os terena, com o apoio em especial dos agentes de educação devem exigir do governo a ampliação das suas possibilidades nesse sentido, construindo, por exemplo, novos projetos político pedagógicos.

É possível perceber então que a história do povo terena é marcada por perdas e conquistas desde o início e que esse povo continua lutando em busca de melhorias de sua situação atual, nos âmbitos social, linguístico e em outros. Também percebe-se que os surdos terena possuem diversos sinais que retratam sua cultura e que as línguas de sinais, com várias características como a iconicidade, por exemplo, podem contribuir para o crescimento de discussões nas pesquisas sobre linguística do país e do exterior.

3. Discussão sobre surdez e línguas de sinais no mundo e no Brasil

3.1. Sobre Surdez

É sabido que

o diagnóstico da surdez traz, junto com ele, os pré-construídos culturais em relação ao ‘ser surdo’: impossibilidade de falar, de aprender, falta de inteligência, insucesso na escola, incapacidade de conseguir um bom emprego etc. Quando uma família ouvinte descobre que o filho é surdo, tem de fazer escolhas: se realizará a cirurgia de implante coclear, se aprenderá a língua de sinais, se comprará um aparelho auditivo, se submeterá o filho à terapia fonoaudiológica, se irá colocá-lo em uma escola regular ou especial. (SANTANA, 2007, p.13)

As famílias terena também passam por esses dilemas, comuns a todas as famílias de surdos. Apenas em relação à cirurgia de implante coclear parece não existir muita preocupação ou conhecimento em relação ao tema, porém todos os outros aspectos pertinentes ligados à surdez citados pela autora são constantes preocupações dos pais ouvintes com seus filhos surdos com que trabalhei: de ordem médica (sobre a etiologia, o diagnóstico e a cirurgia de implante coclear); de ordem lingüística (processos diferentes de aquisição e de desenvolvimento da linguagem oral e/ou de sinais); de ordem educacional (abordagens específicas para o surdo); de ordem terapêutica (acompanhamento especialmente no campo da fonoaudiologia); de ordem social (dificuldade nas interações com ouvintes); de ordem trabalhista (dificuldade de arranjar emprego e luta pelo aumento da “cota” de vagas para deficientes); e de ordem política (luta pelos direitos dos surdos e pelo reconhecimento da língua de sinais) (SANTANA, 2007, pp. 13-14).

Sobre o aspecto de ordem médica, pode-se perceber que a grande maioria dos pais e outros familiares, se não todos, tem grande interesse em conhecer mais da etiologia da surdez, assim como acontece com não-indígenas. Muitos pais nessa situação questionam o porquê disso ocorrer com eles, se possuem alguma “culpa” por isso ter ocorrido ou se não, a quem ou ao que deve ser atribuída essa culpa. Os diagnósticos aos quais tivemos acesso, cedidos pelos pais da maioria dos surdos terena, atestando sua surdez, foram dados quando eles estavam com dois anos ou mais de idade. Isso é um fato comum e não ocorre apenas em terras indígenas mas também nas áreas urbanas. Muitas vezes a percepção da surdez nos filhos, especialmente de pais ouvintes, pode demorar para ocorrer. Hoje a detecção da surdez por meio de testes em bebês recém-nascidos é muito comum, mas não o era até tempos recentes.

Por isso essa descoberta acontece muitas vezes apenas na época característica da aquisição da linguagem, ou com o atraso dessa. Isso, segundo os próprios pais com quem trabalhamos e segundo literatura consultada, faz com que tratamentos específicos que podem contribuir para uma melhora ou talvez recuperação da audição não possam ser realizados a tempo.

Quanto aos processos diferentes de aquisição e de desenvolvimento da linguagem oral e/ou de sinais, alguns dos pais revelam que não tiveram informações suficientes para saber como proceder. Entretanto, muitos pais tomaram conhecimento acerca das línguas de sinais em algum momento da infância das crianças. Graciele estudou até concluir o Ensino Fundamental II no CEADA, escola para surdos de Campo Grande, na qual aprendeu a LIBRAS, língua na qual é proficiente e sobre a qual apresenta ter muito conhecimento, e orgulho por isso. Uma das mães (Ondina) nos contou que ao perceber que sua filha, ainda bebê, buscava se comunicar com gestos assim como dois de seus irmãos (que também são surdos), se preocupou muito, bem como sua avó, que decidiu criá-la para que assim ela não sofresse “influência” da prática dos irmãos de se comunicarem por gestos. Entretanto, passado um ano, visto que a menina, que de fato é surda e continuava a se comunicar com gestos, não estava apenas imitando os irmãos, como se acreditou no início, voltou a viver com seus pais, que moravam numa casa próxima. Percebendo que seus filhos necessitavam se comunicar por um meio visual gestual, então, os pais optaram por não discriminar esse meio de comunicação, apesar da preocupação com a influência que isso teria no processo de aprenderem a língua oral, que também gostariam que seus filhos aprendessem. Entretanto, o incentivo ao uso dos sinais logo passou a existir, visto que era notadamente o que mais agradava aos filhos. Hudson também logo se mudou com a família para a capital e lá também estudou em escolas para surdos. Hudson sempre estudou LIBRAS e por ela se interessou e também pela oralização/leitura labial da língua portuguesa, à qual se dedicou, estudando na cidade de Miranda. Temos como informantes surdos que nunca aprenderam LIBRAS e nem aprenderam a fazer oralização/leitura labial do português. De maneira geral, os pais não apresentam preconceito em relação à visão de mundo surda e à preferência por sinais dos filhos, tanto que sempre utilizaram e ajudaram no processo de criação de seus sinais.

Na ordem terapêutica, em relação a tratamentos com fonoaudiólogos, tivemos acesso a documentos de vários pais que mostram a preocupação de levá-los sempre a esses profissionais, que indicam a evolução e/ou a estabilidade da surdez em seus filhos, sendo que alguns desses profissionais chegaram a ensinar LIBRAS para os surdos terena e são responsáveis por encaminhá-los a outras instituições como o FUNCRAF (Fundação para o

Estudo e Tratamento das Deformidades Crânio-Faciais), que oferece tratamentos na área odontológica e em outras de surdos e pessoas com deficiências crânio-faciais. Esses exames com fonoaudiólogos eram e ainda são feitos periodicamente, desde a descoberta da surdez; a princípio de 6 em 6 meses e recentemente uma vez por ano.

Quanto à educação, os pais demonstraram sempre ter tido muitos cuidados com seus filhos nessa área. Alguns mudaram-se para Campo Grande devido a ofertas de empregos e matricularam seus filhos em escolas para surdos, com ensino de LIBRAS, como já dito. Outros matricularam seus filhos em escolas na cidade de Miranda, apesar de desejarem que seus filhos pudessem estudar nas escolas indígenas da aldeia, que infelizmente não estavam e ainda não estão preparadas para tanto – como já colocado no DVD anexo a essa dissertação impressa. Outros ainda, preocupados com as dificuldades que seus filhos enfrentariam, procuraram educá-los na medida do possível em casa ou, como aconteceu recentemente, matriculá-los em escola da aldeia, mesmo sabendo que essa não possui ainda a estrutura necessária para dar a educação necessária a essa criança.

Creio que podem ser acrescentados, quanto a preocupação de ordem social, a dificuldade também em relação a outros surdos, em relação a relacionamentos afetivos que serão desenvolvidos (como se casamentos serão bem sucedidos ou não), a relação com os terena ouvintes de maneira geral, o contato com as histórias do povo terena e de certa forma como isso poderá influenciar na construção da identidade e/ou da identificação com esse povo. Pude conversar acerca desse temas e ouvir o desabafo de alguns pais em relação a essas preocupações com seus filhos, especialmente das mães de surdos terena.

Certamente a preocupação com empregos e meios de sustento para os filhos surdos é uma constante entre esses pais. É difícil para qualquer terena ouvinte pensar nas questões trabalhistas, até os dias de hoje, mas já colocado por outros pesquisadores há algum tempo, como Ladeira. Os surdos certamente são passíveis de sofrer ainda mais preconceitos para trabalhar na cidade e talvez mais dificuldades para trabalhar nas aldeias nas quais é cada vez mais difícil trabalhar com agricultura – como já citado - mas estão conseguindo reivindicar seus direitos perante a sociedade majoritária, com muita determinação.

A busca pelo respeito às línguas de sinais e aos surdos na comunidade também é perceptível, e buscada de forma constante. As famílias dos surdos consultadas e também professores, diretores, coordenadores e amigos dos surdos na comunidade estão buscando maneiras de exigir a formação para intérpretes/instrutores de LIBRAS terena para trabalhar com esses surdos nas escolas da aldeia. Além disso, muitos pais, como Ondina e Seu Gildo

(pais de Elcio, Everton e Tainara) buscam o reconhecimento e o respeito de outros ouvintes da comunidade pelos surdos, pela LIBRAS e também pelos sinais terena, que parecem apreciar muito.

3.2. Sobre surdos, línguas e a relação da aquisição da linguagem e cognição

Santana pontua que

A discussão sobre o funcionamento cognitivo na surdez não pode se referir apenas aos aspectos biológicos. A organização cognitiva particular está também relacionada à percepção do mundo e à construção da significação. Podemos dizer que, na surdez, encontramos uma condição neurolinguística de grande complexidade, em decorrência das condições de aquisição da língua, do uso da leitura labial, da língua de sinais, da fala, da “audição” resultante das próteses auditivas e dos implantes cocleares, dos aspectos culturais e do impacto político e social desses aspectos na vida dos surdos. Esses fatores dependem ainda de outras variáveis: usos da língua, interlocutores proficientes, possibilidades de adquirir uma segunda língua, métodos formais ou informais na aprendizagem da segunda língua e a relação de cada sujeito com essa(s) língua(s). (...) Assim, cabe a indagação de como podemos pensar o funcionamento cerebral ante a surdez e as condições de linguagem heterogêneas. (SANTANA, 2007, p. 15)

Essa indagação nos leva a refletir sobre a cognição ante a surdez e as condições de linguagem que, mais do que para os surdos que habitam nas áreas urbanas brasileiras, são heterogêneas.

Podemos perceber em relação a nossos informantes que a cognição de cada um não parece ter sido prejudicada, de nenhuma maneira. Isso leva a entender que, no período crítico da aquisição da linguagem, eles tiveram, sim, acesso a alguma língua. Sabemos que essa língua não foi a língua oral terena nem o português, como já dito, pois apenas um dos informantes oraliza/faz a leitura labial do português. À Língua Brasileira de Sinais, de acordo com as informações que recebemos, os surdos que a conhecem só tiveram acesso a partir dos 6, 7, 8 anos ou ainda posteriormente, com fonoaudiólogos, professores e intérpretes na cidade, visto que nas aldeias ninguém fala a LIBRAS. Outras línguas não são faladas na comunidade, então resta-nos concluir que essa língua ou sistema de comunicação que permitiu a eles o pleno desenvolvimento de sua cognição e das habilidades a ela ligadas foram os sinais terena, sinais que a princípio eram caseiros, criados por eles e por suas famílias mas que com o

tempo, com o contato entre esses surdos, de alguma maneira parece ter e continuar sendo padronizado com a continuidade do uso.

Essa é uma conclusão muito relevante que nos leva a ter esperanças de logo poder ter condições de estabelecer qual o papel real desses sinais próprios na vida desses surdos, podendo, inclusive, contribuir para pesquisas de temas semelhantes e podendo dialogar com elas e descobrir se esses sinais efetivamente constituem uma língua.

A autora coloca que

surge uma série de dicotomias quando discutimos o tema surdez, e estas refletem as diferentes posições que os surdos têm de tomar diante da impossibilidade de ouvir. Não são posições tomadas ao acaso, tampouco são ideologicamente neutras. Elas estão relacionadas com os conflitos e as pressões sociais que os surdos enfrentam na sociedade ouvinte: deficiente/diferente; cultura surda/cultura ouvinte; normalidade/anormalidade; linguagem oral/ língua de sinais. (SANTANA, 2007, p. 22)

De maneira geral, podemos perceber que os surdos terena se enxergam e procuram se posicionar como diferentes, não como deficientes. Reconhecem, sim, a surdez como patologia, mas isso não impede de se enxergarem como plenamente capazes de desenvolverem-se como indivíduos completos, com habilidades e conhecimentos como os de qualquer ouvinte para trabalhar, estudar, aprender, se divertir, formar uma família e cumprir com qualquer responsabilidade esperada de um ouvinte pela sociedade. Eles diariamente sentem a visão de ouvintes e ocasionalmente talvez até a pressão para que eles mesmos se enxerguem como deficientes, incompletos, entretanto, eles mesmos não se sentem assim, sabem que são apenas diferentes. Eles aparentam também ter consciência de possuir características diferentes dos ouvintes, elementos que podem ser identificados como pertencentes a uma cultura específica, como, por exemplo, o tipo de piada, de histórias que se contam, de brincadeiras que se fazem e a maneira como essas surgem muito espontaneamente, que são reconhecidas por serem da cultura surda.

Eles não parecem entender sua condição como anormalidade, sendo em sua maioria muito independentes e não aceitando o preconceito de ouvintes que insistem em vê-los como incapazes, desprovidos de conhecimentos ou inteligência etc.

Os surdos terena em nenhum momento declararam considerar a língua oral superior às línguas de sinais ou aparentam acreditar nisso. Eles apenas conseguem identificar e reconhecer que os ouvintes tem a língua oral e mais especificamente o português como a “língua nacional”, como a mais importante do território. Fica claro que gostam de usar sinais, se identificam com esse tipo de língua, muito mais do que com as línguas orais, apesar do fato

de que gostariam de poder se comunicar mais e melhor com os ouvintes, que nem sempre se esforçam para ou conseguem aprender os sinais para estabelecerem contato com eles.

A discussão sobre o normal e o patológico antecede a discussão de surdez como diferença ou deficiência. Definir o que é normal ou anormal não diz respeito apenas a questões biológicas, mas, principalmente, a questões sociais. Para Canguilhem (1995), o anormal não é o ser humano destituído de norma, e sim aquele que possui características diferentes e não faz parte da média considerada normal, que segue as normas estabelecidas socialmente. Características individuais distintas do esperado não são bem-vistas. Esse processo ocorre tanto em contexto social, quando, por exemplo, são discriminados os que não conhecem a norma culta da língua falada e escrita, quanto clínico, em que de fato é feita uma “cisão”, referendada por uma “autoridade”, que faz que o indivíduo deixe de pertencer ao normal para integrar o patológico.(...) Em outras palavras, a individualidade é vista como um desvio e, portanto, deve ser corrigida para adequar a pessoa ao que é considerado normal, evitando-se a discriminação. Discriminação esta de que são alvos os gogos, os afásicos, os surdos, os disfluente, enfim, todos aqueles que fogem à norma vigente. (SANTANA, 2007, p. 23)

Apesar de existirem outros estados patológicos, o do surdo parece ser considerado o pior pela sociedade majoritária, como se fosse o mais distante dentre todos esses citados, pois, a partir do momento em que não ouve, não poderia de maneira alguma “falar”, e portanto aprender, refletir, pensar, algo que indivíduos com os outros pathos poderiam realizar, se aproximando mais do “falante ideal” esperado pela sociedade.

Assim, um trabalho como este, que mostra o surdo e, mais especificamente, o surdo terena em sua individualidade, fazendo suas atividades conforme suas necessidades e desejos, e que tem uma vida em sociedade como a de qualquer pessoa comum, pode mostrar que essa visão de surdos restrita ao patológico pode ser repensada.

3.3. A língua de sinais, a cultura e a identidade do surdo

A identidade do surdo não é uma só, fixa, imutável, certamente é heterogênea, constituída de vários elementos e práticas. Não existe um só tipo de surdo, mas a língua de sinais certamente pode determinar e determina muito dessa identidade e dessa cultura para vários surdos.

Acerca da visão preconceituosa da sociedade ouvinte perante os surdos, Santana postula que

conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões lingüísticas e cognitivas, mas também sociais. Se ser anormal é caracterizado pela

ausência de língua e de tudo que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se tem a língua de sinais como língua do surdo, o padrão de normalidade também muda. Ou seja, a língua de sinais legitima o surdo como “sujeito de linguagem” e é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença. Isso é resultado de uma luta pela redefinição do que é considerado normal. A idéia de que a surdez é uma diferença traz com ela uma delimitação de esferas sociais: a identidade surda, a cultura surda, a comunidade surda. (SANTANA, 2007, p. 33)

Uma prova concreta e notável dessa legitimação são as leis criadas a partir desse reconhecimento (da LIBRAS como língua) no Brasil, para que educação, serviços de transporte e saúde, dentre outros, possam ser efetivamente oferecidos aos surdos no país, além do interesse por aprender essa língua, incluindo muitos ouvintes.

Entretanto, apesar do uso e legitimação das línguas de sinais, do uso de novas tecnologias que de alguma maneira permitem ao surdo uma percepção de sons (como implantes cocleares e aparelhos de surdez) e técnicas que lhes permitem oralizar o português, por exemplo, eles continuam sofrendo preconceitos, enraizados na sociedade:

Mesmo estando bem integrados no ‘mundo dos ouvintes’ – ouvindo, falando ou usando a língua de sinais -, eles continuam sendo e sempre serão surdos e, por isso, tratados como tal. Não parece ter havido avanços tecnológicos ou lutas de política lingüística capazes, até hoje, de acabar com esse modelo socialmente postulado: o “bem falar”. A fala do surdo, caracterizada em geral por distorções, omissões e modulação vocal fixa, não é aceita. Talvez por isso seja comum a idéia de que a fala dele é sempre artificial, como se fosse um estrangeiro diante de uma língua desconhecida. (SANTANA, 2007, p. 39)

Ao que tudo indica, a visão do surdo como um ser humano “incompleto” não mudará dependendo de mudanças na vida da comunidade surda, mas sim na visão da sociedade ouvinte perante os surdos. Somente com educação e muitas informações acerca dos surdos, sua língua e sua cultura é que o preconceito poderá ser, talvez, erradicado ou diminuído.

Gostaria ainda de destacar determinada reflexão que contribui para uma visão que guia meu método de trabalho pois influencia na coleta e análise de dados dessa investigação: é importante

refletir (...) sobre o fato de que ao falar dos surdos como totalidade, poderíamos cometer o mesmo erro que atribuíamos à ideologia dominante e que criticamos. Às vezes, ao falar dos “surdos” podemos, involuntariamente, descrever somente os surdos homens, brancos, de classe média, que freqüentam as instituições escolares, que fazem parte dos movimentos de resistência, que lutam pelos seus direitos lingüísticos e de cidadania, etc. Por isso, a totalidade não é positiva nem negativa. Seria um equívoco conceber os surdos como um grupo homogêneo, uniforme, dentro do qual sempre se estabelecem sólidos processos de identificação. Também fazem parte dessa configuração que denominamos “surdos”, os surdos das classes populares, os surdos que não sabem que são surdos, as mulheres surdas, os surdos

negros, os surdos meninos de rua, entre outros e, ainda, os receios, as assimetrias de poder entre surdos, os privilégios, a falta de compromisso com as reivindicações sociais, etc. (SKLIAR, 2013, pp. 14-15)

Portanto, ter sempre a consciência de que não existe uma identidade homogênea entre os surdos, inclusive entre os surdos terena, auxilia a pesquisadora no processo de compreensão das múltiplas identidades surdas terena e sua relação com o uso de sinais da LIBRAS, sinais terena e as línguas que as cercam.

O objetivo de reafirmar as línguas de sinais como línguas, continuamente – pois sim, ainda se sente essa necessidade atualmente – e o conhecimento e respeito por suas características, também orientou esta pesquisa. Como coloca Skliar:

(...) a linguagem deveria ser definida independentemente da modalidade na qual se expressa ou por meio da qual se percebe. Em outras palavras, a linguagem possui uma estrutura subjacente independente da modalidade, seja essa auditivo-oral ou visuogestual. Desse modo, a língua oral e a língua de sinais não constituem uma oposição, mas sim, canais diferentes para a transmissão e a recepção da capacidade mental da linguagem. Mesmo agora, quando numerosas pesquisas já têm demonstrado que as línguas de sinais cumprem com todas as funções descritas para as línguas naturais, ainda persiste e chama a atenção a sua desvalorização, o seu tratamento como mescla de pantomima e de sinais icônicos, e a sua consideração como um pidgin primitivo. (SKLIAR, 2013, p. 24)

Em seu trabalho de mestrado, *Cultura surda e educação escolar Kaingang*, Giroletti relata que uma inquietude que tinha em sua pesquisa eram os sinais próprios dos kaingang e a sua relação com a LIBRAS:

Em alguns momentos, era usada a LSB; em outros, os sinais da comunidade, e ainda em outras conversações podia-se perceber que a LSB e os sinais próprios da aldeia se entrelaçavam. Devia-se investigar se os sinais apresentados eram ligados à cultura local ou se eram momentâneos.(...)Buscou-se responder a que momentos os sinais se legitimam e em que contexto eles se fundem e se entrelaçam à LSB. (GIROLETTI, 2008, p. 26)

Ela coloca ainda que havia todo um cuidado no registro dos sinais, procurando observar se eles se repetiam diversas vezes em vários momentos e se eles se configuravam como linguagem (p. 27).

Essas preocupações e observações permeiam também o meu trabalho. Assim como a pesquisadora, busco observar e registrar os sinais indígenas, bem como notar a frequência de uso deles, que é constante, ainda que no caso de alguns surdos – os que falam a LIBRAS – eles sejam utilizados em diversas ocasiões concomitantemente com o uso da LIBRAS. A

relação da cultura terena e seus elementos com esses sinais também sempre foi questionada, como já citado e como pode ser percebido na descrição e análise dos sinais terena. Assim como Giroletti, também procuro coletar esses dados sem fazer intervenções bruscas, sem influências ou com o mínimo de influência que seja possível na posição de pesquisador.

Sem o respeito pelo diferente não é possível realizar um bom trabalho lexicográfico e talvez nenhum tipo de trabalho científico de qualidade. Isso se aplica também a trabalhos como este, com línguas de sinais, e mais, com línguas de sinais de povos indígenas. Numa investigação como esta trabalha-se com duas culturas, a cultura indígena e a cultura surda (terena, no caso). Ambas com sua beleza, com suas especificidades. A cultura surda com sua avidez por saber e se expressar usando sinais e muitas vezes esperando que o ouvinte que fala língua de sinais conheça todos os sinais também e a calma, a “paciência terena” em ensinar, explicar os sinais, várias vezes se for necessário. A cultura surda de se orgulhar de sua língua de sinais e de ser diferente da maioria, e a cultura terena de muitas vezes se sentir (e ser) isolado linguisticamente e às vezes socialmente por ser surdo, por usar língua de sinais. A cultura surda aprecia danças, música, e dá as mãos à cultura terena que possui a dança do bate-Pau (ou Dança do Penacho), dança da Siputrena e outras lindas danças. Tudo isso deve ser levado em consideração no momento de se coletar os dados para a pesquisa, o contexto cultural, a visão de mundo diferente, ainda mais quando se trata do uso de sinais diferentes, de sinais criados e utilizados por eles na aldeia. Todo o cuidado possível é essencial, tanto no momento da coleta quanto no momento de análise desses dados posteriormente, pois se um dicionário reflete o que existe em uma língua, é necessário lembrar que uma língua reflete muitas vezes uma cultura, um conhecimento geralmente inacessível a muitas pessoas, em especial quando se trata de línguas indígenas no Brasil.

De maneira geral, observa-se a estreita relação entre língua e sociedade. Se a sociedade e o governo não despertam para a importância de se respeitar as línguas, as variedades e diferenças linguísticas, fica difícil a situação linguística no país, principalmente para as minorias, como surdos e índios.

Vemos que língua também pode ser instrumento de poder, instrumento de dominação, de opressão (SCHERRE, 2005, p. 9-10). Assim, deve-se refletir acerca de mudanças linguísticas que já ocorreram e as que ainda precisam acontecer no Brasil, inclusive em relação a LIBRAS, sobre o preconceito linguístico envolvendo o uso do português e outras línguas, especialmente de minorias, como surdos e índios e também sobre a identidade ligada às línguas, em especial dos surdos, no caso desta pesquisa.

3.4. Sobre gestos, sinais caseiros e sinais

Sobre gestos usados pelos surdos, Santana coloca que

Para fugir do isolamento social resultante da ausência de língua, a criança surda usa gestos, icônicos e indicativos, a fim de comunicar-se com os ouvintes. O uso de gestos não é exclusivo dos surdos, pois pequenos ouvintes também os produzem e interpretam durante seu desenvolvimento. Pelo fato de a língua de sinais possuir um canal visuo-manual, os sinais são confundidos, muitas vezes, com gestos. Contudo, uma seqüência de gestos não implica uma língua. Mas até que ponto os gestos fazem parte da língua? Como poderíamos discutir a relação entre gesto e língua tomando como posto de observação o contexto da surdez? (SANTANA, 2007, p. 79)

Estudar essa relação parece muito conveniente e enriquecedor para um trabalho como o nosso, visto que uma seqüência de gestos não implica uma língua necessariamente, mas podem ser parte fundamental do início de uma, no caso das línguas visuais.

A autora diz que

nos estudos sobre a língua de sinais, há poucas referências à sua relação com o gesto. Tem-se privilegiado, geralmente, a análise da estrutura “padrão” – principalmente em relação à língua de sinais brasileira – enquanto há ainda muitos pontos a serem considerados: relação gesto/língua, discussão sobre o processo de aquisição da língua de sinais, interações efetivas e não efetivas das quais o surdo participa. (SANTANA, 2007, p. 83)

Acreditamos que trabalhos como esse, que avaliam sinais criados em uma comunidade específica, em um período relativamente recente (provavelmente menos de um século) e que podem configurar uma língua podem contribuir para uma boa análise dessas relações.

A autora explica que

no desejo de participar, interagir e comunicar-se, as crianças surdas filhas de pais ouvintes criam um sistema de comunicação particular, denominado, para alguns autores, de simbolismo esotérico e, para outros, de sinais domésticos (*home signs*). Simbolismo esotérico é o nome dado por Tervoort (1981) ao modo de comunicação gestual particular entre o filho surdo e os pais ouvintes. A formalização dessa significação é chamada, pelo autor, de linguagem esotérica (*esoteric language*) devido à forma como é construída: por meio da produção de gestos e mímica que nada mais são do que representações subjetivas de objetos e situações. A criança imita aquilo que lhe chama mais atenção. Ela coloca a subjetividade em ação (o que o objeto significa para ela: medo, alegria etc). (SANTANA, 2007, pp. 83-84)

Santana cita outros autores que chamam esse conjunto de gestos de “sinais domésticos” (Goldin-Meadow, 1979; Mayberry, 1992; Morford, 1996 apud Santana, 2007).

Segundo Morford, eles são estruturados independentemente da fala e exibem muitas similaridades com a língua de sinais. Contudo, sua estrutura envolve generalizações simples. Os gestos podem ser definidos como: dêiticos (que marcam referência no ambiente) e icônicos ou descritivos (as pantomimas). O uso dos gestos não está diretamente relacionado à aquisição da língua de sinais, mas o grau do domínio dessa língua depende da estrutura dos gestos. Isso evidencia que os gestos influenciam a aquisição da linguagem: a representação icônica é importante para o processo lingüístico. Morford ainda defende que esses gestos refletem o desenvolvimento da capacidade lingüística inata da criança na ausência da linguagem. Ou seja, as crianças criam o próprio sistema comunicativo quando não recebem *input* lingüístico. (MORFORD, 1996 apud SANTANA, 2007, p. 85)

Consideramos ainda muito relevante colocar uma tese de Kegl, Senghas e Coppola (1999 apud Santana, 2007) citados pela autora:

Para os autores, os sinais domésticos podem ser considerados mímicas, mas não contêm sistema gramatical. São realizados com o corpo todo, e a comunicação depende fortemente do contexto, quase como sinais individuais. As expressões faciais transmitem afeto, mas não correspondem a um sistema gramatical, diferente da língua de sinais. Contudo, se uma criança que produz esses sinais entrar em contato com outra que também os produza, estes podem se tornar mais estruturados, mas somente entre as crianças que possuem idade inferior a sete anos. Os autores acrescentam que os sinais domésticos não podem ser considerados um pidgin para a origem da criolização. (KEGL, SENGHAS e COPPOLA, 1999 apud SANTANA, 2007)

Como já foi colocado, os sinais terena desenvolveram-se quando os surdos terena que os utilizam eram crianças, em fase de aquisição da linguagem, mais especificamente começando quando tinham seus 2, 3 anos de idade. Entretanto, os sinais que conhecemos e estudamos hoje parecem estar longe de ser apenas mímicas, sem qualquer sistema gramatical. Não são realizados com o corpo todo, como seria próprio de pantomimas, mas em geral apenas com as mãos e expressão facial. De acordo com o que presenciamos, essas expressões faciais são capazes de exprimir afirmação, negação, dúvida, ordem (uso do imperativo) e outras características presentes em línguas de sinais, e não simplesmente afeto. Pode ser que esse tipo de sinal, como se sabe pela literatura acerca da origem das línguas de sinais, possa originar uma língua de sinais de uma comunidade em particular e/ou de um país.

3.5. Etiologia da surdez

Gesser coloca as seguintes causas para a surdez:

Dentre as causas congênitas, o contato do embrião ou feto com os vírus da rubéola, sífilis, toxoplasmose, citomegalovírus e herpes são as causas mais recorrentes. Outros indicadores de riscos para os recém-nascidos são as anomalias craniofaciais, hiperbilirubinemia, neurofibromatoses, meningite bacteriana, medicações ototóxicas etc. (GESSER, 2009, p. 72)

Sobre o tipo de surdez – visto que existem diferentes tipos, bem como ocorre no caso dos surdos terena – citando Santos, Lima e Rossi, a autora explica que

Pode ser condutiva, neurossensorial ou mista. A condutiva ocorre por uma ‘alteração na orelha externa (meato acústico) e/ou média (membrana timpânica, cadeia ossicular, janelas oval e redonda e tuba auditiva)’. Já o tipo neurossensorial afeta a cóclea e/ou o nervo auditivo. As perdas auditivas mistas, por sua vez, englobam alterações condutivas e neurossensoriais. (SANTOS, LIMA & ROSSI, 2003: 19-20 apud GESSER, 2012, p. 72)

Quanto ao grau de surdez, este “pode variar de leve a profundo. A surdez leve pode, entretanto, ir se agravando com o tempo e virar surdez profunda” (Gesser, 2012, p. 72).

Colocamos a seguir a tabela do BIAP (Bureau International d’ Audiophonologic) com a classificação dos graus de surdez em decibéis:

Classificação BIAP

(Bureau International d’ Audiophonologic)

Graus de surdez:

- Leve – entre 20 e 40 dB
- Média – entre 40 e 70 dB
- Severa – entre 70 e 90 dB
- Profunda – mais de 90 dB
- 1º Grau: 90 dB
- 2º Grau: entre 90 e 100 dB
- 3º Grau: mais de 100 dB⁴

Estudos recentes também apontam causas desconhecidas muitas vezes e há alguns manuais para pais que descobrem a surdez dos filhos, que apontam a genética como principal

⁴ Retirada do site <http://www.deficiencia.no.comunidades.net/index.php?pagina=1400768552>, acesso em 21/08/ 2013.

causa, como o “Common Causes of Hearing Loss: for parents & families” (2004, p.3) de Harvard.

Entretanto, gostaríamos de pontuar que muitas vezes a preocupação com a etiologia, com os diagnósticos, ganha um papel de destaque quando o tema é a surdez, e então a deficiência parece ser a única forma de enxergar a questão. Essa é a visão de maneira geral da classe médica, e induz a “soluções” como tratamento com implante coclear e aparelhos auditivos. Entretanto, sabemos que esse tipo de resposta ainda apresenta muitos problemas, mesmo quando o implante coclear mais avançado tecnologicamente é utilizado, pois este é capaz de estimular apenas 27 nervos auditivos, enquanto existem milhares de canais com diversos desses nervos (SANTANA, 2007).

Como lingüistas, consideramos que devemos repensar formas de classificação de surdez e de enxergar os surdos: podemos falar do surdo como mais ou menos fluente em língua de sinais, enxergando a questão destacando as partes lingüística e cognitiva.

3.6. Línguas de sinais no mundo

No artigo “Demographic Information On Sign Languages Around the World: Field Survey Notes”, de 2007 do SIL (Summer Institute of Linguistics) temos a notícia de línguas de sinais diferentes existentes em mais de 80 países ao redor do mundo. O artigo tece breves comentários acerca da língua de sinais de cada um desses países, com informações obtidas a partir do contato com escolas e clubes, locais apontados em mapas nesse trabalho, muito comuns aos surdos e geralmente conhecidos por eles nesses países. São citados livros, artigos, dicionários e outros recursos existentes acerca dessas línguas de sinais, mas de modo bastante resumido. De algumas dessas línguas são conhecidas apenas listas de palavras. No final, ainda são citados 26 países africanos em que se conhecem escolas e associações de surdos, como adendo, sem maiores informações. Para pesquisadores da área, é possível solicitar listas de palavras de vários desses países para análise, mas não para publicação ou exibição.

As listas de palavras disponíveis são dadas na seguinte tabela, em que podemos observar os diversos países com línguas de sinais em diferentes continentes:

Table 1: List of countries referenced in this report

	Country	Demographics/Map	Archived Wordlist
01	Albania	See Bickford's Paper ⁵	---
02	Algeria	2.4.1	---
03	Argentina	2.4.2	---
04	Australia	2.4.3	1 Short, 1 Long Wordlist
05	Austria	2.4.4	1 Short, 4 Long Wordlists
06	Azerbaijan	2.4.5	---
07	Belarus	See Bickford's Paper	---
08	Bolivia	---	1 Long Wordlist
09	Bosnia and Herzegovina	See Bickford's Paper	---
10	Brazil	2.4.6	2 Short, 7 Long Wordlists
11	Bulgaria	See Bickford's Paper	1 Long Wordlist
12	Chile	2.4.7	---
13	China	2.4.8	---
14	Croatia	See Bickford's Paper	1 Short Wordlist
15	Cuba	2.4.9	1 Long Wordlist
16	Cyprus	2.4.10	---
17	Czech Republic	See Bickford's Paper	3 Long Wordlists
18	Denmark and Faroe Islands	2.4.11	1 Long Wordlist
19	Egypt	2.4.12	1 Short Wordlist
20	England	2.4.13	1 Long Wordlist
21	Estonia	See Bickford's Paper	1 Short, 1 Long Wordlist
22	Finland	2.4.14	1 Short, 1 Long Wordlist
23	France	2.4.15	1 Long Wordlist
24	Gaza	2.4.16	---
25	Germany	2.4.17	1 Long Wordlist
26	Greece	2.4.18	1 Short Wordlist
27	Guatemala	2.4.19	---
28	Hong Kong	---	1 Long Wordlist

⁵ The Signed Languages of Eastern Europe by J. Albert Bickford. Found at <http://www.sil.org/silesz/abstract.asp?ref=2005-026>.

29	Hungary	See Bickford's Paper	1 Short, 2 Long Wordlists
30	India	---	11 Short Wordlists
31	Iran	2.4.20	---
32	Iraq	2.4.21	---
33	Ireland	2.4.22	1 Long Wordlist
34	Israel	2.4.23	---
35	Italy	2.4.24	1 Short Wordlist
36	Japan	2.4.25	1 Short, 1 Long Wordlist
37	Jordan	2.4.26	---
38	Kazakhstan	2.4.27	1 Short Wordlist
39	Kenya	2.4.28	---
40	Kuwait	2.4.29	---
41	Latvia	---	1 Short Wordlist
42	Lebanon	<u>2.4.30</u>	---
43	Lithuania	See Bickford's Paper	---
44	Macedonia	See Bickford's Paper	---
45	Malaysia	2.4.31	1 Long Wordlist
46	Mexico	2.4.32	---
47	Moldova	See Bickford's Paper	1 Long Wordlist
48	Mongolia	2.4.33	2 Short Wordlists
49	Montenegro	See Bickford's Paper	---
50	Netherlands	2.4.34	1 Long Wordlist
51	New Zealand	2.4.35	---
52	Norway	2.4.36	---
53	Oman	2.4.37	---
54	Palestine	2.4.38	---
55	Poland	See Bickford's Paper	2 Short Wordlists
56	Portugal	2.4.39	---
57	Puerto Rico	2.4.40	---
58	Qatar	2.4.41	---
59	Romania	See Bickford's Paper	5 Long Wordlists
60	Russia	See Bickford's Paper	2 Long Wordlists
61	Saudi Arabia	2.4.42	---
62	Serbia	See Bickford's Paper	---
63	Singapore	2.4.43	---
64	Slovakia	See Bickford's Paper	3 Long Wordlists
65	Slovenia	See Bickford's Paper	---
66	South Africa	2.4.44	1 Short Wordlist
67	South Korea	2.4.45	---
68	Spain	2.4.46	1 Long Wordlist
69	Sweden	2.4.47	---

70	Switzerland	2.4.48	1 Long Wordlist
71	Syria	2.4.49	---
72	Taiwan	2.4.50	---
73	Thailand	2.4.51	2 Short Wordlists
74	Turkey	2.4.52	2 Short Wordlists
75	Ukraine	See Bickford's Paper	1 Long Wordlist
76	United Arab Emirates	2.4.53	---
77	Uruguay	2.4.54	---
78	USA	---	5 Long Wordlists
79	Uzbekistan	2.4.55	---
80	Venezuela	2.4.56	---
81	Yemen	2.4.57	---

Lista dos países africanos citados, sobre cujas línguas são necessárias mais informações:

- | | Country |
|----|----------------------------------|
| 01 | Botswana |
| 02 | Burkina Faso |
| 03 | Cameroon |
| 04 | Central African Republic |
| 05 | Djibouti |
| 06 | Democratic Republic of the Congo |
| 07 | Eritrea |
| 08 | Ethiopia |
| 09 | Ghana |
| 10 | Lesotho |
| 11 | Madagascar |
| 12 | Malawi |
| 13 | Mali |
| 14 | Mozambique |
| 15 | Namibia |
| 16 | Niger |
| 17 | Nigeria |
| 18 | Senegal |
| 19 | Somalia |
| 20 | Sudan |
| 21 | Swaziland |
| 22 | Tanzania |
| 23 | Togo |
| 24 | Uganda |
| 25 | Zambia |
| 26 | Zimbabwe |

3.7. Impressões sobre a língua de sinais ka'apor

Os sinais ka'apor, que passaremos a analisar a seguir, bem como os sinais terena apresentam parâmetros, observados na coleta de diversos sinais, presentes em todas as línguas de sinais, como a LIBRAS.

A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais)-nome dado por pesquisadores ouvintes-também conhecida como LSB (Língua de Sinais Brasileira) – nome dado pela comunidade surda- é uma língua visual-gestual, que apresenta os mesmos parâmetros apresentados por outras línguas de sinais: Configuração de mão (CM), Locação (L), Movimento (M), dados por Stokoe (STOKOE,1982 apud XAVIER, 2009, p. 10) e Orientação da Palma da Mão (Or) (indicados por KLIMA&BELUGGI, 1979).

Consideramos que a observação de outra língua indígena de sinais pode trazer profunda contribuição ao nosso trabalho, tanto do ponto de vista teórico-metodológico quanto para maior despertamento dos órgãos competentes (Ministério da Educação, Funasa, Secretarias de Educação e outros) para esse tipo de trabalho.

Em seu artigo, Kakumasu (2005) nos apresenta uma descrição detalhada dos sinais dos Urubu-Ka'apor⁵ e de alguns aspectos da língua de sinais, brevemente. Diz que há aproximadamente um “mudo” (usa o termo ‘mute’) para cada 75 “não-mudos”, ou aproximadamente sete surdos no grupo indígena de 500 pessoas.

O autor esteve em campo em junho de 1965. Ele passou por quatro aldeias, sendo que em todas encontrou surdos, exceto pela última, onde se hospedou. Percebeu, entretanto, que o informante surdo que o acompanhava não teve dificuldades para se comunicar na última aldeia, em que os ouvintes também conhecem a língua de sinais, o que comprova o fato de toda a comunidade ser bilíngue (conhecer a língua oral e a de sinais ka'apor) e também o fato da LS ser mais intra-tribal do que intertribal, como pontua Kakumasu. Isso mostra um grande interesse e esforço por parte de todos na comunidade de aprender a língua, de participar da vida de seus companheiros surdos e ao mesmo tempo inseri-los no seu mundo ouvinte. O autor descreve aspectos da língua.

Em relação à marcação de tempo, ele pontua que

⁵ O autor salienta que, na época em que originalmente escreveu o artigo, esse era o nome do grupo indígena, que posteriormente foi abreviado, usando-se hoje apenas ka'apor.

Sentenças no passado podem ser ampliadas fazendo o sinal de dormir e mostrando depois os dedos para indicar a quantidade de noites que se passaram. Sentenças no presente se apresentam na seguinte forma: ‘eu estou indo tomar um banho’, ‘tem um pássaro na parte de cima da árvore’ e tratam de alguns incidentes ou ações que ocorram no momento presente. Eventos futuros ao longo do dia podem ser indicados dando a posição do sol em relação à posição atual. ‘Amanhã’ pode ser mostrado com o sinal da abertura⁶ de um novo dia. Uma maneira mais expressiva é indicar o movimento do sol da presente posição até a posição em que ele se põe, depois o sinal de dormir, e finalmente o sinal da abertura de um novo dia. Eventos futuros distantes podem ser indicados pelo número de dedos das mãos e dos pés correspondentes juntamente com o sinal da abertura de um novo dia. Meses podem ser indicados pela posição da lua. Um conhecimento das diferentes posições do sol e as diferentes fases da lua associados com suas posições é importante para relatar eventos temporais. (KAKUMASU, 2005, pp. 4-5)

Destaco esse excerto, pois pode-se perceber dois fatores relevantes em relação a essa língua: primeiramente, que esses sinais que indicam marcação de tempo estão intrinsicamente ligados à cultura indígena em geral e ouvinte. Sabe-se que muitos povos indígenas brasileiros, além dos ka’apor (como os juruna, os terena e tantos outros) e de outros países utilizam a observação das fases da lua e o movimento do sol como referência temporal. Com esse relato, percebemos que na cultura surda ka’apor não é diferente. Na Língua Brasileira de Sinais os sinais para dias, meses e anos são muito diferentes e não necessariamente ligados a esses referentes. Os sinais para “meses”, por exemplo, são iconicamente ligados ao fato de se retirar, a cada início de mês, uma folha do calendário para que se use a próxima e de maneira nenhuma parecem estar ligados às fases da lua. Percebemos então, com esses exemplos, que as culturas surda e oral nem sempre estão separadas, inclusive em culturas indígenas, apesar de as modalidades de língua serem totalmente diferentes.

O segundo fator relevante é o fato de essa dentre outras características se manterem na língua, mesmo após 40 anos. No DVD com sinais ka’apor que recebi (citado em seguida) e analisei, foi possível perceber que essas características se mantêm. Apesar de os pesquisadores que coletaram os dados não serem falantes de LIBRAS, da LSK ou outra língua de sinais, em alguns breves momentos há na coleta de dados questionamentos sobre esse tipo de sinais, e esses mesmos sinais descritos por Kakumasu são utilizados, como “dormir” e “de manhã” (“início de um novo dia”) e a combinação deles para indicar “amanhã”. É curioso, portanto, notar que esses sinais e essas características permanecem na língua, aparentemente não sofrendo nenhuma influência da LIBRAS ou de outra língua.

⁶O sinal com sua iconicidade lembra, realmente, uma abertura do céu para que o sol se levante iniciando um novo dia, por isso mantive a tradução literal de “opening of a new day”.

Após essa descrição de aspectos da língua, o autor, com um sistema que combina números e letras, além de explicação por extenso, descreve detalhadamente alguns sinais observados. Alguns desses sinais pude encontrar também no DVD, e a descrição deles indica que não sofreram modificações ao longo desses anos: ‘sal’, ‘açúcar’, ‘bom/bonito’, e o verbo ‘ir’ (em “ele foi”).

Em maio de 2013, recebi um DVD contendo dois vídeos de coleta de dados realizada junto ao povo ka’apor. O pesquisador Denny Moore, do Museu Paraense Emílio Goeldi, muito gentilmente me concedeu esse material ao saber que estava trabalhando com sinais terena.

3.8. Análise dos sinais ka’apor

Os vídeos foram gravados pelo estagiário Thiago de Castro, do mesmo Museu Emílio Goeldi, nos dias 09 e 10 de agosto de 2007, na aldeia Xié, dos índios Urubu-Ka’apor, no estado do Maranhão.

Diante desse material precioso, identifiquei e procurei classificar de maneira detalhada os sinais e outras características culturais e linguísticas presentes nos vídeos.

No primeiro vídeo, gravado no dia 09 de agosto, Thiago de Castro solicita que sua informante, uma senhora que parece ter em torno de 50-60 anos, ouvinte, lhe mostre os sinais para diversos nomes de animais e alguns alimentos. À medida que a informante mostra os sinais pedidos, outros sinais foram surgindo e surgem, inclusive, sentenças inteiras (com itens lexicais que parecem funcionar como verbos).

A seguir, seguem esses sinais, classificados em “animais”, “alimentos”, “outros” e “sentenças”.

Vídeo 1 –09 de agosto de 2007

Sinais para nomes de animais:

- 1 – abelha
- 2 – anta
- 3 – aranha
- 4 – barata⁷
- 5 – beija-flor
- 6 – cigarra
- 7 – tamanduá
- 8 – borboleta
- 9 – caba
- 10 - cachorro
- 11 – caititu = porco⁸
- 12 – calango
- 13 – capivara
- 14 – caracol
- 15 – caranguejo
- 16 – carapanã⁹
- 17 - mutuca¹⁰
- 18 – carrapato
- 19 – centopeia
- 20 – cigarra¹¹
- 21 – cobra
- 22 – jibóia
- 23 – coruja
- 24 – cotia¹²
- 25 – cupim
- 26 – formiga
- 27 – galinha¹³

⁷ Ela parece mostrar dois sinais diferentes para esse referente.

⁸ O mesmo sinal serve tanto para representar “caititu” quanto “porco”. Esse sinal lembra muito o sinal para porco em LIBRAS, pois tem a mesma locação e a mesma configuração de mão (CM), apenas não tem o movimento que o sinal tem na LIBRAS.

⁹ É o mesmo sinal usado para se referenciar à “caba”

¹⁰ É o mesmo sinal usado para “caba”, também.

¹¹ ele pede sinal para “cigarra” novamente, mas ela entende “cigarro” e faz o sinal correspondente a esse nome – conferir “Outros”

¹² É o mesmo sinal usado para cachorro ou capivara

¹³ Sinal composto dos sinais “galo” + “mulher” (sendo o último, então, marca de feminino)

- 28 – galo
 29 – gavião
 30 – sapo
 31 – gia
 32 –grilo
 33 – guariba
 34 – jabuti
 35 – jacaré
 36 – kujubim
 37 – jacu¹⁴
 38 – lagarta
 39 – macaco¹⁵
 40 – maracajá
 41 – mariposa
 42 – minhoca
 43 – morcego¹⁶
 44 – mosca
 45 – mucuim
 46 – mutum
 47 – onça
 48 – paca
 49 – papagaio
 50 – pato
 51 – peixe¹⁷
 52 – traíra¹⁸
 53 – pica-pau
 54 – porco-espinho
 55 – preguiça

¹⁴ A informante diz que é o mesmo sinal usado para se referenciar ao kujubim

¹⁵ É perguntado se existem sinais para diferentes tipos de macaco e a informante diz que sim, porém não mostra esses sinais.

¹⁶ Ao ser questionada sobre esse sinal, ela parece dar uma descrição de como é um morcego, de como ele costuma agir. Essa característica do “como” (do detalhamento, da explicação, também foi vista na coleta de sinais terena.

¹⁷ Sinal para qualquer tipo de peixe. É igual ao sinal terena para “peixe”

¹⁸ No momento em que está falando de peixe, faz o sinal de traíra. Esse é um peixe típico dos rios da região e importante na alimentação dos ka'apor, bem como o surubim, segundo informações do ISA.

- 56 – pulga
- 57 – quati
- 58 – queixada
- 59 - raposa
- 60 – rato
- 61 – pássaro
- 62 – sabiá
- 63 – saúva
- 64 – socó
- 65 – surubim
- 66 – tatu
- 67 – tartaruga¹⁹
- 68 – tucandeira
- 69 – tucano
- 70 – urubu
- 71 – vagalume
- 72 – veado

Sinais para nomes de alimentos:

- 1 – açai²⁰
- 2 – açúcar²¹
- 3 – mel de abelha
- 4 – algodão
- 5 – amendoim
- 6 – anjico
- 7 – babaçu
- 8 – bacaba
- 9 – bacuri
- 10 – banana

¹⁹ Ela tenta explicar como a tartaruga é, usa outros sinais.

²⁰ Ela parece explicar como o açai é preparado para fazer suco ou alimento semelhante. Novamente temos a questão do “como” que vai além do sinal em si.

²¹ É o mesmo sinal usado para mel.

11 – cabaça²²

12 - cacau

13 – cana-de-açúcar²³

14 – castanha²⁴

A informante parece conhecer português. Ela entende e repete várias palavras em português que o estagiário diz. Ela às vezes responde a ele mesmo antes do intérprete passar para o ka'apor e fala algumas palavras em português como “tartaruga, assim...”. Mesmo assim havia um intérprete para passar do português para a língua ka'apor oral para que a informante, por sua vez, passasse para a língua de sinais ka'apor. Ela parece não ter nenhuma vergonha ou preconceito linguístico contra a língua de sinais, pelo contrário. Ela se comunica bem com um menino que indica ser seu neto, no segundo vídeo.

Vídeo 2 – 10 de agosto de 2007

Sinais para nomes de alimentos:

1 – feijão

2 – ingá

3 – macaxeira

4 – mamão

5 – milho

6 – muruci

7 – patuá

8 – pimenta

9 – piá

²² Ao falar sobre a cabaça, ela faz sinal de beber também. Conferir sinais “outros”.

²³ Ele pergunta se existe sinal diferente para falar da cana que se usa para fazer flecha. Ela, então, mostra o sinal de “flecha”. Conferir sinais “outros”.

²⁴ O pesquisador pergunta se existem sinais diferentes para o ouriço da castanha e para a castanha, ela diz que sim e mostra os sinais para cada nome. Ele pergunta se existe sinal para “castanheira”, ela diz que sim. Conferir sinais “outros”. A informante começa a mostrar outros sinais, falar um pouco em português e um pouco na língua indígena oral, então acaba mostrando as sentenças “vamos quebrar castanha?” e “eu vou quebrar castanha”. Conferir em “sentenças”.

- 10 – pupunha
- 11 – tabaco
- 12 – tucumã
- 13 – urucum
- 14 – beiju

Sinais para outros nomes (gerais):

- 1 – cigarro
- 2 – algodão
- 3 – cabaça
- 4 – flecha
- 5 – castanheira
- 6 – palmeira
- 7 – tabaco
- 8 – urucum
- 9 – fogo
- 10 – beiju
- 11 – cesto
- 12 – cuia
- 13 – lua
- 14 – sol
- 15 – terra
- 16 – homem
- 17 – mulher²⁵(obs.: nas sentenças faz sinal de “mãe”²⁶)
- 18 – menino
- 19 – menina

²¹ O sinal para “mãe”, tanto no caso dos terena quanto no caso dos ka’apor tem relação com mamas, seios. No caso dos terena a mão direita é colocada sobre o seio direito e depois sobre o esquerdo e no caso dos ka’apor a mão direita é encaixada abaixo do seio direito pela informante.

- 20 – mulher bonita
- 21 –mulher feia
- 22 – facão
- 23 – panela
- 24 – calor
- 25 – grande
- 26 – frio
- 27 – casa
- 28 – essa casa
- 29 – roça
- 30 – pai
- 31 – fazer
- 32 – irmão
- 33 – irmã
- 34 – alto
- 35 – ontem
- 36 – de manhã
- 37 – dormir
- 38 – arranhar
- 39 – beber
- 40 – bater
- 41 – tomar banho²⁷
- 42 – chorar
- 43 – deitar²⁸
- 44 – fazer sexo
- 45 – árvore
- 46 – céu
- 47 – estrela
- 48 – gordo
- 49 – magro
- 50 – ir
- 51 – trabalhar

²⁷ É igual ao sinal terena

²⁸ É igual ao sinal de dormir, que é igual ao sinal de “dormir”terena

- 52 – xixi
- 53 – cocô
- 54 – ver
- 55 – filmar
- 56 – alegre
- 57 – triste

Sentenças:

- 1 – “Eu estou com fome, vou/vai pescar!”
- 2 – “Vamos quebrar castanha?”
- 3 – “Aquela mulher não presta!”
- 4 – “Eu estou com frio”
- 5 – “Essa casa”
- 6 – “A casa da mamãe”
- 7 – “Essa casa é grande”
- 8 – “A casa é pequena”
- 9 – “Meu pai fez a roça”
- 10 – “O pai dele é bonito e os outros não prestam”
- 11 – “Meu pai é alto”
- 12 – “Aquela mulher bonita e alta é minha irmã”
- 13 – “Ontem meu pai pescou um peixe”
- 14 – “Essa banana é grande e doce”
- 15 – “Ele pelou o veado”
- 16 – “Amanhã eu vou caçar um veado”
- 17 – “Quando morrer vou para o céu”
- 18 – “Mentiroso (é) aquele menino”
- 19 – “Eu vou embora”
- 20 – “Minha mãe foi embora”
- 21 – “Meu pai foi derrubar pau-grosso”
- 22 – “Quero fazer cocô”

23 – “Vamos lá ver”

24 – “O jabuti é meu e da vó”

No primeiro e no segundo vídeo, aparece um garotinho ao lado da informante, que interage com ela algumas vezes utilizando sinais. A comunicação entre eles parece funcionar bem, e ela o apresenta como seu neto. Ele parece ser surdo e não parece possuir nenhum problema em relação à cognição. Os intérpretes da língua oral e outras pessoas que ocasionalmente surgem no momento da coleta de dados também parecem conhecer os sinais e não parecem ter preconceito linguístico contra eles.

Mediante a análise de todos esses dados, essa parece ser realmente uma língua, com estrutura complexa, completa. Tem-se amostras do que parecem ser verbos, nomes, adjetivos, sentenças completas.

Os ka'apor ou pelo menos a informante consultada e seu neto não parecem ter vergonha, preconceito contra sua própria língua, que fala e explica com segurança, com serenidade, ao contrário da maioria dos terena com quem coletei dados. Alguns dos informantes terena, principalmente os mais jovens, que tem mais contato e conhecimento da LIBRAS, demonstram bastante constrangimento ao utilizar os sinais terena, apesar de eu sempre incentivar o seu uso e explicar que o conhecimento e uso de várias línguas pode ser muito útil e bom, que não há nenhum problema em usar a LIBRAS e também outras línguas de sinais e que todas as línguas tem sua importância e beleza, cada uma com suas especificidades. Apesar disso, em diversos momentos esses informantes pareciam preferir realmente usar a LIBRAS aos seus sinais nativos, e só pareciam ficar mais à vontade para usar sinais terena quando estavam junto de outros surdos terena que não conhecem a LIBRAS - ainda que algumas vezes, tentem ensinar a eles esses sinais da LIBRAS quando não há um entendimento imediato - ou com seus familiares.

Kakumasu pontua outras características da língua ka'apor de sinais, comparando-as com as presentes na língua oral.

Pessoa, no sistema verbal, é indicada por um prefixo pronominal obrigatório em verbos ou por pronome, nome ou nome próprio opcionais. Na língua de sinais, o referente é apontado. Assim, a primeira pessoa do singular *Eu* é indicada apontando

a si mesmo. A segunda pessoa do singular *Tu* e a terceira pessoa do singular *Ele/Ela* que está ao lado, é indicado apontando para o referente. As formas plurais são indicadas apontando para todos os referentes. Na ausência da terceira pessoa, ela é indicada por alguma característica distintiva sua. Uma vez que um sinal designando uma pessoa em particular é adotado, ele se torna permanentemente associado a ela assim como acontece com um nome próprio. (KAKUMASU, 2005, p. 5)

Na LIBRAS, existem os pronomes correspondentes a cada pessoa do singular e plural. Esses sinais também são construídos baseados em apontamentos. É interessante notar que o nome próprio é dado como acontece na LIBRAS e em outras línguas de sinais, ou seja, baseado em alguma característica que se destaque na pessoa, como o cabelo, o bigode ou os óculos, sendo esse último exemplo o caso do pesquisador.

Ele compara as marcas de orações imperativas, interrogativas e condicionais na língua oral e na língua de sinais ka'apor.

Na língua oral, imperativos são marcados prefixando /e-/ a itens manifestando os tagmemas predicativos (tradução minha, p. 6). Na língua de sinais, imperativos são geralmente do tipo “faça isso”, “leve isso para John Doe”, “venha aqui” e assim por diante. Não há uma marca evidente para o imperativo, mas uma sentença na língua de sinais é entendida como imperativa pelo contexto e/ou pela expressão facial (idem). Ou seja, se a sentença no imperativo de modo geral acompanha expressão facial, a língua também apresenta marcadores não manuais, assim como a LIBRAS.

Também não existe marca evidente na LS para a condicional, que pode ser entendida pelo contexto. Na língua oral ka'apor, a condicional é expressa pospondo /-rahã/ *se, quando* manifestando o predicado ou tópicos.

“Interrogativas, por outro lado, incluem um sinal que indica questões” (tradução minha, p. 6). Os surdos ka'apor usam, portanto, um sinal que representa a interrogação. Na língua oral ka'apor, a sentença interrogativa é distinguida pela mudança na entonação na voz.

Aparentemente a língua de sinais continuará sendo usada enquanto existirem surdos na tribo, segundo Kakumasu (p. 8). Além dos ka'apor, pessoas que trabalhavam no posto indígena e índios também conheciam alguns sinais e conseguiam se comunicar com eles.

Acredito que o conhecimento dessa língua indígena de sinais, ainda que pequeno, coopera para um maior entendimento e desenvolvimento do nosso trabalho, visto que há mais exemplos de como os sinais são criados e estabelecidos por relações com elementos do

cotidiano do surdo, por iconicidade e também de como a visão de mundo e a cultura de cada grupo e de cada indivíduo pode variar e influenciar a língua que ele utiliza.

Existem diferentes pontos de vista sobre a surdez, mas destacamos aqui o ponto de vista linguístico sobre ela. Quanto à relação da aquisição da linguagem e cognição, percebe-se que os surdos terena tiveram acesso a alguma língua de sinais na infância, pois não tiveram sua cognição prejudicada, e essa língua não é oral, visto que não fazem leitura labial de, nem oralizam nenhuma língua. Os gestos fazem parte da comunicação em línguas visuais assim como fazem no uso de línguas orais, mas não são unidades léxicas como os sinais caseiros e sinais de uma língua visual, como da língua de sinais ka'apor.

4. Discussão teórica e metodológica

4.1. Métodos: coleta e descrição dos dados

Devido à proximidade da área urbana já há várias décadas, os terena são bilíngües (falam português e terena), com exceção de poucos que falam só terena ou só português, como acontece na aldeia Babaçu.

Tinha algumas questões: quantos são os índios surdos dessa região? Qual a sua faixa etária? Como eles vivem? Que línguas falam? Tem sinais próprios? Como são seus sinais?

Com autorização da comissão dos professores de Cachoeirinha, dos caciques e da comunidade em geral, pude me instalar na aldeia de Cachoeirinha e realizar meu trabalho na região, sempre comprometida a respeitar as normas e solicitações das comunidades.

O método utilizado foi colher depoimentos o mais espontaneamente possível dos surdos e seus familiares. Algumas vezes sozinha, algumas acompanhada de informantes da pesquisa e outras ainda de Ondina e Seu Gildo que gentilmente me levaram e apresentaram a algumas famílias, falando com eles em terena quando necessário e algumas ainda com informantes surdos. Foi feito diário de campo, além das filmagens e fotos das conversas e dos sinais nas casas das famílias e escolas. O processo é baseado em ferramentas como observação, questões sobre eventos cotidianos e também sobre assuntos mais específicos como educação, preconceitos, línguas, declarações que surgiam espontaneamente e registro dos sinais.

Levantei 78 inquéritos de fala espontânea, gravados em formato de vídeo, sendo alguns de mais de 2 horas de duração.

Como em áreas urbanas, encontrei mais resistência às línguas de sinais em algumas pessoas e menos em outras, algumas que vêem o aparelho para surdez e oralização como a melhor “solução” para a surdez, mas, na maioria das vezes, pessoas que entendem que a LS é a melhor alternativa para o surdo.

Os familiares sempre me ajudavam a entender os sinais terena que eu ainda não conhecia, no caso de surdos que não falavam LIBRAS, somente utilizavam sinais locais.

Os alunos que vão à escola na cidade estão cada vez mais aprendendo a Libras com os intérpretes e participando da comunidade surda urbana (de Miranda).

Fargetti lembra que

No estudo de línguas indígenas há duas atividades que se complementam, a documentação e a descrição. Não é possível uma boa análise de uma língua sem uma documentação consistente de dados a seu respeito. E tal documentação, em maior ou menor grau, depende sempre de um olhar do pesquisador, de um direcionamento com objetivos específicos, o que a coloca em dependência de processos analíticos, da descrição. Portanto, documentar e descrever são tarefas interligadas (...). (FARGETTI, 2013, pp. 115-116)

Portanto, tendo isso em mente, procurei fazer uma boa coleta de dados, com gravações por vezes bastante extensas, mas que puderam capturar registros de fala espontânea em que, conversando com os informantes sobre temas do dia-a-dia, como a escola, educação, seus familiares, a vida na aldeia e na cidade, os surdos e os ouvintes, conheci diversos sinais nativos ou pude retomar alguns descobertos em momentos em que não estávamos filmando. A descrição foi feita ainda em campo, no diário de campo, e, posteriormente, assistindo aos vídeos gravados e fazendo caracterizações mais detalhadas.

Busquei pesquisar sinais utilizados pelos surdos terena e pessoas próximas a eles, sua relação com a LIBRAS, como essas línguas influenciam na sua educação, cognição, identidade. A investigação sobre sinais terena foi realizada tentando registrar e valorizar essa cultura e conteúdo semântico, sabendo que tantas línguas como essa já emergiram em diversos lugares do mundo. Trabalhei nas Aldeias de Cachoeirinha, Babaçu, Morrinho e Argola (sendo que na últimaviagem contei em uma das oficinas com professores da Mãe Terra também), do município de Miranda, estado do Mato Grosso do Sul.

O cerne da pesquisa é a questão do desenvolvimento, do uso e da continuidade (ou não) do emprego dos sinais terena, que foram filmados, fotografados e descritos por meio da escrita em português e esses dados foram e ainda estão sendo analisados embasados em estudos linguísticos de outras línguas de sinais.

Busquei fazer sempre a investigação partindo de uma observação científica, descritiva e com objetivos claros, respeitando a cosmovisão dos indivíduos com quem trabalhamos.

Sendo ouvinte, não-indígena e morando em outro estado, como pesquisadora não pude considerar ter uma visão totalmente de dentro e de perto da situação da realidade pesquisada, apesar de procurar participar dessa realidade, oferecendo oficinas de capacitação sobre línguas de sinais, cultura e educação de surdos nas aldeias, conversando com as famílias, professores e amigos dos surdos, com os próprios surdos e profissionais que trabalham com

eles, inclusive mantendo contato, mesmo a distância. O estudo constante da cultura e língua(s) do povo terena, dos surdos brasileiros e de outros povos com língua e realidade semelhantes também é uma maneira de aproximação com a qual se pode contar. Trabalho em conjunto e desejo compreender as práticas, costumes e significados das atitudes do outro, mas reconheço que provavelmente nunca chegue à totalidade desse conhecimento porque, apesar de sempre buscar aproximação, estou do lado “de fora” culturalmente (com práticas, costumes, visão de mundo diferentes) e fisicamente (visto que não resido no mesmo local).

Busquei conhecer a história, cultura, desafios e como tudo isso se reflete nos e está ligado aos sinais terena. Desejo analisar os sinais sem preconceito linguístico, com uma visão, apesar de ser de fora, que respeite e busque entender e valorizar seu conteúdo.

Assim pensando e lembrando que em minha primeira viagem a campo não conhecia nenhum sinal terena e pouquíssimo sabia sobre os surdos dessa etnia e pouco conseguia coletar desses sinais nessa primeira vez, na segunda viagem queria fazer uma documentação de alto nível, ou seja, coletar o máximo de sinais nativos possível - se percebesse a sua existência – e com o máximo de qualidade possível.

Não via a possibilidade de, por exemplo, procurar trabalhar com um campo semântico específico dentro do léxico, como pode acontecer em outras pesquisas da linha de Estudos do Léxico. Meu objetivo era descobrir se existiam realmente sinais terena e se a resposta fosse afirmativa, como eram esses sinais, e em que ocasiões eram utilizados, e com quem. Para atingir esse objetivo principal, portanto, considerei que não haveria seleção de campos semânticos específicos para se trabalhar, exceto pelo fato de buscar coletar dados em momentos de fala espontânea, o que gerou uma necessidade de se saber quais temas são mais atraentes para os informantes dessa investigação.

Como coloca Fargetti, “as línguas indígenas brasileiras começam a ter maiores estudos, mas muitas sequer foram estudadas” (FARGETTI, 2013, p. 116). Assim, gostaríamos que os sinais terena, bem como tantas línguas indígenas fossem mais estudadas, possibilitando maior incentivo no uso e na preservação delas e trazendo diversas contribuições para a linguística (discussão de teorias).

Para estudar os sinais terena, procurei saber se já havia “estudos e documentação disponível” sobre eles e “entrar em contato com todo o material existente”, como recomenda Fargetti (op. cit). Encontrei, como referências nacionais, os trabalhos de Vilhalva (2012) e Giroletti (2008). Giroletti trabalhou em sua dissertação de mestrado com os sinais Kaingang, que ela, juntamente com os surdos Kaingang chamou de “SKA”, que significa “Sinais

Kaingang da Aldeia”. O trabalho da pesquisadora é na área da Educação, e nos trouxe várias contribuições, mas também algumas dúvidas, em relação ao tratamento linguístico dos sinais. Vilhalva conheceu surdos terena no Mato Grosso do Sul e alguns de seus sinais, mas ao que tudo indica, trabalhou mais com os surdos guarani nesse mesmo estado, e sua investigação parece ser mais de cunho quantitativo do que qualitativo.

Senti que teria que iniciar as análises do zero, pois o que havia disponível eram estudos muito preliminares. Entretanto, tinha objetivos e as questões levantadas para guiar as coletas de dados.

Procurei também aprender os sinais terena e utilizá-los sempre que possível pois “soa estranho para os falantes você sempre dizer que foi a eles para aprender sua língua e não conseguir conversar minimamente com eles” (FARGETTI, 2013, p. 117). Além disso, esse conhecimento pode acelerar os estudos e trazer melhor relacionamento com os informantes (idem).

Sobre a maneira de documentar, sabemos que

além de ter bons equipamentos é necessário saber como fazer a documentação (...). A documentação pode servir a vários propósitos: prover dados para sistematização da descrição linguística, registrar tradições que podem estar se perdendo, colaborar para a construção de uma memória para as próximas gerações, permitir repensar práticas pedagógicas nas escolas da comunidade, entre outros (FARGETTI, 2013, p. 121).

Procurei providenciar bons equipamentos, dentre eles câmera filmadora de alta qualidade, tripé, câmeras fotográficas digitais, notebook, HD externo, pen-drives e outros. Tinha como propósitos todos os citados anteriormente, mas principalmente, como já colocado, prover dados para sistematização da descrição dos sinais terena. Com a necessidade de saber se esses sinais existiam e como eram, procurando fazer descobertas da forma mais natural possível, com o mínimo de influência por parte da pesquisadora, fiz um trabalho a princípio documental, com registros de fala espontâneos para análise no futuro; porém a medida que a relação com os informantes se desenvolveu, novas informações foram descobertas, principalmente em conversas com ouvintes - como as mães dos surdos - e então foram feitas gravações de dados elicitados, buscando registrar especificamente esses sinais recém-descobertos.

Também procuramos sempre lembrar que

devem-se registrar informações tais como: nome do informante, idade, sexo, data de gravação e transcrição, contexto, tipo de dados coletados, duração da coleta, entre

outros. Tais informações podem ser chamadas de ‘catalogação’ e são vitais para se entender o que se documentou (FARGETTI, 2013, p. 131).

Procurei tomar todo o cuidado possível em relação a essas informações já colocadas. Além disso, é sempre necessário prestar especial atenção ao contexto de uso da língua em questão pois o estado do informante (exemplo: cansado, doente, animado) ou situações a sua volta influenciam nos dados que ele concede.

Gostaria de trabalhar com mais surdos terena, mas optei por trabalhar com os terena da região de Miranda-MS, cujas famílias e comunidade em geral demonstraram grande interesse e primeiramente me concederam não só a ideia mas grande apoio para o projeto. Seria muito difícil, com os recursos que tenho, trabalhar em outras regiões além desta, mas acredito que o trabalho com surdos terena dessas aldeias possa ser relevante e útil no trabalho com surdos terena de outras regiões, bem como futuros trabalhos de pesquisadores, professores, intérpretes e familiares de surdos de outras etnias.

Como se trata de uma língua visual-gestual, fiz todo o possível para trabalhar com equipamento adequado, com filmagens cuidadosas e fotografias dos sinais, sempre que possível com os informantes vestindo camiseta preta e com fundo branco ou claro, para que as imagens tivessem o máximo de nitidez possível. Logo pensei em produzir um DVD apresentando o povo terena, um pouco de seus costumes, sua cultura, e também os surdos terena, seus sinais, sua realidade.

4.1.1. Métodos

Trabalhei com 13 terena surdos nesta pesquisa, sendo que 1 é da aldeia Morrinho, 1 da aldeia Argola (mas mora em Campo Grande), 2 da aldeia Babaçu e 9 são da aldeia Cachoeirinha (mas 1 deles mora agora na Colônia Paxixi, e 2 em Campo Grande). Esse número pode parecer pequeno, mas gostaria de lembrar que é uma quantidade razoável, já que há línguas indígenas que não possuem sequer seis falantes.

Busquei situar o modo como vivem os treze surdos dentro de sua realidade social e individual, para o primeiro tipo, e para o segundo a observação das características linguísticas dos sinais e procurando entender o processo de sua criação e seu estabelecimento (assim como em GIROLETTI e VILHALVA). A maioria desses sinais foi filmada (foram identificados mais de 43 sinais, até o momento, podendo ser mais) e fotografada. Acredito que o melhor caminho para isso é a convivência com os surdos indígenas e suas famílias. Alguns

pesquisadores, como Giroletti, coletam esses dados na escola, o que também é muito interessante, mas de maneira geral, assim como ela, esses pesquisadores tem como foco principal a educação e não a linguística.

Baseada nas informações aqui colocadas penso para um futuro projeto de doutorado nos seguintes objetivos: registro quirológico e uso do alfabeto manual; análise da construção morfológica dos sinais; análise da construção sintática e uso da espacialidade; pertinência semântica e pragmática dos sinais. Para alcançar esses objetivos, o trabalho de campo, com a convivência com os informantes e suas famílias, se mostra fundamental.

A pesquisadora Vilhalva diz que para fazer sua análise linguística dos sinais, construíram um quadro comparando os sinais usados por todos os seus informantes para um mesmo referente – identificando a motivação dessa criação e a composição gestual dessa comunicação. Penso que esse método, também usado por outros especialistas da área de línguas de sinais, pode ser muito proveitoso para meu trabalho, e, portanto, pretendo usá-lo.

Se por uma perspectiva acho interessante reunir todos os índios surdos, favorecendo a troca de informações linguísticas, experiências familiares e interação social entre eles e também favorecendo, talvez, a coleta de sinais por mim desconhecidos e a percepção de elementos da identidade de cada um deles, por outra penso que é muito importante dedicar um tempo de qualidade a cada informante individualmente e a sua família, procedimento que possibilita coletar e discutir os dados com calma, explicando melhor os propósitos do trabalho, responder às dúvidas que a família pode ter em relação aos surdos, sua maneira de ver o mundo, sua língua e outras questões, e também facilitar a aproximação com o surdo, com sua realidade individual, sua história, questões, sua identidade. O último método, portanto, foi o mais utilizado, apesar de nem sempre ser possível de ser executado, e, além disso, o primeiro método se mostra fundamental para observar se os mesmos sinais terena que um surdo utiliza são conhecidos e utilizados por outro surdo da mesma aldeia ou de uma aldeia diferente (e portanto de um surdo que está bem mais distante).

A experiência com cada surdo individualmente, juntamente com sua família – que representa um papel indispensável, especialmente em casos de surdos que só utilizam os sinais terena para comunicação, como já citado - se mostrou bastante produtiva, sendo que consegui alcançar os objetivos, acima referenciados.

A experiência com dois, três ou mais surdos interagindo, entretanto, também se mostrou muito rica, revelando aspectos culturais, questões em relação a preconceito linguístico que sofrem e/ou já sofreram de diversas maneiras e principalmente por nos mostrar que eles

utilizam os mesmos sinais, com pouquíssimas exceções, notadas pelas dúvidas em relação a alguns poucos sinais. De maneira geral fica claro que os informantes parecem se entender bem mutuamente, sem muita dificuldade.

Para a pesquisa, gravei, fotografei essas conversas e transcrevi as informações presentes nessas interações, além de ser feito, paralelamente, o diário de campo.

Na conversa com cada família, sempre busco enfatizar que todas as línguas são importantes e belas, que cada uma é capaz de suprir as necessidades dos falantes que a utilizam, e que os surdos terena, bem como suas famílias, tem todo o direito de utilizar esses sinais e exigir os direitos ligados a suas condições, como intérprete de LIBRAS nas escolas da aldeia e formação desse tipo para professores e interessados que sejam terena, para um melhor entendimento da cultura e situação desses surdos, obtendo cada vez mais o respeito da sociedade ouvinte e atitudes por parte dos órgãos responsáveis por essas mudanças na educação que devem ocorrer nessas áreas indígenas.

Perguntei-me se existem maneiras de incentivar o uso dos sinais indígenas. Vilhalva nos dá alguns exemplos de como isso pode ocorrer:

quanto mais frequente for o uso do espaço visual onde a Língua de Sinais esteja presente, quanto maior for sua presença na área acadêmica e quanto mais estudo houver, mais bem firmes e detalhadas serão as maneiras de o índio surdo sinalizar. Quanto mais envolvidos com o movimento surdo, com as comunidades surdas, quanto mais assistirem aos DVDs em Língua de Sinais, mais desenvolvuras terão. Quanto mais exemplos tiverem de seus pais, se estes forem sinalizadores e/ou professores bilíngues, mais facilmente se comunicarão com os demais nesta língua visual. (VILHALVA, 2012, p. 57)

A pesquisadora compartilha alguns métodos e dinâmicas que utilizou para trabalhar questões acerca dos sinais indígenas e identidade surda com seus informantes, como o uso de jogo da memória.

Ela também fez uma apresentação sobre a questão da leitura e testou mostrar a palavra ‘surda’ no alfabeto manual para ver se todos conheciam. Um DVD em LIBRAS foi apresentado. Depois, numa dinâmica de apresentação, ela colocou a questão de quem é surdo e quem é ouvinte. Houve bastante debate sobre a questão e a atividade se tornou complexa, segundo a pesquisadora. Alguns surdos se declararam surdos e outros, ouvintes. Com uma atividade desse tipo fica claro que “a descoberta da identidade demanda tempo” (VILHALVA, 2012, pp. 62-63).

Ela fala também de um momento do evento em que pais e mães puderam falar a respeito de seus filhos, de línguas de sinais, etc. (VILHALVA, 2012, p. 64)

Precisamos lembrar que a comunidade linguística já reconheceu a LIBRAS como língua há muitos anos e ela já foi reconhecida como língua oficial do país há mais de 10 anos (abril de 2002). A sociedade majoritária é ouvinte e certamente aprecia quando o surdo é oralizado e faz leitura labial, mas o uso dos sinais, como coloca Vilhalva, precisa ser negociado em diversos espaços, lembrando sempre que os surdos devem ter seus direitos linguísticos respeitados, até porque são garantidos por lei, e isso pode ajudar a esclarecer a comunidade ouvinte e as comunidades indígenas também, por exemplo, ajudando a combater preconceitos, visto que talvez algumas pessoas pensem que “falar com as mãos” (utilizar línguas de sinais) seria algum tipo de atraso.

No Workshop Internacional “Atuais Tendências e Potenciais na Documentação Linguística” realizado no Instituto de Estudos Linguísticos (IEL), na Unicamp, de 2 a 5 de abril de 2013, pude participar de diversos minicursos que forneceram informações valiosas para minha pesquisa e oportunidade ímpar de discutir dúvidas que tenho com colegas da mesma área. Um dos minicursos gerou discussões importantes acerca de coleta de dados, de como proceder para deixar o informante o mais a vontade possível diante de câmeras e gravadores, de cuidados com esse tipo de dados (vídeos). Mandana Seyfeddinipur pontua que gravação em vídeo é crucial em documentação de línguas e que propósitos diferentes requerem técnicas diferentes. Ela falava de línguas orais, como o inglês, mas cremos que é importante frisar o quanto esses recursos e técnicas são necessários para trabalhar com línguas visuais-gestuais. Ela lembra que em relação a uso das línguas, os projetos ainda são dominados por meios descritivos como: textos, descrições por extenso, etc. Ela coloca que treinamento com vídeo precisa ser baseado em sólido conhecimento teórico. O que os microscópios fizeram pela biologia pode-se dizer que as câmeras fazem hoje pela psicologia, linguística, sociologia, etc, segundo a palestrante.

Essas observações levam a concluir que preciso saber mais sobre técnicas para melhorar o trabalho de campo, a coleta de dados.

Tive dificuldades, por exemplo, para saber como filmar o informante que estava sinalizando e também membros de sua família que estavam sentados próximos ao informante interpretando seus sinais terena para mim, passando para o português. Às vezes a filmagem de vários informantes surdos, sentados em semicírculo, sinalizando, apresenta algumas dificuldades. Senti que preciso de muito mais informações sobre técnicas para filmar,

registrar, documentar línguas de sinais. Contudo, mais do que técnicas, esse trabalho exige recursos consideráveis.

Em alguns momentos, houve inibição por parte dos informantes, mas de maneira geral todos colaboraram com a pesquisa, tanto em relação a informações quanto em relação a serem fotografados e filmados.

Pude observar como eles pensam, agem e sinalizam, coletando informações de diversos tipos.

Entretanto, apesar do trabalho do profissional responsável por filmar e fotografar que me acompanhou, penso que ter sempre um intérprete da língua terena e um desenhista me acompanhando poderia ser excelente para facilitar a coleta de dados e evitar que estes sejam perdidos. Gostaria também de dispor de mais tempo para a realização da coleta de dados com mais detalhes, com mais aprofundamento, ou uma frequência maior de ida a campo, o que nem sempre é possível.

4.2. Discussão de Teorias

No livro *A Gramática Funcional* (NEVES, 2004) pude entrar em contato com as bases do pensamento funcionalista e também do pensamento formalista, o que pode guiar a uma reflexão sobre qual o tipo de teoria que devo e/ou desejo aplicar a minhas investigações.

Buscando resumir a teoria funcionalista, ou o cerne desta teoria, a autora cita Martinet (1978) que coloca como

objeto da verdadeira lingüística a determinação do modo como as pessoas conseguem comunicar-se pela língua, e o que deve constantemente guiar o lingüista é a competência comunicativa já que toda língua se impõe (...) tanto em seu funcionamento como em sua evolução, como um instrumento de comunicação da experiência entendendo-se como experiência tudo o que [o homem] sente, o que ele percebe, o que ele compreende em todos os momentos de sua vida. (MARTINET, 1978 apud NEVES, 2004, p. 2).

É perceptível ainda, de maneira geral, que

a língua (e a gramática) não pode ser descrita como um sistema autônomo, já que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. A gramática funcional, aponta Nichols (1984, p. 97), embora analise a estrutura gramatical, inclui na análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. (NEVES, 2004, p. 3)

Tendo isso em vista, fica claro que a coleta e a análise de dados numa pesquisa linguística, no trabalho com uma língua indígena de sinais, por exemplo, deve ser feita tomando cuidados específicos. Não podemos esperar que os dados sejam desvinculados de elementos como cultura, cognição, mudança e variação dentre outros já citados e portanto devemos coletá-los e avaliá-los tendo isso em mente e lembrando que esses parâmetros podem ocorrer de maneira bem diferente da maneira como ocorrem em nossa língua (nesse caso, o português).

Os dados não devem ser coletados a base de testes que resultarão em sentenças artificiais ou baseados apenas na língua e visão de mundo do pesquisador. Agindo assim, o linguista corre o risco de ter em seu trabalho orações – e, conseqüentemente, análises sintáticas, morfológicas e de outros tipos – que não refletem de fato o funcionamento daquela língua.

Sendo assim,

os funcionalistas (...) se preocupam com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua; frisam, assim, a importância do papel do contexto, em particular do contexto social, na compreensão da natureza das línguas. (NEVES, 2004, p. 41).

A necessidade de comunicação é intrínseca ao ser humano, e no caso dos surdos, por terem um aprendizado extremamente visual, essa necessidade geralmente resulta numa língua de sinais, o que é o mais natural para eles. Esse é o caso também dos surdos terena, em Mato Grosso do Sul. Sinais terena foram criados para estabelecer comunicação com seus familiares e amigos ouvintes e com outros surdos, entretanto é necessário pensar como isso se deu desde o início e como funciona até hoje entre eles.

Os sinais para “Dança da Siputrena” (dança terena realizada apenas por mulheres) para “Dança do Bate-Pau” ou “Dança do Penacho” (que é a dança dos homens) para “cerâmica terena”, “pintura corporal terena” e outros que representam elementos culturais revelam muito da realidade nativa e evidenciam essa relação língua-ambiente, destacada no funcionalismo.

Creio que essa pesquisa pode e poderá contribuir muito, assim como outras sobre línguas de sinais, na questão citada pela autora em relação ao iconicismo nas línguas, pois na LIBRAS e pela análise feita até agora, também entre os terena, há muita iconicidade nos sinais (por exemplo, nos sinais “mandioca”, “vaca”, “mamãe”, “trabalho”, “bocaiúva” e outros).

A iconicidade, ou seja, o “princípio pelo qual se considera que existe uma relação não-arbitrária entre forma e função, ou entre código e mensagem na linguagem humana (...) relação natural entre o código linguístico e o seu *designatum*” (NEVES, 2004, p. 103) é uma característica presente na LIBRAS e nos sinais terena, bem como em outras línguas de sinais. A autora cita alguns exemplos de iconicidade, como extensão do texto ligada à quantidade de informações e ordem dos fatos na narrativa ligada à ordem em que os fatos ocorreram cronologicamente, entretanto, não há nenhuma referência a línguas de sinais. O estudo de línguas viso-gestuais pode contribuir muito nesse sentido, para melhor entendimento desse tipo de teoria lingüística, devido a seu tipo de modalidade de língua.

A pesquisadora pontua que o estruturalismo clássico não admite a iconicidade, por ser motivação do mundo exterior (NEVES, 2004, p. 108). Assim sendo esse tipo de teoria parece ser bastante inconveniente se aplicada a um estudo como o nosso. Tendo em vista que toda a cosmovisão terena e também surda, além da experiência familiar e individual de cada informante demonstra ter uma forte influência na criação e uso de seus sinais, o sistema funcionalista parece ter bem mais a contribuir com essa pesquisa, colocando-se como o mais adequado.

Entretanto, tenho ciência de que existem diversas linhas de pensamento funcionalista. Tendo isso em vista, estudarei futuramente as possibilidades para perceber qual linha se adapta melhor ao nosso trabalho e à nossa visão.

Deve-se lembrar que os dados dessa pesquisa não foram coletados em sentenças completas em sinais terena, foram dados que surgiram em diálogos em LIBRAS. Não tenho, então, pistas morfossintáticas dos sinais terena para fazer uma melhor categorização gramatical. Os melhores critérios para classificação de nomes e verbos são os morfossintáticos (SCHACHTER, 1985) e os critérios variam de língua para língua, mas no momento não posso fazer esse tipo de classificação por conta dos dados que pude coletar, que não ocorreram em situação normal de uso dos sinais terena, foram de maneira geral apenas citados em meio a sentenças em LIBRAS. Fiz uma categorização semântica dos sinais, que apresento a seguir.

Sabendo que, “em geral, *não* se acham línguas sem duas classes maiores: *nomes* e *verbos*” (GIVÓN, 2012, p. 406), fez-se necessário estabelecer uma reflexão sobre essas classes e uma busca pelo que seriam nomes e verbos nos sinais terena.

De acordo com Givón (2012, pp. 406-407), o universo de nomes das línguas codifica entidades “mais concretas”, ou seja, aquelas que existem no espaço e no tempo. Sabe-se também que elementos que fazem referência (elementos referenciais), geralmente são nomes.

Ainda de acordo com o autor, os verbos mapeiam ações ou eventos. Geralmente eles mapeiam entidades que são menos concretos que os nomes, as quais tipicamente têm apenas *existência no tempo*. A categoria gramatical mais comumente associada a verbos envolve dêixis temporal, isto é, tempo-aspecto.

Assim, por meio desses métodos e com o estudo dessas teorias foi possível levantar os inquéritos de fala de forma mais espontânea possível, sendo os sinais terena gravados em formato de vídeo, fotografados, descritos em diário de campo e analisados posteriormente. Pude chegar, desse modo, a algumas conclusões, apresentadas na análise dos sinais terena e nas conclusões finais, neste trabalho.

5. Discussão dos dados terena

5.1. Análise de dados

A análise pode se dividir em duas espécies, sendo:

1. Análise que inclui descrição etnográfica, da educação, cultura terena e história dos surdos indígenas no Brasil
2. Análise linguística dos sinais terena

5.2. Os sinais terena

Apresentarei em seguida alguns dos sinais terena que foram registrados, realizados por alguns dos informantes surdos desta pesquisa.

Esses sinais são utilizados pela maioria quando não por todos os surdos terena que conheci. Colocarei apenas alguns, com tentativas de exemplos dos tipos de classe de palavras, com sua descrição linguística e sua relação com a cultura e a importância local, quando necessário, e, em seguida, as imagens sequenciais que retratam o sinal e a trajetória do movimento desses sinais, indicadas também por setas. Minha forma de desenvolver a descrição dos sinais está baseada principalmente no trabalho de Ferreira (2010).

A LIBRAS está presente em Cachoeirinha e em outras aldeias próximas, e já influenciando os sinais nativos. Tem-se, por exemplo, os sinais terena ‘cacique’ e ‘Aldeia de Cachoeirinha’. O sinal ‘cacique’ tem a configuração de mão em “C”, o que acredito ser um primeiro indicativo da influência da LIBRAS (pois não vimos isso em outros sinais). Além disso, o sinal é realizado com um movimento descendente do ombro esquerdo em direção ao osso da bacia do lado direito do corpo, remetendo a uma faixa (presidencial, por exemplo), que representa autoridade, poder. Essa característica é proveniente da LIBRAS, como vemos no sinal ‘presidente da república’. Depois desse movimento, a mão é levada acima da cabeça, configuração de mão ainda em “C”, com a orientação da palma da mão para cima ou para baixo (me disseram que é opcional), para representar o cocar. Essa parte do sinal, que, isoladamente, constitui um sinal com significado próprio (‘cocar’) creio ser criação terena, apesar da configuração de mão já citada como pertencente à LIBRAS.

O sinal ‘Aldeia de Cachoeirinha’ tem configuração da mão direita em “C” – como já citado, marca que parece vir da LIBRAS – com a CM da mão esquerda aberta, orientação da palma da mão para cima, sendo que primeiro a mão direita em “C” toca com a ponta dos dedos a mão esquerda, o que constitui o sinal que eles utilizam para falar de ‘aldeia’ Depois, o dedo polegar da mão direita toca a palma da mão esquerda e em seguida, a mão direita faz um movimento de ondulação na diagonal e descendente, da esquerda para a direita, remetendo a ‘cachoeira’(mas diferente, como se nota, do sinal para ‘cachoeira’ na LIBRAS).

Os sinais - representados por imagens sequenciais que possibilitam perceber a trajetória de seu movimento – podem ser vistos abaixo:

(1) CACIQUE²⁹

Sinalizante: Tainara



(1 a)



(1 b)

²⁹ As palavras escritas em letras maiúsculas fazem referência a conceitos representados pelos sinais e não a palavras da língua portuguesa, assim como em Ferreira, 2010.



(1 c)

(2) ALDEIA CACHOEIRINHA

Sinalizante: Tainara



(2 a)



(2 b)



(2 c)

(3) PAPAI

Sinalizantes: Giane e Jennifer

Como já citado, a relação entre pais e filhos no povo terena de modo geral é muito próxima. Todos os informantes com quem conversei demonstraram carinho e respeito por seus pais, mesmo quando a comunicação com eles não é plenamente possível devido ao desconhecimento de alguns sinais, especialmente da LIBRAS. Os pais dos surdos terena, bem como os outros pais, fazem todo o possível para suprir as necessidades de seus filhos e demonstram grande preocupação com a independência, as relações sociais e o trabalho de seus filhos. Na primeira vez em que visitei Giane, fui recebida por seus pais, e expliquei meu trabalho a eles. Eles conversaram com Giane e depois me receberam em sua casa. Conversando (eu e Tainara) com Giane sobre nossos pais, nossas famílias, notei que ela usava um sinal como o de ‘cavanhaque’ em LIBRAS, mas não para tratar de um cavanhaque, visto que não conhece LIBRAS, nunca aprendeu essa língua. Apenas compreende poucos sinais que Tainara às vezes procura ensinar a ela. Pelo contexto logo pode-se perceber que ela estava se referindo a seu pai, algo que confirmei com Tainara conversando em LIBRAS e diretamente com Giane, por meio de alguns sinais terena que já conhecia e apontamentos. O pai de Giane usa bigode e cavanhaque, e é curioso notar que ela acabou elaborando esse sinal ao que tudo indica com o apoio de sua mãe e outras pessoas para se referir a seu pai, mesmo sem ser usuária de LIBRAS ou conhecer o significado desse sinal nessa língua. A iconicidade que a levou a criar esse sinal, portanto, para tratar do seu pai, mas tendo como referência seu cavanhaque, foi a mesma que levou outros surdos a criarem o sinal com a mesma configuração de mão, locação e movimento para ‘cavanhaque’ em LIBRAS. Isso dá indicações de existência de uma não-arbitrariedade do signo, que pode ser estudada mais profundamente posteriormente. É interessante notar também que um dos sinais possíveis em LIBRAS para ‘pai’ faz referência à barba do homem (que também significa ‘homem’, nessa língua) e ao costume cristão de pedir a ‘bênção’ para o pai. Apesar de muitos terena serem cristãos, como já apontado em diversas pesquisas, e ser observado entre eles também o costume de pedir a bênção, esse sinal que se refere apenas ao cavanhaque ou em alguns casos bigode utilizados pelos pais é o sinal utilizado para tratar deles. Uma outra possibilidade em LIBRAS é o sinal composto por datilologia, ou seja, com as letras P-A-I realizadas com o alfabeto manual. A LIBRAS não parece ter tido influência alguma na criação e utilização

desses sinais, conquanto a presença da característica reconhecidamente masculina, a barba, esteja presente de maneiras diferentes nesse sinal nas duas línguas.

A configuração de mão é composta pelos dedos indicador e polegar unidos em formato circular. A locação é na região da cabeça, especificamente entre o nariz e os lábios superiores inicialmente e no queixo no final do movimento sendo esse descendente. A orientação da mão é para o corpo. Existe contato entre as pontas dos dedos e o rosto.



(3 a)



(3 b)

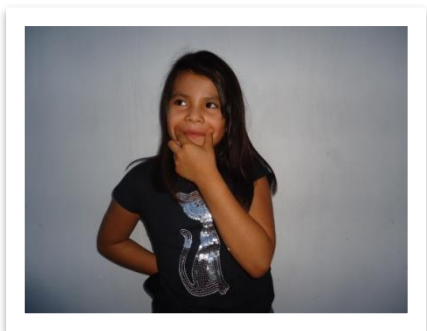


(3 c)

Jennifer utiliza o mesmo sinal para falar de seu pai, que também usa barba, apesar de praticamente não ter contato com Giane.



(3 a)



(3 b)



(3 c)

(4) MAMÃE

Sinalizante: Giane

As mães terena demonstram enorme devoção a seus filhos, preocupam-se com sua saúde, com sua educação, seu futuro e seu bem-estar. Os surdos terena, bem como os outros filhos ouvintes, demonstram profunda gratidão e nutrem admiração por elas. Conversando com alguns surdos terena sobre suas famílias, e alguns pais também, incluindo Giane, que, além de filha, também é mãe, conhecemos o sinal terena para ‘mãe’. Esse sinal, que tem como referência os seios da mulher/mãe, remete a um gesto muito visto entre os terena: a amamentação. Algumas crianças são amamentadas até os dois, três anos de idade, e, no tempo em que fiquei na aldeia, presenciei também avós amamentando seus netos pequenos. Tendo em vista a importância desse gesto, percebe-se logo a motivação desse sinal, em que uma mão é colocada sobre um seio e depois sobre o outro, não importando a mão ou a ordem utilizadas para realizar a sinalização. Esse sinal não tem nenhuma semelhança com nenhum dos sinais de ‘mamãe’ em LIBRAS (o considerado de linguagem infantil e o de linguagem adulta, assim como acontece com o sinal de ‘pai’), que são diferentes em seus movimentos, configuração de mão e locação. Um dos sinais faz referência à mulher seguido de referência a pedir a bênção, assim como no sinal de ‘papai’.

Gostaríamos de destacar que a configuração de mão deste sinal é diferente de qualquer uma já vista na língua brasileira de sinais (conferir QUADROS e KARNOPP, 2010, p. 220 na tabela de configurações de mão da LIBRAS). Essa configuração de mão é constituída da mão semi-aberta sendo que os dedos não são flexionados nem tão pouco estendido parecendo

assim ser uma intermediária entre essas duas configurações, existentes na LIBRAS. Essa então é uma característica única dos sinais terena. A locação do sinal é na região do tronco, sobre os seios. O movimento é de aproximação da mão do seio mais distante (exemplo: do seio esquerdo, se o sinalizante for destro), e depois do seio mais próximo da mão. Há contato da ponta dos dedos com cada um dos seios. A orientação da mão é para dentro.



(4 a)



(4 b)

(5) PEIXE

Sinalizante: Giane

Apesar de não terem mais em sua redondeza rios ou afluentes do Rio Miranda, nem a cachoeira à qual faz referência o nome da aldeia Cachoeirinha, os terena construíram açudes em que ocasionalmente pescam, e o peixe continua sendo tradicionalmente muito apreciado por eles, em sua dieta. Conversando sobre esse tema com Ondina, e posteriormente com Tainara, Bebeto, Giane e outros surdos terena, descobri que eles possuem um sinal diferente dos sinais da LIBRAS para peixe. Na língua de sinais brasileira esse sinal pode variar, sendo que um deles faz referência ao movimento do peixe quando nada e o outro é o mesmo sinal utilizado para ‘sexta-feira’, numa provável referência à sexta-feira Santa, feriado comemorativo em que os católicos no Brasil costumam em um gesto simbólico não ingerir carne vermelha, geralmente preferindo peixe. O sinal terena para peixe faz referência, diferente do sinal em LIBRAS, ao anzol que prende o peixe pela boca no momento da pescaria.



(5 a)



(5 b)

(6) MANDIOCA

Sinalizantes: Giane e Tainara

A mandioca é outro elemento muito presente na agricultura e dieta do povo terena, e por ele muito apreciado. O sinal de mandioca em LIBRAS na variedade de São Paulo, ou seja, a variedade por mim conhecida, é realizado com o movimento de uma das mãos sobre a outra, em referência a ação de descascar o seu tubérculo. Na variedade de língua brasileira de sinais de Mato Grosso do Sul, da qual pude conhecer alguns sinais no período de minha estadia em Cachoeirinha e também Campo Grande, conheci o sinal de ‘mandioca’ ao conhecer esse sinal terena. Nessa variedade, o sinal de mandioca faz referência ao ato de tirar as raízes da terra. No sinal terena, a referência é também a ação de descascar, porém com outra visão. Um dos braços é utilizado como base para o sinal, e não uma das mãos.



(6 a)



(6 b)

Esse mesmo sinal é utilizado por Tainara e seus irmãos, também surdos (Everton e Elcio), apesar de serem fluentes em LIBRAS:



(6 a)



(6 b)

(7) NAMORAR

Sinalizante: Giane

Giane contou que é casada e brincou com Tainara, que é sua amiga, dizendo que ela estava namorando (VOCÊ - NAMORAR). Quando disse isso, tocou os lábios com dois dedos, o que causou certa estranheza a princípio, pois observando o sinal ser realizado rapidamente e pela primeira vez me levou inicialmente a entender o sinal como ‘fumar’, pois se parece em alguns aspectos com esse sinal da LIBRAS. Questionando acerca desse sinal, porém, Tainara me explicou em LIBRAS que se tratava de ‘namorar’, o jeito como falavam ‘namorar’ na

aldeia. Vi outros surdos, como um surdo adulto, que também não conhece LIBRAS, utilizar diversas vezes esse sinal, que faz referência à ação de beijar – utilizando, para isso, inclusive o movimento dos lábios – e não é em nada semelhante ao sinal de ‘namorar’ em LIBRAS, que difere em configuração de mão, locação e movimento.



(7 a)



(7 b)

(8) PASTOR

Sinalizante: Giane

Os terena, como indicam pesquisas, em sua maioria se declaram cristãos, entre católicos e evangélicos. A presença de igrejas evangélicas e católicas nas áreas indígenas desse povo, é, portanto, muito comum. Na aldeia de Cachoeirinha, em que pude fazer mais trabalho de campo, a maioria da população é católica, apesar de notar massiva presença de igrejas evangélicas. Um dos sinais que logo conheci em uma conversa com Ondina e depois também, com Tainara, Beбето e sua prima Graciele, foi o sinal de ‘pastor’, que revela certas impressões que os surdos terena tem acerca desse líder religioso. Esse sinal em LIBRAS é realizado com a mão direita com configuração de mão em “P” que toca o peito do lado esquerdo e posteriormente do lado direito. O sinal terena é totalmente diferente, fazendo referência a uma mão que segura um microfone e outra mão que se movimenta e pode simbolizar o desejo de que bênçãos venham sobre a vida das pessoas. Algumas vezes esse sinal foi realizado também com certo tom de ironia e brincadeira, imitando com expressões faciais alguém que fala alto, gesticula muito e parece um tanto exagerado.



(8 a)

(9) TERERÉ

Sinalizantes: Giane e Tainara

O tereré é bebida comum e muito apreciada no estado do Mato Grosso do Sul, inclusive entre o povo terena. Podendo ser preparado com ervas de diferentes tipos de torra e também com diferentes tipos de chá (como cidreira, capim-limão e outros) é muito utilizado para refrescar, hidratar, dar energia e é como um símbolo de fraternidade, sendo muitas vezes ingerido em grupo, com as pessoas sentadas em círculo ou semi-círculo em frente às casas. Era sempre recebida com essa bebida nas casas que visitei, sendo, portanto, fácil perceber a motivação para a criação desse sinal terena, realizado em frente à boca e o queixo, muito diferente do sinal em LIBRAS, que tem como referência a bomba e a cuia utilizadas no preparo da bebida.



(9 a)

Aqui temos o mesmo sinal, que também é utilizado por Tainara e seus irmãos.



(9 a)

(10) ÁRVORE

Sinalizante: Everton



(10 a)



(10 b)



(10 c)



(10 d)

Apesar de o ambiente já ter se modificado muito devido a invasões de fazendeiros, desmatamentos, poluição e outros fatores, ainda existem muitas árvores cercando as aldeias de Cachoeirinha, Argola, Babaçu e Morrinho, dentre outras que visitamos.

Esse sinal tem um movimento ascendente, sendo que a sua locação inicial é abaixo do quadril – locação rara na LIBRAS – e sua locação final é na altura da cabeça, sendo que a mão fica acima dos olhos. O movimento já referido representa a transformação da semente em árvore. A semente, com a orientação da mão voltada para baixo, é representada pela mesma configuração de mão que representa a copa da árvore, mas com a orientação da mão para cima. O tronco é representado pelo antebraço. Não há contato das mãos com o corpo.

Gostaria de destacar, então, além da locação que é rara na língua brasileira de sinais e também aparece em outros sinais terena (como DANÇA DO BATE-PAU), que o antebraço pode ser um classificador nos sinais terena, pois aparece também como um representante do formato do referente no sinal MANDIOCA. Esse classificador também é utilizado algumas vezes na língua brasileira de sinais, como no sinal ÁRVORE também, que é diferente do sinal terena para esse referente.

(11) BOCAIÚVA

Sinalizante: Onivaldo



(11 a)

A bocaiúva é um tipo de coco bastante comum nessa região. Muito apreciada pelos terena, pode ser usada na preparação de um delicioso mingau, mas é geralmente ingerida sendo colocada inteira na boca e só então mordida, sendo que seu formato arredondado fica muito visível na bochecha. Assim, explica-se a iconicidade presente na bochecha inflada no sinal (Expressão não-manual), bem como no formato circular da configuração de mão, formada pela união do indicador e do dedo polegar. A locação é a região da cabeça, mais

especificamente nas bochechas, com o contato da lateral dos dedos com a bochecha. O movimento é para cima a partir do lugar de repouso da mão. A orientação da mão é para a esquerda.

(12) IGREJA (CATÓLICA)

Sinalizante: Jennifer



(12 a)



(12 b)



(12 c)



(12 d)

O sinal tem como referente algo permanente, estático, característica de nome nas línguas naturais (GIVÓN, 2012, pp. 406-407).

A presença de igrejas católicas e evangélicas nas aldeias em que trabalhamos é grande e exerce influência em toda a comunidade. Esse sinal, ligado ao gesto feito pelos fiéis da igreja católica, tem os mesmos movimentos do gesto. Um movimento descendente, da locação inicial testa para o peito e depois do ombro direito para o esquerdo (no caso de Jennifer, que é canhota). A locação inicial é na região da testa e a final é a do tronco. A configuração de mão

é em “B”. A orientação da mão é para o corpo, e existe contato entre a ponta dos dedos e o corpo.

(13) DANÇA DA SIPUTRENA

Sinalizante: Jennifer



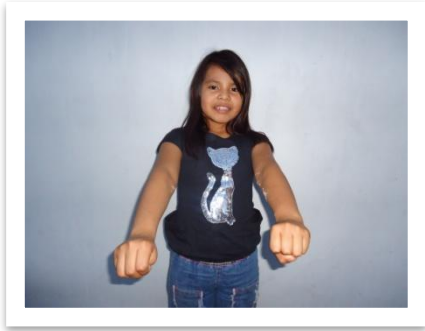
(13 a)

Esse sinal denota um elemento cultural. A dança da siputrena ou da Ema é realizada apenas por mulheres.

A configuração de mão é em “L”, a locação é a região do quadril e o movimento é um movimento curto do tronco pra frente, e não das mãos. A orientação da mão é para baixo. Existe contato dos dedos indicador e polegar com o quadril.

(14) MOTO

Sinalizante: Jennifer



(14 a)

O pai de Jennifer possui uma moto, que usa sempre para se locomover. A mãe me contou que quando ele chega em casa, Jennifer a avisa usando esse sinal. Depois dessa descoberta, busquei elicitá-lo junto a Jennifer, apontando para este e outros referentes de sinais citados pela mãe.

Esse sinal refere-se a algo mais concreto, que existe no espaço e no tempo, ou seja, novamente uma característica de nomes em línguas naturais.

A configuração das mãos é em “S”, sendo a locação a região em frente ao tronco. O movimento é o das mãos em lugar de repouso até a referida locação. A orientação das mãos é para baixo. Não existe contato das mãos ou de dedos como corpo ou entre si.

(15) COAR CAFÉ

Sinalizante: Jucilene



(15 a)



(15 b)

Destaco que esse sinal representa uma ação ou evento, o que conforme Givón, configura verbo, juntamente com um nome. Apesar desse sinal também poder significar CAFÉ, ele significa a princípio FAZER-CAFÉ ou COAR-CAFÉ segundo a família de Jucilene que foi a primeira a me mostrar o sinal. Conhecido também por outros surdos terena, esse sinal pode ser um exemplo de incorporação de informação morfossintática, que “se dá pela duplicação de informação lexical somada a informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito) como por exemplo nos sinais COMER e COMER-MAÇÃ na LIBRAS”. (FERREIRA, 2010, p.52) pois parece ser possível sinalizar apenas ‘coar’ em sinais terena.

Nesse sinal a mão direita (se o sinalizante for destro) é configurada em “C”. A mão esquerda também é em “C”. A locação é a região em frente ao tronco, na área do ventre. A mão esquerda é estática enquanto a mão direita realiza um movimento circular sobre a mão esquerda. Não há contato entre as mãos. A mão esquerda é orientada para a direita e a mão direita é orientada para baixo sendo que o dedo polegar é mais projetado sobre a mão esquerda do que os outros dedos.

(16) TOMAR BANHO

Sinalizante: Regiane



(16 a)



(16 b)



(16 c)



(16 d)

Nas aldeias em que trabalhei, as casas foram feitas por mutirões da prefeitura. Há banheiros em todas as casas, que não seguem o modelo tradicional terena. Esses banheiros nem sempre possuem chuveiros ou sistema de encanamento para o uso deste. Muitas vezes, portanto, os terena costumam tomar banho de caneca. Assim percebe-se a iconicidade nesse sinal.

A configuração de mão é em “5”, com os dedos esticados, nas duas mãos. A locação é a região em frente ao tronco, sendo que é feito primeiramente do lado direito do tronco e depois do lado esquerdo. O movimento é descendente, como de “jogar”. Não existe contato entre as mãos ou de dedos com o corpo. As mãos são orientadas para o corpo.

(17) DORMIR

Sinalizante: Regiane



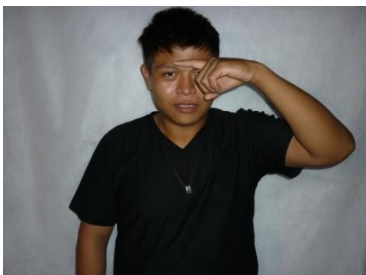
(17 a)

Esse sinal denota uma ação, um evento temporário, não algo permanente. Pode configurar, portanto, verbo na constituição de uma língua.

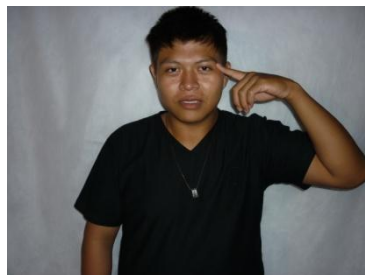
Esse sinal, idêntico ao sinal DORMIR dos ka'apor, tem a configuração das duas mãos em "B", localização na região da cabeça e movimento das mãos a partir da posição de repouso na direção dessa locação. Uma mão é orientada para baixo e a outra é orientada para cima.

(18) TRABALHAR

Sinalizante: Hudson



(18 a)



(18 b)



(18 c)

Como já citado, as oportunidades de trabalho para os terena na região urbana são quase nulas, exceto por atividades comerciais como vender cerâmica ou produtos agrícolas, como já fez Ondina. Mesmo quando existem essas oportunidades os terena são geralmente explorados. Entretanto, na maioria das vezes até hoje, o que resta para os terena é o trabalho na changa (corte de cana) e na roça, com agricultura familiar quando existem terra e condições naturais favoráveis. A iconicidade desse sinal está portanto ligada ao fato de produzirmos suor quando trabalhamos.

Esse sinal, que representa uma ação, foi visto sendo utilizado principalmente por surdos terena que não conhecem a LIBRAS, mas também pelos que conhecem. Foi usado para fazer referência ao trabalho na roça e ao trabalho de cortar cana mas também em referência a trabalho científico, por exemplo na sentença: ELA-TRABALHAR-ESTUDAR-VER-ESCREVER (Ela trabalha com pesquisa), o que comprova a abstração e portanto a arbitrariedade neste sinal, visto que não serve apenas para se referenciar a trabalho braçal, a literalmente derramar suor.

Esse sinal parece configurar verbo (ação, evento) como na sentença ANTES-EU-TRABALHAR-ROÇA (Eu trabalhei na roça) mas também pode ser usado como nome, aparentemente.

A configuração de mão é em “G”. A locação inicial do sinal é em frente à testa e depois, no final do movimento, em frente ao tronco. O movimento é da esquerda para a direita da testa no caso do sinalizante ser destro. A orientação é para baixo. Existe contato da lateral do dedo indicador com a testa.

(19) CORTAR CANA

Sinalizante: Hudson



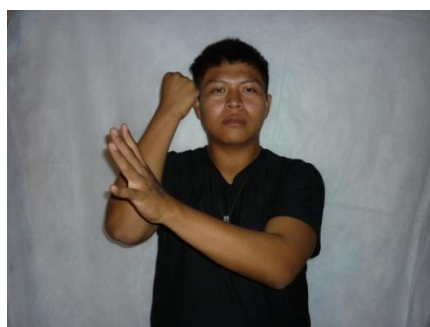
(19 a)



(19 b)



(19 c)



(19 d)

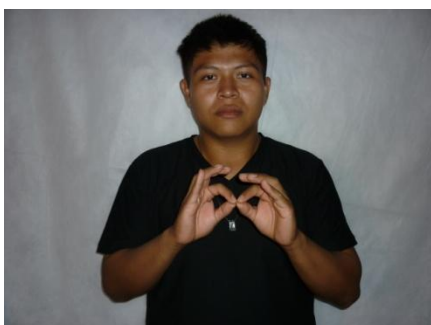
Esse sinal, assim como o sinal COAR-CAFÉ representa uma ação e um nome unidos em apenas uma unidade lexical. Como já dito, a atividade de cortar cana é bastante comum entre os homens terena, uma clara motivação para criação do sinal. Apesar da iconicidade do sinal parecer a princípio transparente, me parece que a configuração de mão poderia ser outra, sendo as canas representadas por dedos. Entretanto os feixes de cana são representados pelo antebraço. Note-se então que esse parece ser realmente um classificador da língua e além disso, recorrente (vide MANDIOCA e ÁRVORE), para referentes cilíndricos e grossos.

A configuração da mão é em “B” na mão direita para os destros, e na mão esquerda para os canhotos (como Hudson). A mão esquerda é configurada em “S” com o antebraço erguido (no caso dos destros). A locação da mão direita é na região do tronco, em frente ao peito sendo que a locação da mão esquerda é na região da cabeça, ao lado dos olhos. O movimento é o de “cortar” da direita para a esquerda e na diagonal, de cima para baixo. Há um segundo movimento, em que a mão direita se fecha em “S” abrindo-se logo em seguida, representando o ato de jogar o feixe de cana ao lado. A mão esquerda e o antebraço

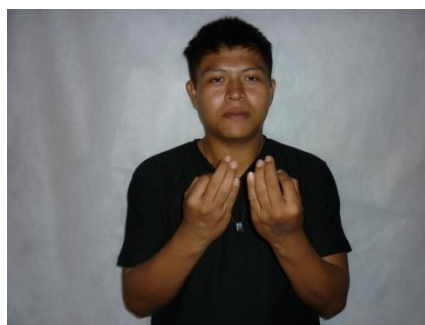
permanecem estáticos. A mão direita é orientada para a esquerda em todos os momentos e a mão esquerda é orientada para dentro. Não há contato entre as mãos.

(20) CESTO TERENA

Sinalizante: Hudson



(20 a)



(20 b)

Esse sinal, bem como os que serão apresentados em seguida (CERÂMICA TERENA, PINTURA CORPORAL TERENA e COLAR TERENA), fazem referência a “entidades mais concretas”, que existem no espaço e no tempo, como coloca Givón (2012, p. 406) . Considero, então, que podem ser nomes numa língua de sinais terena.

Os terena produzem lindos objetos com a arte da cestaria: abanos, cestos grandes e pequenos, dentre outros.

O sinal aqui colocado tem como referente o cesto terena. Percebe-se a iconicidade presente no formato circular do objeto e também na espessura do fio utilizado em seu feitiço.

A configuração de mão é feita com a ponta dos dedos indicador e polegar unidos, nas duas mãos, como no sinal CERTO em LIBRAS ou no sinal BOCAIÚVA utilizado pelos terena. A locação é na região em frente ao tronco. O movimento é semi-circular, fazendo com que as pontas dos quatro dedos inicialmente unidos se separem e as laterais das mãos se encontrem no final do movimento, como no sinal FAMÍLIA, em LIBRAS. Há contato entre as mãos. A orientação das mãos é inicialmente para fora e depois para o corpo.

(21) CERÂMICA TERENA

Sinalizante: Hudson



(21 a)



(21 b)



(21 c)

A prática da cerâmica terena mudou com o tempo, e hoje é feita com função comercial, como já colocado. Entretanto, ela está presente nas casas das famílias terena, que conhecem seu valor cultural e sua história.

A configuração de mão é em “B” com o dedo polegar posicionado ao lado do dedo indicador nas duas mãos, sendo que todos os dedos das duas mãos são flexionados. A locação é a região em frente ao tronco. O movimento é descendente inicialmente e semi-circular no final. Há contato entre as laterais das mãos no final do movimento. A orientação da mão direita é para a esquerda e da mão esquerda para a direita no início do movimento e as duas mãos são orientadas para cima no final do movimento.

(22) PINTURA CORPORAL TERENA

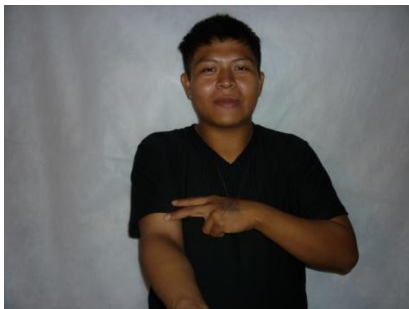
Sinalizante: Hudson



(22 a)



(22 b)



(22 c)



(22 d)

A pintura corporal terena foi resgatada pelo povo não há muito tempo, pois essa prática havia se perdido. A pintura é feita com precisão, utilizando-se tradicionalmente para isso um fino graveto e a tinta do jenipapo (fruta típica da região) ou do urucum. Note-se que Hudson está com o dorso da mão esquerda pintada com tinta de jenipapo, que demora alguns dias para sair. Ele havia feito a pintura especialmente para participar dos jogos indígenas em Campo Grande – MS.

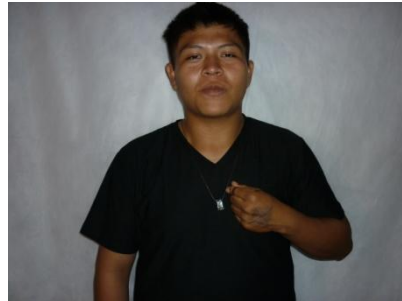
A configuração de mão é em “V”. A locação inicial é a região da cabeça, nas bochechas, e a locação final é o braço (direito no caso de Hudson, que é canhoto). O movimento é de “raspar” das bochechas em direção às orelhas inicialmente e de “raspar” da parte mais externa para a parte mais interna do braço. Há contato das pontas dos dedos com as bochechas e o braço. As mãos são orientadas para o corpo.

(23) COLAR TERENA

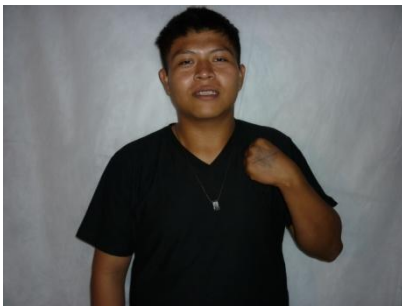
Sinalizante: Hudson



(23 a)



(23 b)



(23 c)

Os terena produzem colares com diferentes tipos e tamanhos de sementes. Note-se então que houve abstração e convenção para se chegar a esse sinal, com essa configuração de mão específica, com o dedo indicador e o dedo polegar quase unidos, o que poderia ser indicação apenas de sementes pequenas, mas não é, justamente pela diversidade de sementes de que se utilizam, como já citado.

A configuração de mão é um tipo de “F”, porém com o dedo polegar separado do dedo indicador. A locação é a região do tronco, no peito. O movimento é semi-circular, descendente e depois ascendente, da direita para a esquerda no caso de Hudson, que é canhoto. Há contato entre as pontas dos dedos e o peito. As pontas dos dedos tocam o peito e se afastam, três vezes. A orientação das mãos é para o corpo.

Como se pode perceber, os sinais terena são independentes, diferentes dos sinais da LIBRAS. Giane não conhece LIBRAS, mas mesmo Tainara, que estuda na cidade, utiliza e aprecia a LIBRAS, também conhece e inclusive continua o processo de criação de sinais terena, como o sinal recém-criado para o nome da aldeia, já apresentado. As duas estabelecem boa comunicação entre si, utilizando os sinais locais.

Podemos observar que Maria Elisa (mais conhecida como Tainara entre os terena) utiliza os mesmos sinais que Giane para ‘mandioca’ e ‘tereré’, bem como acontece com outros sinais. Outros surdos terena também utilizam e/ou utilizam esses mesmos sinais terena (totalmente diferentes dos sinais com o mesmo referente em Libras) bem como a LIBRAS. cremos que essa padronização no uso de sinais pode ser um indício de que eles foram criados e são usados já há algum tempo e também de que pode ser que constituam uma língua.

5.3. Pronomes e Expressões Não-Manuais nos sinais terena

Como já colocado, na LIBRAS, existem os pronomes correspondentes a cada pessoa do singular e plural. Esses sinais também são construídos baseados em apontamentos. É interessante notar que o nome próprio é dado como acontece na LIBRAS e em outras línguas de sinais, ou seja, baseado em alguma característica que se destaque na pessoa, como o cabelo, o bigode ou o óculos, sendo esse último exemplo o caso do pesquisador. Esse “batismo” acontece da mesma forma entre os terena, como pude observar (em um determinado momento, falando sobre a senhora surda citada, e em outro, quando pedi que Tainara e Graciele criassem um sinal para Jennifer e elas criaram, destacando uma pinta que Jennifer tem ao lado dos olhos, mas com influência da LIBRAS, observando que a configuração da mão no sinal é em “J”).

Sobre as marcas de orações imperativas, interrogativas e condicionais nos sinais terena:

Na língua oral ka’apor, imperativos são marcados prefixando /e-/ a itens manifestando os tagmemas predicativos (tradução minha, p. 6). Na língua de sinais, imperativos são geralmente do tipo “faça isso”, “leve isso para John Doe”, “venha aqui” e assim por diante. Não há uma marca evidente para o imperativo, mas uma sentença na língua de sinais é entendida como imperativa pelo contexto e/ou pela expressão facial (idem). Ou seja, se a sentença no imperativo de modo geral acompanha expressão facial, a língua também apresenta marcadores não manuais, assim como a LIBRAS. Os sinais terena também possuem essas características. Presenciamos o uso de sentenças como VÁ-CHAMAR-BEBETO e LEVE-PRISCILLA-PARA-CIDADE-CARRO.

Também não existe marca evidente na LS para a condicional, que pode ser entendida pelo contexto. Nos sinais terena, não sabemos ainda como a condicional ocorre. Na língua

oral ka'apor, a condicional é expressa pospondo /-rahã/ *se, quando* manifestando o predicado ou tópicos.

“Interrogativas, por outro lado, incluem um sinal que indica questões” (tradução minha, p. 6). Os surdos ka'apor usam, portanto, um sinal que representa a interrogação. No caso dos sinais terena, pelo que observamos, isso é feito por meio de expressão facial e ocasionalmente com algun(s) sinal(is). Na língua oral ka'apor, a sentença interrogativa é distinguida pela mudança na entonação na voz.

Os sinais terena foram aqui colocados, com alguns de seus aspectos. Esses sinais apresentam CM (Configuração de Mão), L (Locação), M (movimento), Or (Orientação da Mão) e ENM (Expressões Não-Manuais) como qualquer sinal em uma língua de sinais. Um dos sinais coletados apresenta, inclusive, uma configuração de mão diferente de todas as configurações de mão da LIBRAS, o que pode indicar uma independência dessa língua. Esses aspectos continuarão sendo analisados na pesquisa de doutorado.

6 Características dos sinais terena

6.1. Línguas Naturais

Sobre línguas naturais, Saussure (2012, p.41) diz que

língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Se a língua é um produto social da faculdade de linguagem e, destaque-se, um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos, então, podemos perceber a partir dessa constatação uma evidência de que os sinais terena constituem uma língua, a partir dessas duas definições.

Produto social da faculdade de linguagem: dentro de determinado contexto social e geográfico (casas de famílias relativamente próximas, de quatro aldeias indígenas, nos arredores de uma mesma cidade, Miranda) foram gerados sinais, unidades léxicas em modalidade visual-gestual, devido à extrema necessidade de estabelecer comunicação e expressar pensamentos, sentimentos, desejos.

Um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos: foram convencionados parâmetros reconhecidos em todas as línguas de sinais conhecidas no mundo – Configuração de Mão, Locação e Movimento. Orientação da mão é um parâmetro que precisa ser mais estudado mas as Expressões Não- Manuais foram também constatadas nos sinais terena. Isso permitiu estabelecer comunicação entre os surdos e com seus familiares ouvintes, utilizando assim a faculdade da linguagem, o que é comprovado, inclusive com o fato de que sua cognição não foi prejudicada.

Os sinais terena revelam em sua semântica a relação de seus usuários com os elementos de seu dia-a-dia, de sua cultura, que são resultados de sua história e do meio em que vivem. As práticas sociais envolventes parecem influenciar seus itens lexicais assim como o desejo de comunicação na criação deles. Assim, se “a língua é o conjunto de signos abstratos presentes na mente como resultado da história cultural e como consequência da

prática social” (QUADROS, KARNOPP, 2000, p. 15), os sinais parecem configurar uma língua de sinais.

6.2 Aspectos descritivos dos sinais

Ferreira (2010) trata dos aspectos estruturais da língua brasileira de sinais. Esse estudo serviu de orientação para a análise dos sinais terena, nunca analisados linguisticamente, antes, apenas citados.

A estrutura sublexical da LIBRAS, assim como a de outras línguas de sinais, é constituída a partir de parâmetro (Klima e Bellugi, 1979) que se combinam, principalmente com base na simultaneidade. Tais parâmetros são, em geral: configuração de mão (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA). (FERREIRA, 2010, p. 24)

Esses parâmetros básicos de qualquer língua de sinais também são detectados nos sinais terena.

Também é relevante analisar a incorporação de informação léxico-sintática:

A incorporação de informação léxico-sintática se dá pela superposição da informação lexical somada à informação de ordem sintática (objeto direto, locativo, sujeito). Por exemplo: COMER e COMER MAÇÃ, BEBER, TOMAR e BEBER-CAFÉ, PAGAR+MÊS e ALUGAR, PAGAR MENSALMENTE. Caso especial de incorporação são os verbos chamados direcionais ou com flexão, os quais fazem recurso à direção do Movimento, marcando, grosso modo, o ponto inicial do M, o sujeito e o ponto final do M, o objeto. Esta incorporação equivaleria às flexões verbais da língua portuguesa. (FERREIRA, 2010, p. 25)

É necessário estudar mais a fundo a incorporação de informação léxico-sintática e tentar perceber se existe nos sinais terena. Por exemplo, no sinais terena temos o sinal TOMAR, BEBER (para a ação de beber) e temos o sinal específico para tomar banho, assim como existe também na LIBRAS sinal para tomar, e também para TOMAR BANHO. Nós encontramos sinal específico para BEBER ÁGUA, então seria interessante buscar mais variações nesse sentido, talvez elicitando dados numa próxima coleta de dados, buscando esses dados específicos com incorporação de informação léxico-sintática.

Depois de feitas análises e devidas observações sobre os sinais terena, mas tendo em vista que ainda há necessidade de maior quantidade de dados para se chegar a conclusões concretas, serão apresentadas agora evidências e contra-evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais.

6.3. Evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais

Segundo Quadros e Karnopp, os autores “Hockett (1992, p. 11-20), Lyons (1981, p. 30-5) e Lobato (1986, p. 41-7) enumeraram uma lista de traços atribuídos às línguas em geral, abordando a diferença entre língua e sistemas de comunicação animal. Os principais traços discutidos pelos autores são apresentados”:

6.3.1. Flexibilidade e Versatilidade

As autoras pontuam que, segundo Lyons (1981 apud Quadros & Karnopp, 2004, p. 25)

pode-se usar a língua para dar vazão às emoções e sentimentos; para solicitar a cooperação de companheiros; para ameaçar ou prometer; para dar ordens, fazer perguntas ou afirmações. É possível fazer referência ao passado, presente e futuro, a realidades remotas em relação à situação de enunciação – até mesmo a coisas que não existem. Nenhum outro sistema de comunicação parece ter, sequer de longe, o mesmo grau de flexibilidade e versatilidade.

Enquanto estava em campo, procurei observar constantemente o uso dos sinais terena buscando identificar essas características.

Presenciei o uso de sinais terena para evidenciar emoções como alegria, tristeza, preocupação. Presenciei uma mãe ouvinte solicitando a cooperação de seus filhos para me levar da aldeia para a cidade, por exemplo e em outros momentos (para cozinhar, etc). Vi amigas conversando, como Tainara e uma prima e Tainara e Giane, fazendo perguntas e afirmações. Vi surdos, que segundo informações nunca aprenderam a língua brasileira de sinais contarem histórias de seu passado. Contando por exemplo, como ficaram surdos, com sua família interpretando para mim em português, pois só se expressam por meio dos sinais terena.

6.3.2 Arbitrariedade

As autoras pontuam que

O caso mais óbvio de arbitrariedade da língua diz respeito à relação entre forma e significado. As palavras e os sinais apresentam uma conexão arbitrária entre forma e significado, visto que, dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma. Os símbolos usados são arbitrários; não há, por exemplo, uma conexão intrínseca entre a palavra ‘cão’ e o animal que ele simboliza. (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 26)

A arbitrariedade está presente mesmo nos sinais terena em que fica clara a presença de iconicidade (que são a maioria, senão todos os que conheço). Mesmo em sinais como MANDIOCA, NAMORAR, TOMAR-BANHO e outros, certamente há arbitrariedade, pois na língua brasileira de sinais e em outras línguas de sinais eles podem ser completamente diferentes (em configuração de mão, locação, movimento e orientação da mão). A iconicidade dos referentes não é transparente para as pessoas do mesmo modo, além dessa se perder com o tempo.

6.3.3. Padrão

As línguas humanas apresentam um padrão de organização dos elementos. Em português, tomando como exemplo os sons *a, b, s, l*, esses sons podem ser arranjados da seguinte forma: blas (por exemplo, blasfêmia). As outras possibilidades, tais como **slab, *blsa, *albs* e **lbsa* são excluídas.

Cada item lexical apresenta um padrão de colocação na combinação ou substituição por outros itens, conforme ilustra os exemplos apresentados anteriormente.

A língua pode ser então considerada como uma rede de elementos interligados em que cada item é mantido em determinado local conforme a relação com os outros itens. Os itens lingüísticos adquirem significado como parte de uma ampla rede lingüística. (QUADROS, KARNOPP, 2004, pp. 27-28)

Os sinais terena, ao que tudo indica, apresentam padrão de organização morfológica – considerando como parâmetros morfológicos a configuração de mão, a locação, o movimento e a orientação da mão, e não fonológicos, assim como Quadros e Karnopp os consideram. Esses parâmetros sempre são combinados em todos os sinais como pode se ver nos dados analisados. Além disso, percebe-se que os sinais são convencionados inclusive sintaticamente pois há estabelecimento de comunicação.

Os familiares ouvintes conhecem e usam os sinais terena quando conversam com os surdos da comunidade. Essa é mais uma evidência de que se trata de uma língua já estabelecida há algum tempo.

Sabendo então que “a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural” e que “isto é verdade para todas as línguas do mundo” (QUADROS, KARNOPP,

2004, p.28) então mediante as análises dessas características apresentadas temos evidência de que os sinais terena constituem uma língua com características universais.

6.4. Contra-evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais

Presenciamos o uso da LIBRAS juntamente com os sinais terena entre os surdos que conhecem aquela língua. Outra contra-evidência seria o fato de haver um conhecimento passivo dos sinais, ou seja, na base da dedução para a compreensão desses sinais nativos entre os surdos terena.

6.5. Sobre o uso dos termos ‘fonema’ e ‘fonologia’ em estudos de línguas de sinais

Apesar das diferenças devido à modalidade entre línguas de sinais e línguas orais, o termo ‘fonologia’ também é usado para as línguas de sinais. Stokoe propôs o uso do termo ‘quirema’ para as unidades fonológicas (configuração de mão, locação, movimento) e consequentemente, ‘quirolgia’ para o estudo deles. Entretanto, diversos pesquisadores, incluindo Stokoe posteriormente, utilizam os termos tradicionais para tratar das unidades fonológicas das línguas de sinais, aproximando os estudos dos dois tipos de língua. (conferir QUADROS, KARNOPP, 2004, p.48)

As línguas de sinais, conforme um considerável número de pesquisas, contém os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que tem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 48).

Já foi coletada uma amostra de léxico considerável com os surdos terena (dos sinais terena), sendo detectada convenção no seu uso e parece haver um sistema de regras que regem seu uso, sua sintaxe, mas que necessita de maiores e detalhados estudos.

6.6. Sobre os parâmetros morfológicos e como os enxergamos neste trabalho

Conhecer bem os parâmetros fonológicos da língua de sinais é extremamente importante e necessário para o pesquisador dessa modalidade de língua, que irá usá-los na descrição e/ou transcrição de seus dados, na observação deles e suas unidades mínimas e de como se dá a relação entre eles na constituição morfológica e sintática da língua. Observar coincidências e diferenças com outras línguas de sinais e orais pode contribuir para discussões de teorias lingüísticas e ampliar os conhecimentos nessa área. Portanto coloco agora uma breve descrição desses parâmetros, lembrando que eles são vistos de maneiras diferentes por estudiosos da área, o que gera inclusive certa polêmica, buscando deixar clara minha posição sobre o método de análise:

Configuração de Mão (CM):

A LIBRAS apresenta 46 configurações de mão, de acordo com Ferreira (2010). O sistema dessa língua é muito semelhante ao da ASL. Entretanto, nem todas as línguas de sinais possuem inventários de CMs idênticos, como se nota nos sinais terena – por exemplo no sinal MAMÃE.

Movimento (M):

O Movimento pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço (KLIMA, BELLUGI, 1979 apud QUADROS, KARNOPP, 2004, p.54)

Mudanças no movimento servem para distinguir itens lexicais por exemplo, nomes e verbos (SUPALLA, NEWPORT, 1978 apud QUADROS, KARNOPP, 2004, p.54)

Além disso, variações do movimento podem estar relacionadas à direcionalidade do verbo por exemplo, o verbo OLHAR. Variações em relação ao tempo dos verbos também traços dos movimentos em Ferreira-Brito. (KLIMA, BELLUGI, 1979 apud QUADROS, KARNOPP, 2004, pp. 55-56)

Locações (L):

Na língua de sinais brasileira, assim como em outras línguas de sinais, o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 57).

Orientação da Mão (Or):

Existem seis tipos de orientação da mão, segundo Quadros e Karnopp: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 59).

Expressões não-manuais (ENM):

Movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco, prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 60).

Análise de locações dos sinais terena:

Quadros e Karnopp lembram que os estudos sobre o parâmetro locação não são frequentes. Um trabalho importante sobre esse parâmetro foi o de Battison, que observou uma de suas propriedades mais importantes:

nenhum sinal pode ser especificado para mais de duas locações que devem estar na mesma área principal do corpo. As únicas exceções a isso são sinais compostos ou sinais derivados de sinais compostos. (BATTISON, 1978 apud QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 48)

Dentre os sinais terena, observamos o uso do sinal DANÇA DO BATE-PAU (que consta no DVD anexo a esta dissertação). Esse parece ser um sinal composto, sendo que é realizado com um dos pés batendo contra o chão e uma mão em “S” com orientação para a esquerda (no caso do sinalizante destro) fazendo um curto movimento de bater, direcionado para baixo. A mão está iconicamente ligada ao movimento que os homens terena realizam

segurando uma vara de madeira enquanto são feitos os passos da dança. O movimento do pé representa o ato de dar esses passos. Então, uma parte do sinal é realizada na região do tronco e outra, na região dos pés. Não se conhece nenhum sinal realizado abaixo da região do tronco, exceto em situações extraordinárias (por exemplo, duas pessoas sinalizando deitadas, com um dos braços e uma das mãos sendo utilizada para apoiar a cabeça) ou se tratando de vestuário (como uma saia) ou anatomia das pernas, na LIBRAS. Mesmo assim, não seria o caso de sinalizar utilizando os pés. Em outras línguas de sinais o uso dessa área de locação para sinalização também é rara. Pode ser que existam mais sinais terena que tenham essa locação diferente. É necessário estudar mais aprofundadamente essa característica e descobrir suas implicações na estrutura desse sistema lingüístico.

O sinal DANÇA DA SIPUTRENA, por outro lado, apresenta apenas uma locação, que é a região do quadril, porém destaca-se a sua configuração de mão e o seu movimento, que é o movimento de abaixar o tronco para a frente e voltar à posição inicial. Apesar de ser uma representação do movimento que as mulheres fazem nessa dança - portanto sendo baseado em iconicidade - esse movimento é diferente de todos os outros dos sinais terena que coletamos e também dos sinais da LIBRAS. Essa característica exige maiores análises posteriores.

Os sinais terena também apresentam locação inicial e final, como em NAMORAR: sendo locação a) lábios e b) frente aos lábios.

6.7. Morfologia das línguas de sinais

É necessário no estudo de uma língua e sinais a observação da constituição morfológica de suas unidades lexicais:

Colocando que a

Morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras ou dos sinais, assim como das regras que determinam a formação das palavras. A palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os *morfemas* são as unidades mínimas de significado. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 86)

procuraremos observar os morfemas dos sinais terena.

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio, etc. As línguas de sinais tem um léxico e um sistema de criação de nove sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinados. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 87)

Buscamos então, se possível, estabelecer categorias lexicais ou classes de palavras às quais os sinais terena pudessem pertencer, visto que não são gestos aleatórios, apresentam padrão em seu uso e sua constituição.

Segundo Quadros e Karnopp

A análise dos sinais soletrados manualmente ilustra a similaridade entre as línguas orais e as línguas de sinais com respeito ao modo de organização dos empréstimos lingüísticos no léxico da língua em questão. O que é único nas línguas de sinais é que o vocabulário estrangeiro entra na língua via um sistema que representa a ortografia de uma língua estrangeira (PADDEN, 1998, apud QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 92).

Todas as línguas naturais sofrem influências e fazem empréstimos lingüísticos de outras línguas conforme suas necessidades. Nos sinais terena, porém, observamos o uso de dois sinais com influência da LIBRAS em sua constituição, ou empréstimos: ALDEIA DE CACHOEIRINHA e CACIQUE. Esses empréstimos, ou influências, se manifestam pela ortografia da língua portuguesa na configuração de mão em “C”, representando a mesma letra do alfabeto da língua oral. Essa influência, portanto, do português sobre a LIBRAS, foi transferida, por sua vez, da LIBRAS para os sinais terena.

Devemos observar também uma característica notável em línguas de sinais: **os classificadores**.

Os classificadores tem distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos. Por exemplo, para descrever uma pessoa caminhando em um labirinto, o sinalizador deve usar um classificador em que a configuração de mão (referindo a pessoa) move-se em zigue-zague; para descrever um carro andando, o sinalizador produz uma configuração de mão em “B”, que refere-se a veículos. Essas configurações de mão, ocorrem em predicados que especificam a locação de um objeto (por exemplo a posição de um relógio, uma folha de papel ou um copo) ou a forma de um objeto (por exemplo, uma vara fina e comprida). (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 93)

É preciso refletir, então, na possibilidade de existir classificadores nos sinais terena. Esse seria mais um indicativo de que eles configuram uma língua.

No sinal TERERÉ, por exemplo, na configuração de mão usa-se apenas um dedo, o dedo indicador, para fazer referência à bomba utilizada para sugar o tereré. Sendo a bomba do tereré um objeto fino e cilíndrico, e não grosso e nesse mesmo formato, como os referentes ‘cana’, ‘mandioca’ ou ‘árvore’, e representada por apenas um dedo e não mais, então, parece haver um padrão de representação icônica. Em outros sinais, como PINTURA CORPORAL, apenas um dedo é utilizado para representar cada risco feito no rosto ou no corpo. Seria então o uso do dedo indicador ou de um dedo um classificador relativo à forma de um objeto, - uma das funções de um classificador, como colocado pelas autoras?

No sinal TV o formato e o tamanho (tamanho relativo) do objeto são representados com as mãos em B.

No sinal MELANCIA o formato e o tamanho do referente – ou seja, a parte externa - são representados pelas mãos em B e as sementes são representadas pelo curto movimento do dedo indicador com a orientação de mão para frente, e localizado dentro do espaço visual do referente melancia ou que representa a casca da melancia.

No sinal MANDIOCA a configuração é bem diferente para cada uma das mãos. A mão esquerda (para um sinalizante destro) é fechada em “S” e orientada para baixo, sendo que o antebraço é localizado na região do troco, à frente do ventre, e ele é quem representa o referente mandioca. A mão direita, porém, configurada em “B”, é usada, juntamente com um movimento descendente sobre o antebraço para representar a casca da mandioca caindo, quando essa é descascada.

Portanto, principalmente na função de destacar a forma dos objetos, parece haver classificadores no sinais terena.

Quadros e Karnopp discutem processos de mudanças morfológicas na LIBRAS e na ASL. Elas lembram que a LIBRAS “pode derivar nomes de verbos pela mudança no tipo de movimento. O movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos.” (QUADROS, KARNOPP, 2004, pp. 96-97). Então, por exemplo, o verbo TELEFONAR é composto de apenas um movimento, enquanto o nome TELEFONE é composto de dois movimentos curtos, com a mesma configuração e orientação de mão, na mesma locação. O mesmo se dá com SENTAR e CADEIRA, PERFUMAR e PERFUME, e muitos outros (idem, p. 97). Os parâmetros configuração de mão, locação, movimento e orientação de mão permanecem os mesmos, apenas o movimento se modifica.

Até o presente momento, não há indicativos de que os surdos terena tenham um padrão regular para distinção de nomes e verbos como esse/ façam distinção entre nomes e

verbos dessa maneira. Pode ser que façam essa distinção pelo contexto ou de outra forma que ainda não foi identificada.

As autoras falam sobre **flexão** nas línguas de sinais.

“Há vários processos de flexão descritos na ASL por Klima e Bellugi (1979), como pessoa (dêixis), número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal, aspecto temporal, aspecto distributivo” (QUADROS, KARNOPP, 2004, pp. 111-112). Cada um destes processos também está presente na LIBRAS.

Sobre a dêixis, as autoras lembram que é feita estabelecendo “nominais no espaço, no meio da apontação propriamente dita.” (idem, p. 112)

Há várias formas de se determinar os pontos estabelecidos no espaço. A mais comum é a apontação explícita envolvendo referentes presentes e não-presentes. Para os referentes presentes e não-presentes. Para os referentes presentes a apontação é feita à frente do sinalizador direcionada para a posição real do referente. No caso de referentes não-presentes, estabelecem-se pontos arbitrários no espaço. Quando a referência envolver localizações específicas, observam-se as posições topográficas. (QUADROS, KARNOPP, 2004, pp. 114)

Além disso, é importante destacar o papel da posição do corpo e do olhar na dêixis em línguas de sinais: “ainda sobre o estabelecimento de pontos, a direção do olhar e a posição do corpo também podem servir para estabelecer referentes. A direção do olhar é uma forma de manifestação da concordância que sempre acompanha a flexão verbal.” (QUADROS, KARNOPP, 2004, pp. 115)

Esse tipo de flexão foi observada nos sinais terena. Como por exemplo na sentença PAPAI (apontação) – CORTAR – AQUELA (apontação) – ÁRVORE. (papai foi cortar aquela árvore), que consta no DVD anexo. O corpo, os olhos e a mão apontam na direção da árvore.

Aqui pontuo, então, características dos sinais terena, que são características presentes nas línguas naturais. Apresento evidências e contra-evidências de que os sinais terena constituem uma língua de sinais, que continuarão sendo estudadas.

7 Conclusões Finais

No contexto do uso dos sinais terena e sua provável constituição de uma língua, precisamos refletir sobre a relação da cognição com a lingüística:

Com a psicologia – Estudos nas áreas de Psicolinguística e de Aquisição da Linguagem revelaram a importância da aquisição de uma língua em tempo hábil pela criança, desde sua mais tenra idade. A privação desse desenvolvimento lingüístico na criança conduz a prejuízos de ordem comunicativa e cognitiva. O desenvolvimento cognitivo afetado pode acarretar danos irreparáveis no desenvolvimento global do indivíduo surdo. A falta de comunicação gratificante nos primeiros anos de vida pode criar inseguranças ou outros problemas de ordem emocional que perdurarão durante toda a vida do surdo e que resultarão, muitas vezes, no delineamento de perfis psicológicos não realistas da comunidade surda. (FERREIRA, 2010, pp.13-14)

Como não foi detectado nenhum prejuízo cognitivo nos surdos terena, de maneira geral em nenhum surdo terena com o qual conversamos, então se deduz que eles não tiveram nenhum problema no desenvolvimento lingüístico quando crianças. Se eles não tiveram nenhum problema no desenvolvimento lingüístico na infância, é sinal de que não passaram por privação lingüística. Se não tiveram privação lingüística e não aprenderam LIBRAS quando crianças, somente na juventude e mesmo assim só alguns deles, isso é um indicativo de que eles usavam outra língua (ou uma língua) quando eram crianças. Se eles não falam nenhuma língua oral, não são oralizados nem em português nem em terena (ou outra L.O.) então essa língua era uma língua de sinais. Se essa língua de sinais não era a língua brasileira de sinais, então eram os sinais terena. A pesquisa se desenvolveu em torno dos sinais terena, mas ainda não temos todos os dados que gostaríamos por falta de tempo e recursos, para confirmar, porém, como já colocamos aqui, há vários indicativos de que se trata de uma língua com estrutura, com gramática. Entretanto, os objetivos de fotografar e filmar sistematicamente sinais terena, analisá-los, descrever alguns de seus aspectos morfológicos e seu uso foram alcançados.

Como já dito, gostaríamos de trabalhar, se fosse possível, com mais surdos terena, mas optamos por trabalhar com os terena da região de Miranda-MS, cujas famílias e comunidade em geral demonstraram grande interesse e primeiramente nos concederam não só a idéia mas

grande apoio para o projeto. Seria muito difícil, com os recursos que temos, trabalhar em outras regiões além desta, mas acreditamos que o trabalho com surdos terena dessas aldeias possa ser relevante e útil no trabalho com surdos terena de outras regiões, bem como futuros trabalhos de pesquisadores, professores, intérpretes e familiares de surdos de outras etnias. Além disso, podemos pensar em projetos futuros com mais surdos terena, caso se descubra a existência destes.

Pensamos para o futuro produzir DVDs e talvez também livros, materiais didáticos e/ou lista de palavras ou pequeno dicionário, que possam auxiliar a familiares, professores, intérpretes e enfim, a todos os que estão próximos e tem interesse em aprender sua língua. Isso deve ficar para um projeto de doutorado seguido desse trabalho, e também fica como sugestão para interessados da comunidade ou de fora dela.

Em 2012, hospedados em casa de uma família na aldeia de Cachoeirinha, foi possível fazer uma observação bem mais acurada de dados culturais, antropológicos, sociais, educacionais e também linguísticos. Pudemos conhecer nessa viagem, 13 surdos terena, que trabalharam como nossos informantes, muitas vezes acompanhados de seus familiares e de outros surdos. Muitas vezes também visitamos as famílias de surdos acompanhados por Ondina, que é professora de língua terena em uma escola da aldeia Cachoeirinha, muito conhecida e querida na comunidade. Isso facilitou o contato com os surdos e suas famílias nas aldeias em que trabalhamos. Conversando com os ouvintes em português e procurando estabelecer diálogo com os surdos em LIBRAS, pude perceber que nem todos conhecem a língua brasileira de sinais, mas alguns se comunicam com seus parentes e outros surdos utilizando outros sinais. Buscava então, realizar a coleta a partir do tratamento de assuntos do cotidiano. Quando não compreendia os sinais, os familiares faziam a interpretação para o português para mim e algumas vezes os próprios ouvintes se prontificavam a me ensinar os sinais diferentes, principalmente ao perceber que os surdos muitas vezes se sentiam constrangidos por utilizar sinais diferentes da LIBRAS. À medida que mais informantes eram consultados, mais sinais eram aprendidos. Calculam-se hoje diversos sinais, que decidimos nomear de “sinais terena”. Os mesmos sinais várias vezes foram encontrados em uso por surdos de aldeias diferentes. Um desses surdos é uma senhora de 70 anos de idade. Portanto, percebe-se a necessidade atual de descobrir como surgiram esses sinais na comunidade, qual a sua origem, de que maneira se propagaram, se tornaram conhecidos e utilizados. É necessário saber se há um padrão no uso deles e talvez fazer um estudo com o uso de estatísticas, para reconhecer com mais detalhes esses padrões.

Nessa viagem em 2012, também oferecemos, a pedido da comunidade, oficinas de capacitação para professores das aldeias Cachoeirinha, Babaçu, Argola e Mãe Terra sobre História da Educação de Surdos, sinais básicos da LIBRAS e debate sobre o filme “Seu nome é Jonas”, que trata da relação de um garoto surdo com sua família e a sociedade em geral. Pudemos coletar dados importantes para o entendimento de como essas relações se dão nas aldeias já citadas a partir de debates e de questionários que foram preenchidos após a exibição do filme.



SILVA, E. O., Coleta de dados com informantes, 2012



SILVA, E. O., Oficina com professores da Aldeia de Cachoeirinha, 2012

Também pudemos conhecer professores, diretores, intérpretes, funcionários e colegas dos surdos que estudam em escolas na cidade de Miranda, tendo maior acesso assim, a sua realidade social e educacional.

Observei também existência de classificadores e incorporação de negação nesses sinais, o que são mais indicativos de que se trata de uma língua, e não apenas de sinais isolados.

Nesse momento, os aspectos linguísticos não puderam ser mais desenvolvidos, pois ainda tenho coletada uma quantidade pequena de dados, que deverá ser aumentada para a pesquisa do doutorado.

Ainda não se pode chegar a uma conclusão definitiva, mas alguns desses sinais podem ser também uma variedade da LIBRAS, pois podemos notar também algumas semelhanças entre seus sinais. É necessário fazer uma comparação detalhada dos sinais e também um levantamento bibliográfico de todos os índios surdos no Brasil de que se tem notícia e de como se constituem seus sinais, futuramente, para confirmar nossas hipóteses.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALÉE, W. **Ka'apor: língua.** 1998. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaapor/652> Acesso em: 22/01/2014

BITTENCOURT, C. M. F.; LADEIRA, M. E. **A história do povo Terena.** Brasília : MEC ; São Paulo : USP/CTI, 2000. 156 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF, Senado, 1998.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010: **Características Gerais dos Indígenas.** Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_dos_Indigenas/pdf/Publicacao_completa.pdf. Acesso em: 01/10/2013.

FARGETTI, C.M. Pesquisa de línguas indígenas – questões de método, in DEL RÉ, A. et al(orga.) **Estudos linguísticos contemporâneos:diferentes olhares.**Série Trilhas Linguísticas – 23, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 115-130

FELIPE, T. A.**Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos.** In. Revista Espaço. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JAN-DEZ./ 2006, P.33-47.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, A. **Libras? Que língua é essa? : Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.**São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROLETTI, M.F.P. **Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

GIVÓN, T. **A compreensão da gramática.** São Paulo: Cortez; Natal, RN: EDUFRN, 2012.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista.** São Paulo: Plexus Editora, 1997.

KAKUMASU, J. Y. **Urubu-Kaapor Sign Language.** In: Summer Institute of Linguistics, 2005. Disponível em:<http://www.sil.org/americas/brasil/LANGPAGE/PORTUKPG.HTM>. Acesso em: 15 mai. 2013.

KLIMA & BELLUGI. **The Signs of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

LIMA-SALLES & NAVES (orgs). **Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos**. Goiânia: Cênone Editorial, 2010

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011

NEVES, M.H.M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 34. ed. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix Ltda, 2012.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (ed) **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. vol.I.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

VILHALVA, S. **Índios surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012

XAVIER, C. T. S. **A Escola e o Desenvolvimento Motor em Escolares**. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará; 2009

ANEXOS

Gostaria de colocar aqui informações e agradecimentos em forma de imagens, para que os surdos terena possam apreciar e entender mais do nosso trabalho por meio dessa linguagem, bem como todos os ouvintes que também desejarem.



Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

Hudson com seus pais e seus irmãos

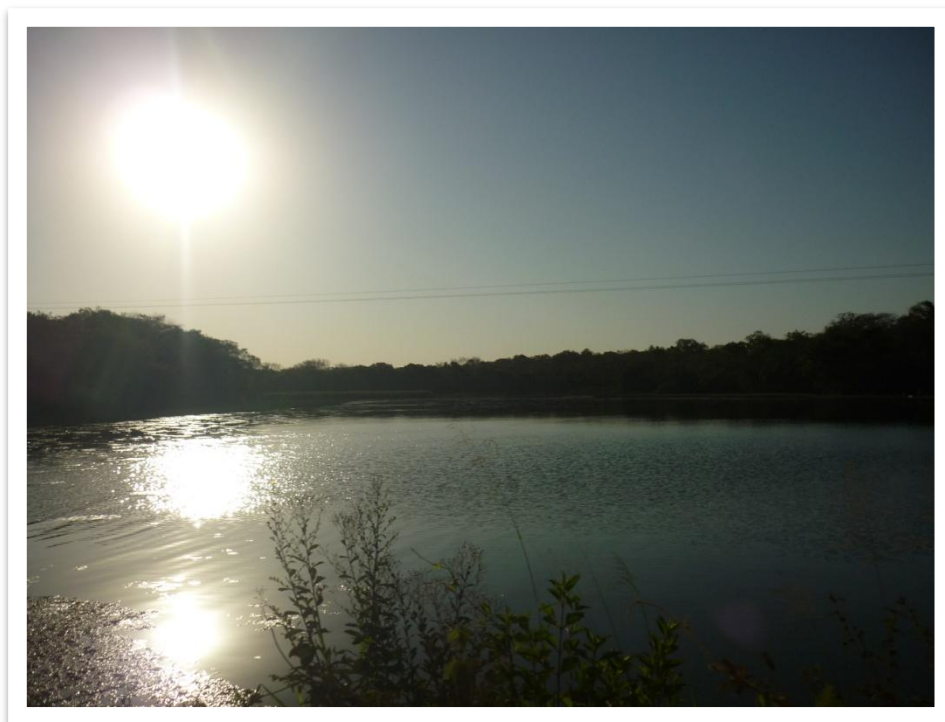


Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

Açude da Aldeia de Cachoeirinha



Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

Bebeto e Dully tomando tereré conosco



Foto por: Evandro de
Oliveira Silva
08/2012

Ondina e sua neta



Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

As amigas Graciele, Tainara e Giane, com a pesquisadora



Foto por: Evandro de Oliveira Silva
08/2012

Momento divertido em aula sobre línguas de sinais na escola estadual da aldeia de Cachoeirinha



Foto por: Evandro de Oliveira Silva
08/2012



Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

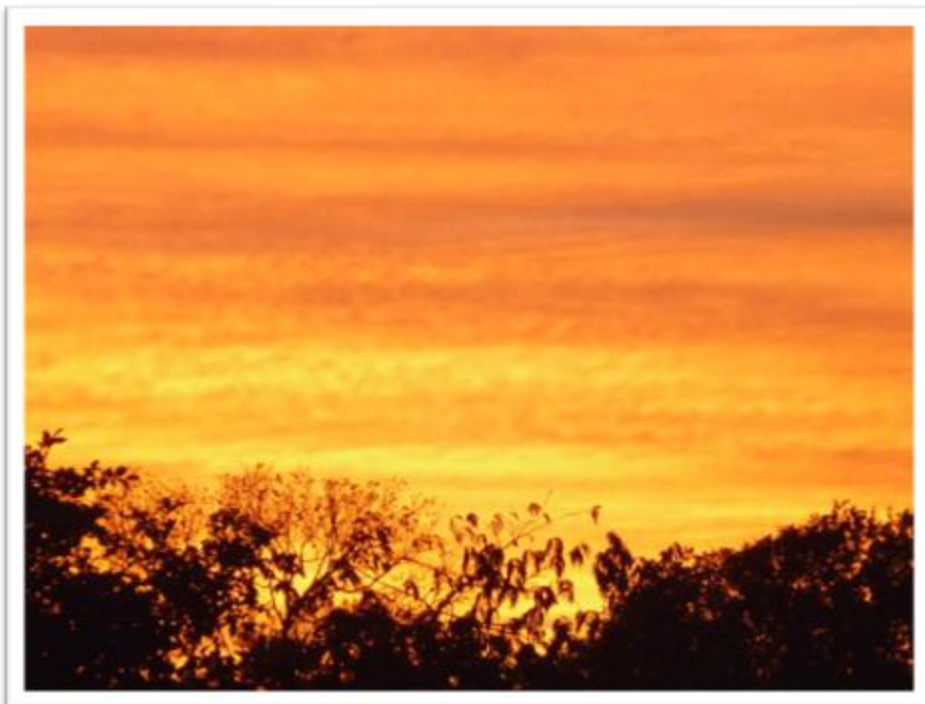


Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

Pôr-do-sol em aldeia de Cachoeirinha



Foto por: Evandro
de Oliveira Silva
08/2012

Evandro ensina técnica de fotografia noturna para Tainara e Bebeto